CEMAP_AQUI_SAO_PAULO_8_A_14_DE_JANEIRO_DE_1976_N_8

FUNDO CEMAP
FA

SÃO PAULO

8 a 14 de
janeiro de 1976

Ano I
Número 8

Cr$ 5,00

Diretor Editorial
SAMUEL WAINER

AQUI
SÃO PAULO

CASSAÇÕES
Os bastidores da história sobre as duas punições e os novos boatos.
Página 10

FA CEMAP - HEMEROTECA
CLASS.

VALE Cr$ 20.000.000

AGORA, NEM PÃO NEM CIRCO
PÁGINA 22

A peça Sinbad acaba em xingamentos

Brasileiro é bobo?
Você é considerado o consumidor mais lesado do mundo: não sabe que deve conferir cada compra e que pode reclamar de tudo. Agora surge em São Paulo alguém para defendê-lo: é a nossa Ralph Nader.
Página 8

A noite dos assassinos
Quando a luz vermelha se acende, é sinal de que alguém foi assassinado, em algum ponto de São Paulo. Então aquele grupo esquece a champanha, a rainha, o rei, e sai à procura do criminoso.
Página 19

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O LEITOR

Você pode ganhar uma coleção de livros no valor de seiscentos cruzeiros — a "História da República Brasileira", de Hélio Silva, em 16 volumes, se for autor da melhor carta publicada na semana, de preferência debatendo um assunto ligado à cidade. O ganhador da semana passada foi o leitor Valter do Carmo, que pode vir à redação do AQUI para retirar sua coleção. O endereço para Valter e para quem vai enviar cartas é: avenida Paulista, 2006, 15º andar.

Multas que ressuscitam

Sr.:

Como a maioria dos motoristas desta cidade, habituei-me a encarar com naturalidade o número sempre crescente de multas de trânsito indevidas, que me surpreendem a cada vez que vou licenciar meu carro. Mais ainda, aprendi a, pacificamente, seguir o caminho que a lei indica para esses casos: recorrer contra as multas injustas, junto às assim chamadas JARIS (o significado da sigla, confesso, não fui capaz de decorar).

E assim fiz em 1974: das seis multas com que me contemplaram os zelosos bentevis, três haviam sido aplicadas em locais por onde eu nunca havia passado (um, na verdade, eu nem conhecia); por isso, entrei com três recursos.

Dos três recursos, um foi indeferido e dois foram julgados procedentes. Se parasse aí, minha carta poderia ser assinada pelos milhares de leitores deste jornal e por muitos outros leitores, de muitos outros jornais do País.

Mas é justamente aí que **começa** a minha história.

No ano passado, dirigi-me ao DSV, com o espírito devidamente preparado para as inevitáveis surpresas. Mas, como um daqueles "trens-fantasmas" dos parques de diversões, que reservam o maior susto sempre para o final, o DSV conseguiu se superar. Depois de toda a documentação preparada, faltando só aquele carimbo com as tão ansiosamente esperadas palavrinhas "Nada Consta", veio o choque: entre as muitas multas atribuídas ao meu pacato fusca, lá estavam elas, aquelas duas que a própria JARI julgara improcedentes

Que fazer?

Mais uma vez, parti decidido a respeitar a lei. Só que desta vez era ainda mais complicado respeitar a lei: para poder conseguir a plaqueta para a lacração do carro, eu teria que **pagar todas as multas** — inclusive aquelas duas. Depois, explicaram-me no DSV, eu só teria que apresentar o protocolo dos recursos deferidos um ano antes, para receber de volta o valor das duas multas — cerca de 200 cruzeiros cada uma.

Paguei.

Seguindo as instruções, fui ao DSV, munido do tal protocolo. Foi então (prenem!), que recebi a informação que me deixaria com uma vontade irresistível de ofender a todos os circunstantes (funcionários, motoristas, despachantes e injustiçados como eu): **o meu dinheiro** só seria devolvido seis meses depois. Sem juros, nem correção monetária, claro.

E agora, sr.? Depois de cumprir reiteradamente a lei, sinto aquela desagradável sensação de ter sido logrado.

A velha desculpa dos computadores, eu não aceito. Afinal de contas, essas máquinas maravilhosas, infalíveis, não iriam errar sempre contra nós, pobres pagadores de multas e impostos.

Então, sr., quem será o culpado?

Começo a acreditar que sou eu, um cumpridor de leis reincidente. F. Moherdaui — Capital.

Mais um janista

Sr:

Lí no número 7 de AQUI, do mês de dezembro, uma referência do sr. Dias M. Sobrinho sobre o Partido Nacionalista. Um partido que pretende lutar pelos interesses verdadeiramente nacionais. Um partido que pretende lutar pelo povo e pela cultura nacional, já tão abalada e quase totalmente corroida. Um partido inspirado nas idéias nacionalistas do sr. Janio Quadros. Este é um partido que deveria estar em plena atuação, mas parece que lhe foi negado o direito de lutar pelo Brasil. É certo que uma onda de nacionalismo varrerá esta América Latina, e é certo que ela chegará a este gigante sul-americano. Quando isto acontecer, espero ver o Partido Nacionalista lutando pelos interésses deste povo tão pisado e sofrido.

Marco P. Ciancio, Pirituba

O leitor Dagoberto veio à redação para receber o premio como autor da melhor carta publicada na semana passada — falava da construção de novas linhas do mertô, abrindo debate contra defensores do Caetano de Campos.

Viraram notícia

Os jornaleiros de São Paulo conseguiram, com a Lei 171/75, tres benefícios que esperavam há longo tempo: a permissão de transferencia de pontos (venda de bancas); a diminuição das taxas cobradas pela Prefeitura; e a legislação das bancas ainda não oficializadas. As taxas de 6 a 10 salários mínimos foram reduzidas para 4 a 6 salários mínimos na zona central, enquanto nos bairros serão de um e meio a tres salários mínimos. A vitória foi do presidente do Sindicato dos Distribuidores e Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo, Wladimir Tolusso (na foto entre Claudio Lembo, secretário dos Negócios Extraordinários da Prefeitura e o representante do Ministério do Trabalho).

AQUI SÃO PAULO

DIRETOR EDITORIAL
Samuel Wainer

EDITOR GERAL
Sérgio de Souza

EDITOR ADJUNTO
Narciso Kalili

REDATORES:
Guilherme Cunha Pinto, Sergio Vaz

REPÓRTERES
Takao Miyagui, Antonio Carlos Fon

FOTÓGRAFOS
Geraldo Guimarães, Amancio Chiodi, Joel Sian

ARTE
Valdir de Oliveira,Sérgio Fujiwara

COLUNISTAS
Ricardo Kotscho, C.B., Klaus Kleber, .C. Bittencourt, Hella Poli, rubens Ewald Filho, Pola Vartuck, Daniel Más, Renato de Moraes, Pietro Maria Bardi, Moacir Werneck de Castro, Gilberto Mansur, Claudia Andujar,. Mauro Chaves, Sérgio Mello, Ignácio de Loyola, Reginaldo Fortuna.

COLABORADORES
Michel laurence, Walter Negrão, Roberto Santos, Fernando Morais, Abilio Pereira de Almeida, Isabel Regis, Silvia Campolin, Joaquim Rodrígues Mathias, Ignês Knaut Wilson moherdaui, Joelmir Betting, Jorge da Cunha Lima, Hamlet Paoletti, Lucila Simonsen Santos.

AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Brasil—Mundo Ltda. **Redação e Publicidade:** Av. Paulista, 2006 - 15º andar. Fone: 288.1133. **Administração:** Rua 7 de Abril, 264 - 8º andar - salas 817/18. Fones: 32.1438 e 34.0218, São Paulo, SP. Distribuição: Abril Cultural e Industrial — rua do Curtume, 554 — Fones: 262.7977 e 65.8416, São Paulo, SP. Composto e impressoi na PAT — Publicações e Assistências Técnicas Ltda., rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, São Paulo.

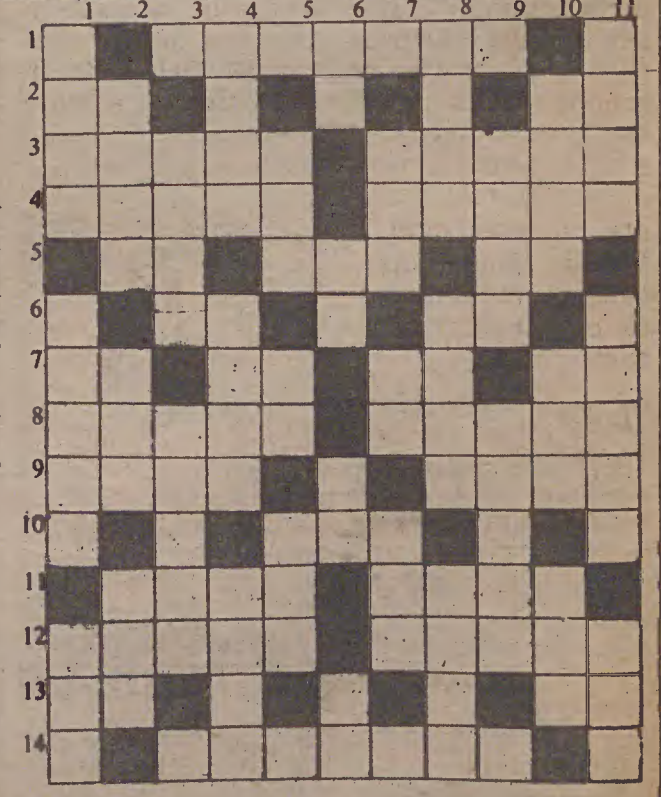
CRUZADAS

Horizontais:

1. Tenda de acampamento, morada provisória.
2. Exímio, campeão. Sufixo feminino, correspondente a "éu".
3. Adversário, competidor. Extensão de água, represada artificialmente.
4. Peixe de água doce, muito procurado para aquários. Gradação de cor.
5. Antigo Testamento. Curso de água doce. Um dos satélites de Júpiter.
6. O artigo "O", antigo. Estado de Alagoas.
7. O érbio. Interjeição, chamamento. Cruzeiro (Abrev.) Antigo Testamento.
8. Fixar prender. Personagem mitológico, que voou até perto do Sol.
9. Falado. Assim seja.
10. Espaço de 30 dias.
11. Covil, esconderijo. Esquife, caixão mortuário.
12. Atraiçoar. O mesmo que cipó.
13. Nesse lugar. Opus.
14. Residente.

Verticais:

1. Incomum, preciosa. Muito rápido. Igual ou semelhante.
2. Punhal dos antigos romanos. Achar graça. Três vezes.
3. Poeta, profeta. Chuvinha miúda e persistente.
4. Amarrar. Sincero, franco. Cume, ápice.
5. A casa da família. Partir. Parte do oceano.
6. Atração, charme. Parte de trás de um navio. Ruim, perversa.
7. Senhor, dono. Mãe de tudo (em tupi). Ponto cardeal.
8. Animal selvagem. Caixa de grande dimensões. Cerimônia, ritual.
9. Aproveitável, necessário. Suave, doce.
10. Raiva, aversão. Medida agrária. 365 dias.
11. Índole, qualidade. Parcela de um corpo simples, outrora considerado indivisível. Pá, omoplata da rês.



Soluções

Horizontais: 1. Barraca. 2. As, Oa. 3. Rival, Açude. 4. Acará, Matiz. 5. At, Rio, Io. 6. El, Al. 7. Er, El, Cr, At. 8. Ligar, Icaro. 9. Oral, Amem. 10. Mês. 11. Toca, Urna. 12. Trair, Liana. 13. Al, Op. 14. Morador. **Verticais:** 1. Rara, Veloz, Tal. 2. Sica, Rir, Tri. 3. Vate, Garoa. 4. Atar, Leal, Cimo. 5. Lar, Ir, Mar. 6. Ri, It, Ré, Má. 7. Amo, Ci, Sul. 8. Caça, Arca, Rito. 9. Útil, Amena. 10. Ódio, Are, Ano. 11. Jaez, Átomo, Apa.

SUMÁRIO

São Paulo, 8 a 14 de janeiro de 1976 — Ano I — número 8

8 Por que o brasileiro não confere o peso do que compra, ou a nota do restaurante? É só falta de educação mesmo?

10 Depois das cassações eminentemente políticas de dois deputados paulistas, viriam outras. Por corrupção, conforme rumores.

13 Celso Matsuda foi eleito pelos jornalistas da Câmara Municipal de São Paulo o melhor vereador de 1975. Um lider precoce, Matsuda critica, na entrevista de AQUI, tudo o que vê de errado não só no plano municipal, como no estadual e federal.

15 Os compromissos comerciais de Pelé — intensos — neste começo de ano, que constou também de um tumultuado reveillon (talvez sua única corrida sem bola — com o sogro atrás querendo agredí-lo, dizem). E os 2 brasileiros que ele leva embora.

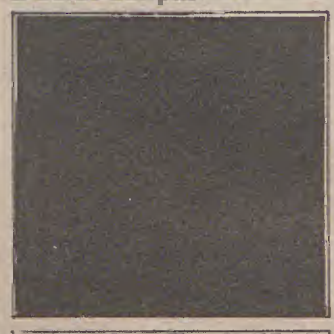
16 Depois que Emerson Fittipaldi venceu o campeonato do mundo de Formula 1, ele e sua família partiram para a realização do grande sonho: construir um imperio esportivo-financeiro capaz de concorrer até mesmo com a Ferrari. Com o Copersucar e muito dinheiro, os Fittipaldi avançam.

20 O reporter Antonio Carlos Fon e o fotógrafo Amancio Chiodi passaram a noite do primeiro de ano dentro da Delegacia de Homicídios, a mais respeitada de toda a Policia paulista.

22 O caso mexeu com todo o meio teatral paulista — 3 atores abandonam um espetaculo e desaparecem. Vários nomes famosos envolvidos, o episódio virou um meio: escândalo, com bate-boca Roupa suja.

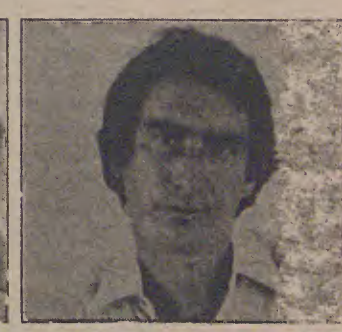
27 Um dos poucos profissionais de televisão do país, dá um depoimento sobre a máquina de fazer doido e conta os planos de conquista do povo pela TV Cultura. Entrevista, com Fernando Faro.

Quem é essa gente?



A partir desta edição, você vai contar com estes colunistas, toda semana, no **AQUI**. Muitos deles dispensam apresentação, outros irão dispensá-la num futuro certamente muito breve, mas o importante é que eles estarão interpretando, semanalmente e de uma angulação nova, a tendência manifestada em São Paulo nas áreas a que estão ligados profissional e efetivamente.

Pietro Maria Bardi falará de artes plásticas. Ignácio de Loyola Brandão mostrará a cidade através de flashes colhidos por sua sensível e fina capacidade crítica. Pola Vartuck é a responsável pelo Cinema na Rua, que fará contraponto com o Cinema em Casa, na tevê, tratado por Rubens Ewald Filho. O Teatro em Casa, que é principalmente a telenovela, assim como o Teatro na Rua, que é o de palco, estará por conta de Hella Poli. Ainda no esquema em casa e na rua, Renato de Moraes indicará a tendência no campo dos discos/fitas/rádio, e dos shows e espetáculos musicais. Moacir Werneck de Castro falará de literatura. Sérgio Mello abordará um tema esquecido pela maioria dos críticos — a música dos bares, boates, restaurantes, o café-concerto palistano. Mauro Chaves, como Mello, lança outra coluna nova na imprensa: a ficção científica estritamente ligada à cidade, que ele chama de SAO, código de São Paulo nos aeroportos. O humor de Fortuna é o humor de uma das mais lúcidas cabeças que o país conhece. Daniel Más, um talento que a cidade conquista ao Rio, desvendará os doces, às vezes picantes, mistérios da sociedade. Klaus Kleber tratará com clareza de um tema aparentemente inacessível — Economia. Ricardo Kotscho falará da política da cidade, política no sentido mais abrangente. A José Carlos Bittencourt cabe revelar os bastidores da política partidária do Palácio dos Bandeirantes à Assembléia Legislativa. Resta C[illegible], nosso incógnito colunista que abordará o São Paulo Estado e suas ligações nacionais. Ele completa o quadro de profissionais que, ao lado de nossos repórteres e colaboradores, manterão a proposta inicial de **AQUI** — um jornal que pretende mostrar o novo pensamento político de São Paulo, junto às reportagens sobre a cidade e sua gente, e ao serviço cultural e de utilidade imediata. Uma idéia tão ambiciosa como original: **AQUI** é o único jornal brasileiro exclusivamente de uma Capital, isto é, que traz a você temas sempre ligados aos fatos e personagens que representam e constroem São Paulo, na Universidade como no campo de futebol, na tribuna como nas ruas, na delegacia como no palco. Enfim, a cidade da cabeça aos pés. Ambiciosa mas humildemente.



1 — Ricardo Kotscho; 2 — [illegible]; 3 — J.C. Bittencourt; 4 — Klaus Kleber; 5 — Hella Boli; 6 — Pola Vartuck; 7 — Rubens Ewald Filho; 8 — Daniel Más; 9 — Renato de Moraes; 10 — Moacir Werneck de Castro; 11 — Pietro Maria Bardi; 12 — Sergio Mello; 13 — Mauro Chaves; 14 — Ignácio de Loyola; 15 — Fortuna.

VIRE A PÁGINA PARA UM NOVO JORNAL

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ESCOLHA AQUI

Pode-se optar entre uma carranca do rio São Francisco e a de um crioulão do Paulistano – a mesma diferença entre um lago e uma tromba d'água, isto é, entre uma exposição de fotografias e uma gafieira. Você escolhe. Há ainda um livro de Chico Buarque de Holanda com Paulo Pontes e algo de bom na televisão.

SAMBA

Paulistano da Glória, clássico de baile.
Para alguns o melhor local de diversão de São Paulo, pela concentração do ambiente, lotado de trabalhadores, principalmente negros, que só desejam divertir-se e aprimorar os passos no ritmo da gafieira. Para algumas mulheres, local insuportável, pelo assédio dos que procuram parceria para o final da noite. Ótimo conjunto de música, com uma seleção que vai de João Bosco (não Cavaquinho"), ao repertório dos Metais em Brasa, passando por Vando e Vinito de Paula. Para beber: caipirosca, cuba libre, uísque Dimply's. Funciona das 22 às 4 da manhã às quartas, sábados e domingos. Às terças, só samba. Este salão de baile fica na rua da Glória, na Liberdade.

MUSEUS

O Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1.578) está apresentando, até o próximo dia 18, a exposição "o rio e as carrancas do São Francisco". As carrancas são aquelas figuras de animais ou de homens, esculpidas em madeira, que enfeitam a frente dos barcos que navegam pelo rio São Francisco. Além de várias dessas carrancas, a exposição apresenta objetos de uso diário dos moradores das margens do São Francisco, como roupas de vaqueiro, redes de pesca, esteiras, potes, pilões, cabaças, malas, gamelas, candieiros, couros de boi e pedras de forno. A exposição é patrocinada por entidades como a Fundação Cultural do Distrito Federal, a Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo e o Ministério da Educação e Cultura, através do Programa de Ação Cultural. As peças apresentadas são de museus ou coleções particulares, ou foram recolhidas por uma equipe de pesquisa a serviço do Centro Nacional de Referência Cultural.

CINEMA

O Cinema I (rua Augusta) vai apresentar, em suas sessões especiais da meia-noite deste fim de semana, dois filmes clássicos: "O Anjo Azul", de Josef Von Sternberg, com Marlene Dietrich, à meia-noite de sexta-feira; e sábado, "Casablanca", de Michael Curtiz, com Humphrey Bogart.

Chico Buarque na Grécia e no subúrbio

Na longa e densa apresentação que os autores Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes fazem de sua peça "Gota d'água", no livro editado pela Civilização Brasileira Cr$ 40,00), eles afirmam: "Sejam quais forem os resultados artísticos desse trabalho – e temos consciência das suas limitações – gostaríamos que ele fosse entendido, apenas, como mais uma tentativa, entre tantas que começam a surgir, de reaproximação do teatro brasileiro com o povo brasileiro."

Essa é uma das preocupações predominantes dos autores: apresentar, no palco – onde nos últimos anos nosso povo esteve completamente ausente – pessoas e problemas do mundo brasileiro.

E para trazer de volta esse personagem aos palcos, Chico Buarque e Paulo Fontes foram buscar o conteúdo dramático de um texto escrito na Grécia, 2.400 anos atrás: a "Medéia", de Eurípedes.

A história de Medéia é conhecida: ela é filha do rei da Cólquida, uma maga muito poderosa que se apaixona pelo semideus Jasão, ajuda-o a obter a preciosa pele do carneiro sagrado, e depois foge com ele, tornando-se sua mulher e mãe de dois filhos. Jasão, mais tarde abandona Medéia para casar com a filha de Creonte, rei de Corinto. Medéia vinga-se provocando a morte da noiva e em seguida matando seus próprios filhos.

Em "Gota d'água", a tragédia acontece num subúrbio do Rio de Janeiro. Os personagens moram em um conjunto habitacional construído para operários. Medéia chama-se Joana, e é mulher de Jasão de Oliveira, sambista que faz uma música de sucesso chamada "Gota d'água". Jasão abandona Joana seduzido pelos encantos da filha de Creonte, dono do conjunto habitacional. E Joana se vinga matando-se, e matando seus dois filhos com Jasão, e condenando o marido e a rival à vida e à certeza de que eles só poderão sobreviver às custas dos sofrimentos dos outros.

Mas "Gota d'água" não é apenas a transposição, pura e simples, de uma tragédia grega para um subúrbio carioca, ou a transformação de uma tragédia clássica do teatro grego num desses dramas que diariamente saem nas primeiras páginas dos jornais de crime. Na sua peça, Chico Buarque e Paulo Pontes misturam a história de Joana e seu marido Jasão com a história de todos os habitantes do subúrbio pobre. E mostram que a verdadeira tragédia não é o drama pessoal dos personagens principais, e sim a de todos os moradores do conjunto.

"Gota d'água", que está sendo apresentada no Teatro Tereza Raquel, do Rio (direção de Gianni Ratto, com Bibi Ferreira, Roberto Bonfim, Oswaldo Loureiro, Luiz Linhares e Bete Mendes), é a terceira peça teatral escrita pelo compositor-poeta-cantor Chico Buarque e a segunda que chega a ser encenada. A primeira foi "Roda Viva", levada pelo Teatro Oficina de São Paulo nos tempos atribulados de 1968. A segunda, "Calabar", escrita em parceria com o cineasta-poeta Ruy Guerra, não pôde ser encenada.

"Gota d'água" nasceu de uma concepção de Oduvaldo Vianna Filho, que não pôde chegar a realizá-la: morreu em 1974. Chico Buarque e Paulo Pontes, a partir da idéia inicial de Oduvaldo Vianna Filho, fizeram, juntos, um esboço do texto. Depois, os dois passaram a trabalhar separadamente: Paulo Pontes ia escrevendo o texto, que, em seguida, era reescrito em versos por Chico Buarque. Mais tarde, novamente juntos, os dois autores reviram todo o texto.

O livro, lançado nos últimos dias do ano passado, já está entre os mais vendidos das principais livrarias de São Paulo.

TELEVISÃO

1 **Problemas**: programa de debates, que nesta semana tratará das enchentes na cidade de São Paulo. Participarão: Celso Hahne, coordenador das Administrações Regionais da Prefeitura; Octávio Camilo Pereira de Almeida, secretário de Vias Públicas; Celso Matsuda, vereador da Arena; José Storopoli, vereador do MDB; Antônio Resk, vereador do MDB; Bernardino Pimentel, presidente do Instituto de Engenharia de São Paulo; e os presidentes das Sociedades Amigos do Bairro do Parque Edu Chaves, Vila Gustavo, Campo Limpo e Cidade Jardim. **Às 23 horas de amanhã, dia 9, no Canal 2.**

2 **Agora Você é um Homem** (You're a big boy now), 1966, primeira obra de Francis Fred Copolla, seu filme de graduação em cinema na Univ. da California. Com Peter Kastner, Geraldine Page, Julie Harris. 22 h. domingo, canal 5.

3 **Samba se aprende na escola:** Sergio Cabral vai apresentar a Escola de Samba Vai-Vai, e entrevistar as principais figuras da escola, além de contar a história da Vai-Vai. **Sábado, 10, às 21h30, no Canal 2.**

4 **MPB - Especial**: apresentação do único tape gravado com o cantor Paraguassu, falecido no último dia 5. O programa é aberto com seu enterro e entrevista com sua família, seguido de uma gravação feita há cerca de dois anos. Paraguassu conta passagens de sua vida na mocidade do Brás, e canta serestas da década de 20. **Domingo, 11, às 21 horas, no Canal 2.**

5 **Interesse público:** programa de debates, com Joelmir Beting e Ney Gonçalves Dias entrevistando o deputado Francelino Pereira, presidente nacional da Arena. **Às 23 horas de segunda-feira, dia 12, no Canal 13.**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ESCOLHA AQUI

A inesperada volta de João do Vale (Carcará) ao palco, novas histórias em quadrinho infantis nas bancas, a oportunidade de ver Emerson e o Fitti-1 em Interlagos, ao vivo e de graça (porém solitário na pista), três opções de bares da moda, um filme para se dar muita risada e a contra-indicação da semana: a sra. Montiel.

João volta. Carcará também

Apesar de compor há 25 anos, o compositor maranhense João (Batista) do Vale, 43, considera apenas 11 como de carreira. Período que compreende sua estréia no show e com o grupo "opinião" e a explosão popular de sua canção "Carcará", a litania rebelde do pássaro que pega, mata e come. Sob a chancela de compositor de protesto e de denúncia social, João do Vale acabou, em seguida e por circunstâncias diversas, de volta à obscuridade, tão vertiginosamente quanto em seu aparecimento "E Agora, João", espetáculo que o compositor estréia nesta quinta-feira, no Teatro de Arena (r. Teodoro Baima, 94), em todo caso, apara arestas e dissipa equívocos a seu respeito. "Não tenho nada contra ninguém. Somente escolhi como temas a minha região e seus problemas que também são meus, dentro da minha visão", enfatiza João. Em forma de bate-papo ou "diálogo musical" como prefere a diretora do show em sua estréia profissional, a industrial paulista de 34 anos e de Campinas, Caty Righetto, o compositor conta episódios curiosos de sua vida e canta 20 das suas 400 músicas, junto com a cantora Fátima Regina, que é lançada neste espetáculo — de "Coronel Antônio Bento", "Peba na Pimenta", "Carcará" e "A Voz do Povo" às inéditas "Nego São", "Só Quero o que É Meu". Tudo, segundo decididos propósitos: desmistificar o artista como autor de apenas umas músicas, geralmente cantadas na voz de outros. "E Agora, João" será apresentado de terças a sextas às 21 horas, aos sábados às 20 e 22 horas, e aos domingos às 18 e 21.

João do Vale

A Editora Abril lançou este mês a revista "Hobby", uma edição especial de "Quatro Rodas". O número especial traz reportagens (e instruções) sobre pára-quedismo, fotografia, som, bar, aeromodelismo por controle remoto, jardinagem e outros hobbies. Há também instruções para os interessados em envenenar o seu Volkswagen, e explicações para os pais mais jeitosos que queiram fabricar, eles mesmos, os brinquedos dos filhos. Tem 132 páginas, e custa Cr$ 20,00.

NÃO

Não vá ver "La Violetera" (cines Windsor, avenida Rio Branco, Rio, avenida Paulista, e Lumière, rua Joaquim Floriano), apesar de sua excelente colocação entre os filmes mais populares da Bolsa de Cinema do jornal "Folha de S. Paulo" (está em primeiro lugar, com o incrível índice de 100% de ótimo e bom). O filme consegue ser muito pior o que a novela "O direito de nascer" — com a qual, aliás, se parece um pouco, pelo pieguismo, pelo sentimentalismo meloso, pela repetição dos mais antiquados e batidos clichês da pior espécie de dramalhão mexicano (ou, no caso, espanhol).

Riviera, Ponto-4 e Baiano

Bar e Restaurante Riviera (av. Consolação, esquina com av. Paulista).

Bem ou mal passado, o filé é uma desgraça; a casquinha de siri, miserável; há tanto barulho que a música que de vez em quando tenta sair das caixas de som jamais é ouvida. Mas a cerveja sempre está gelada, e o pessoal gosta: depois das 10 da noite, de sexta a domingo, ninguém consegue uma mesa sem antes ter de esperar entre os muitos cotovelos que rondam o balcão. Qual o segredo do Riviera, bar que há mais de 20 anos é frequentado por intelectuais, artistas, jornalistas e universitários? Justamente essa leve confusão, sabiamente mantida e controlada pelos garçons Zé e Juvenal, que dá ao bar um clima mais interessante do que o da maioria dos bares da cidade. Para quem quiser, há duas variantes: o botequim **Ponto Quatro**, na casa ao lado, lugar de poucas mesas, vasto balcão e uma boa calçada onde se agrupam os 58 fãs de Walter Franco, e o **Bar do Baiano** (av. Rebouças, esquina com Jaú) para onde estão indo os mais tradicionais fregueses do Riviera, asustados com o sucesso e o que chamam de vulgarização do seu antigo ponto de encontro.

Inimigos do Pato Donald

As crianças da cidade têm agora seis novas revistas para ler, olhar e, eventualmente, conforme a idade ou o cuidado, rasgar e recortar. São lançamentos da Idéia Editorial, uma nova editora especializada em publicações infantis, criada por Cláudio de Souza (que vem de uma longa experiência como editor de revistas infanto-juvenis da Editora Abril) e Domingo Alzugaray.

Das seis novas revistas, três apresentam personagens criados por desenhistas norte-americanos. São mensais (nas bancas está o número 1 de cada uma delas): "Mr. Magoo" (histórias com o velhinho que é personagem de desenhos animados exibidos pelo Canal 2); "Tico e Teca" (histórias que reúnem dois personagens conhecidos apenas pelos velhos admiradores de quadrinhos) e "Capitão Bigbom" (com personagens ainda desconhecidos, que estão sendo lançados agora também nos Estados Unidos).

As outras três revistas — queainda não têm fixada a periodicidade de lançamento — apresentam personagens brasileiros, criados por roteiristas e desenhistas que trabalhavam anteriormente na Editora Abril.

"O Tesouro do Pirata" é uma edição feita para ser recortada e destruída. São 20 páginas coloridas com personagens que devem ser destacados e montados. É o primeiro número da revista "Tropinha", que a cada número trará novos personagens para ser destacados e montados.

"Aventuras de Dengo e Dongo", edição especial da revista "Tropinha", é um álbum para colorir.

E há, ainda, o Manual do Super-Herói, criação de Cláudio de Souza e César Roberto Sandoval.

Mel Brooks, o diretor favorito de Mel Brooks

"Banzé no Oeste" (em exibição nos cines Belas Artes, sala Portinari, rua Consolação esquina com Paulista e Belas Artes. Centro, rua Aurora, perto da Praça da República) é um filme que será reconhecido, dentro de uns dez anos, como a comédia mais engraçada que já foi feita. Pelo menos, é o que diz o seu diretor, Mel Brooks:

— Não estou me referindo a outras virtudes ou defeitos do filme. Falo apenas da quantidade de risos que ele provoca. Acho que ele é mais engraçado que os outros filmes, incluindo Mae West, W.C.Fields ou Buster Keaton, ou até os Irmãos Marx. A única coisa que pode competir com ele — em termos de quantidades de risos que provoca — são os filminhos dos Três Patetas.

Pretensão demais? Talves não: Mel Brooks é o diretor de "Jovem Frankenstein" (em exibição nos cines Iguatemi, Shopping Center Iguatemi, e Olido, avenida São João), que teve em São Paulo um raro sucesso entre o público e os críticos. Assim como em "Jovem Frankenstein" o diretor Brooks fez uma sátira aos velhos filmes de terror, em "Banze no Oeste" ele ironiza os velhos filmes de faroeste.

Em dezenas e dezenas de bang-bangs, a história se repete: um bravo e íntegro xerife é contratado para impor a lei e a ordem em alguma cidadezinha do velho Oeste americano. Em "Banze no Oeste", esta conhecida história se inverte: um xerife desastrado, mais um desastrado auxiliar, são contratados para tornar ainda mais desordeira uma desordeira cidadezinha do velho Oeste, com a finalidade de a tornar tão insuportável que seus habitantes fujam dela — o que resolveria de vez os problemas da cidade.

Um dos principais atores de "Banzé no Oeste" é Gene Wilder, que em "Jovem Frankestein faz o papel central, interpretando o neto do Barão de Frankenstein. Seu trabalho tem sido elogiadíssimo pela crítica; a sisuda revista inglesa "Sight and Sound", por exemplo, mostrou-se encantada com a capacidade de Wilder de imitar tipos que o cinema tornou conhecidos, como Roy Rogers ou o coelho Pernalonga.

A atriz é Madeline Khan, que fez o papel da noiva do jovem Frankenstein e trabalhou também em filmes de Peter Bogdanovich, como "Lua de Papel" e "Amor, eterno amor".

"Banzé no Oeste" foi o terceiro filme do diretor Brooks. ("Jovem Frankenstein" foi o quarto). Os dois primeiro, "The Producers" e "The Twelfe Chairs", ainda não foram exibidos no Brasil.

Um bom programa para esse fim de semana, se não chover é ir sábado e domingo (dias 10 e 11/1) assistir aos últimos treinos do coper-sucar-Fittipald, no autódromo de Interlagos. Émerson Fittipaldi começa a treinar a partir das 9 hs da manhã e se o tempo se mantiver firme, não têm hora para parar. A mesma coisa acontece no domingo. Agora, é apenas uma questão de avaliar até onde o carro pode chegar nesse princípio de temporada, já que todos os defeitos foram sanados. Existe no autódromo um bar funcionando e, o que é mais importante: a entrada é grátis.

Aos domingos, na Praça da Liberdade, há uma feira japonesa onde você pode escolher entre diversos pratos típicos regados a caipirinha, feita com saquê, e os inúmeros objetos orientais que estão à venda nas barraquinhas coloridas decoradas com motivos asiáticos. A feira começa a funcionar a partir das 13 horas e, em geral, só termina no começo da noite.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Extraído do CESP Jornal — outubro de 1975

UM DESASTRE DE AUTOMÓVEL: Teste e Realidade

O aforismo popular de que "sorte grande só sai pros outros" parece estender-se à crença semelhante, em sentido contrário, de que "os outros" são, também, os destinatários das desgraças, inclusive em acidentes automobilísticos, a julgar pela frequência com que eles ocorrem, — e a regularidade com que aumentam. Isto é característica humana e, não, apanágio do brasileiro.

Não é, pois, ocioso, voltarmos a falar de automóveis, neste número principalmente quando podemos oferecer um paralelo bastante eloquente entre o que ocorre num desastre, segundo circunstâncias, estabelecidas por um teste, acompanhadas pelo testemunho de um colega nosso (o texto à direita), cuja identidade não fomos autorizados a revelar, o qual passou por experiência traumatizante, em vários sentidos, escapando vivo por obra de verdadeiro "bilhete sorteado".

O teste a que nos referimos foi publicado pela "Seleções do Reader's Digest, em artigo intitulado "VISÃO LENTA DA MORTE RÁPIDA, de autoria de Edgar Walz III e Çar Wall. Condensamos esse artigo, intercalando nele, em seguida, as impressões paralelas, de nosso colega.

O artigo:

"Os pesquisadores têm submetido centenas de carros a provas de batidas; estudado milhares de relatórios sobre acidentes, com laudos dos exames cadavéricos das vítimas; visitado locais de desastres e examinado microscopicamente as ferragens e automóveis em que morreram centenas de pessoas. Os engenheiros de segurança das fábricas cooperaram nessas investigações.

O objetivo de tanta pesquisa tem sido reduzir o número de acidentes fatais, aumentando a segurança dos carros. Além das medidas até hoje já adotadas, (cintos de segurança, tipos de volante, fechaduras, acolchoamento dos painéis, etc.), algo mais resultou das pesquisas: a visão aterradora do que acontece ao vidro e ao aço, à carne e ao sangue, naquelas derradeiras frações de segundo em que um ser humano é arremessado para a eternidade.

Eis aqui, em câmara lenta, a reconstituição, fração de segundo por fração de segundo, do que acontece quando um carro, desenvolvendo 90 km horários, vai de encontro a uma árvore sólida e imóvel (o carro de N.N. ia à média horária de 100 a 110 km. Devido a súbita cerração, foi de encontro ao talude de um barranco marginal à estrada):

O TESTE

1.° décimo de segundo

1. O parachoque dianteiro e as peças cromadas das grades se partem.
2. Estilhaços de aço penetram na árvore até uma profundidade de 4 cm ou mais.

2.° décimo de segundo

1. O capô do motor amarrota-se, ao levantar, esmagando-se contra o parabrisa.
2. As rodas traseiras, girando, levantam-se do solo.
3. A grade se desintegra.
4. Os paralamas entram em contato com a árvore, forçando a parte traseira do carro a exercer pressão sobre as portas dianteiras.
5. As partes pesadas da estrutura do carro (chassi) começam a agir como um freio em relação ao medonho impulso da carroçaria de duas toneladas e meia.
6. O corpo do motorista continua impelido para a frente, à velocidade do veículo (força igual a 20 vezes a da gravidade), num peso correspondente a 1.450 kg.
7. As pernas do motorista, retesadas como varas, quebram-se, na articulação dos joelhos.

7.° décimo de segundo

A EXPERIÊNCIA PESSOAL

Houve penetração de 40 cm, no barranco, pelas ferragens dianteiras do veículo.

O capô foi arrancado e voou para longe.

O parachoque, de forma tubular e ôco, achatou-se como tubo de papelão.

Nada sobrou, da parte dianteira da carroçaria.

O chassi foi dobrado em "v", com o vértice contra o soo.

Esmagamento do joelho direito, com perda de 1/5 da rótula. A perna esquerda, retesada, perfura o piso e vai sofrer queimaduras profundas na porção inferior, que entra em contato com a roda dianteira esquerda, incandescente.

A EXPERIÊNCIA PESSOAL

O motorista, N. N., teve o rosto projetado sobre o volante. Sofreu dois cortes, quase paralelos, de ambos os lados do nariz, desde as órbitas oculares, até os cantos da boca, a cada lado, de modo a provocar total despregamento de todo o tecido carnoso intermediário, incluindo nariz e lábio superior, assim como afundamento ósseo do malar direito e deslocamento do globo ocular direito. O passageiro que dormia ao seu lado e de nada recordava, quando despertou hospitalizado, sofreu fratura do maxilar inferior, por pancada contra o painel.

N. N. sofreu escoriações nos dedos e braços.

— ...e não desaperte esse cinto de segurança até eu voltar!

O bloco do motor colide com o barranco e é trincado. Todo o dispositivo do câmbio, acima do diferencial, é ejetado para cima e para fora.

No caso de N. N., é o rosto que verga a direção (não a barra).

N. N. tem duas costelas trincadas.

Se tivesse que parar pra tudo quanto é assobio, não ia ter freio que aguentasse!

Todos os ítens deste 6.° décimo de segundo corresponderam à experiência de N. N. que, como já visto, tem a cabeça projetada contra a direção e o painel.

N. N. recorda-se, quanto ao acidente, apenas do estralejar instantâneo da lataria — seguido de silêncio. Conseguindo safar a perna esquerda do rombo aberto no piso (há casos em que o motorista fica preso nas ferragens e, se sobrevém incêndio, ocorre o pior) e sair do veículo, no escuro da noite, ouviu um gotejar insistente. Julgando que fosse gasolina, temeu que uma fagulha qualquer provocasse fogo. Mas não era gasolina. Tratava-se do sangue que se esvaia de seu rosto mutilado. E N. N. chegou a preocupar-se em não sujar a roupa, antes de ser socorrido.

O TESTE

3.° décimo de segundo

1. Fora do assento, o corpo do motorista, tronco erecto e joelhos fraturados, preme-se de encontro ao painel de instrumentos.

2. A estrutura de aço e material plástico do volante verga-se, sob a pressão do aperto mortal dos punhos cerrados do homem.
3. O motorista tem, agora, a cabeça perto do anteparo de sol, sobre o parabrisa, e o peito acima da couna do volante.

4.° décimo de segundo

1. Os 60 cm dianteiros do veículo foram completamente destruídos.
2. A parte traseira ainda sofre impulso correspondente a cerca de 55 km por hora.
3. O corpo do motorista continua a ser esmagado para a frente, à razão de 90 km por hora.
4. O bloco do motor, que pesa meia tonelada, colide com a árvore.
5. A traseira do carro, como um cavalo corcoveando, raspa a casca dos galhos mais baixos.

5.° décimo de segundo

1. As mãos do motorista, crispadas de pavor, vergam a barra do volante até uma posição quase vertical.
2. Pela força da gravidade, o motorista é empalado na extremidade da barra em que se fixa o volante. Pontas de aço picam-lhe os vasos pulmonares e as artérias intercostais. O sangue esguicha para dentro de seus pulmões.

6.° décimo de segundo

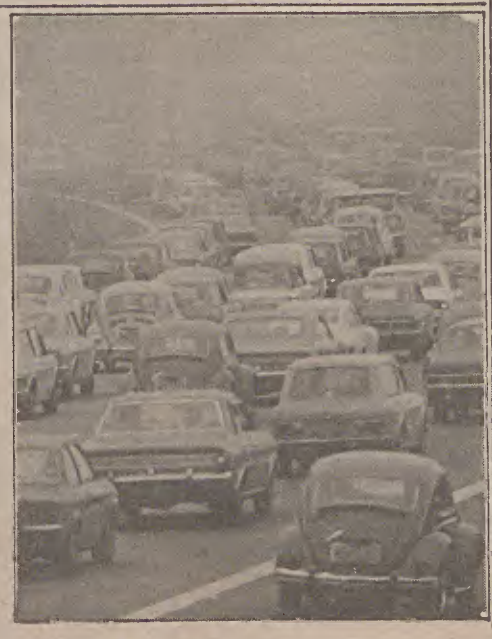
1. A força do impacto arranca os sapatos bem amarrados dos pés do motorista.
2. O pedal do freio parte-se, rente ao piso da carroçaria.
3. A cabeça do motorista é esmagada, batendo contra o parabrisa.

7.° décimo de segundo

1. A carroçaria deforma-se, toda contorcida.
2. Rompem-se as dobradiças.
3. Escancaram-se as portas.
4. Impelido para a frente, em última convulsão, o assento "grampeia" o motorista contra o aço impiedoso da coluna do volante. O sangue jorra de sua boca. O choque paralisou-lhe o coração: está morto.

2.° décimo de segundo

CIDADE "O primeiro requisito que se exige de um legítimo atleta do lazer é a paciência, lembra bem lembrado o otimista, feliz porque seu filho mais novo acabou de aprender todos os palavrões que ainda não conhecia".



Pena que o litoral Leste não exista

— Ano Novo, vida nova! — exclamava o otimista das frases feitas, estufando o peito.

— Que diferença faz? — perguntava o jovem pessimista, afundando o queixo.

— Nada de otimismos nem de pessimismos — encerrava a questão o realista, fazendo força para parecer convincente.

Muito bom. Ismos e istas à parte, os três cumpriam sua missão social de encerrar um ano e começar o outro, devidamente embriagados de um legítimo escocês falsificado e embalados por um conjunto de quinta categoria, tocando a preços de primeira. Alegria, alegria!

O otimista despediu-se dos amigos a caminho do Guarujá. O pessimista rumo à Praia Grande. E o realista em direção a Santos. Afinal, paulistano que é paulistano, não fica em São Paulo no verão. Quer dizer: desde que tenha dinheiro, é claro. O que, aliás, evita que São Paulo pare.

O filho mais novo do otimista nunca imaginou que o mar ficasse tão perto de casa: bastaram alguns quarteirões e... tchibuuum, lá estavam todos mergulhando na avenida do Estado. É verdade que, àquela hora, alguns milhares de paulistanos estavam se afogando nas suas próprias casas, naquelas vilas e jardins que nunca saem nas manchetes dos jornais, a não ser quando oferecem à cidade alguma grande catástrofe. Mas o nosso otimista não se deixa abater por essas "imprevisíveis adversidades da natureza", como ele costuma dizer nessas ocasiões, virando o rosto.

— Isso acontece até na Europa, quê se vai fazer? E, depois, já estamos saindo da cidade...

De fato, sairam, mas só por mais alguns metros. Logo adiante, tudo parado. A via Anchieta é um formidável estacionamento de veranistas. E quem está ali na frente praguejando? Não é o pessimista, só por causa de um congestionamentozinho? E ali? Não é o realista, procurando encontrar as causas, viabilizar as consequências, maximizar as potencialidades e reciclar as motivações? Ora, mas é claro: cá estão outra vez todos democraticamente reunidos, quando chega a notícia do que afinal foi encontrada uma solução: a partir deste momento a via Anchieta está fechada, oficialmente.

Paciência. O primeiro requisito que se exige de um legítimo atleta do lazer é a paciência, lembra bem lembrado o otimista, feliz porque o seu filho mais novo acabou de aprender todos os palavrões que ainda não conhecia. E todos tratam, rapidamente, de refazer seus planos de viagem: o importante é sair, já dizia José do Anchieta refestelado na sua cama de pedra em Itanhaém.

Se o Litoral Sul está vetado, o que sugere qualquer imaginação criadora que se preze? O Litoral Norte, pois não? Mesmo porque, ainda não existe o Litoral Leste ou Oeste — pelo menos, não constam no Guia Quatro Rodas de todas as criatividades veranísticas.

Para evitar novos dissabores, o otimista freta um jatinho. O que, se lhe resolve os problemas de locomoção, não é suficiente para livrá-lo da desagradável companhia do pessimista e de toda a canalha que insiste em seguir o cortejo Serra do Mar abaixo. Pior ainda: os jornais também insistem em seguí-lo e ainda por cima com notícias que têm a ousadia de contrariar todas as suas previsões. Nada, no entanto, é capaz de abatê-lo, nem mesmo as intermináveis discussões com o indesejado pessimista.

— Você viu? O cigarro vai subir 40%!

— Pois e daí? Você deveria se dar por satisfeito, ele poderia ter subido 50%, ou mais. E se é esse o problema, fume menos...

— O que eu não entendo é que meu salário só subiu 37% e assim mesmo depois de muita choradeira!

— Que diferença faz, três por cento a mais, três por cento a menos? A Souza Cruz deve estar enfrentando sérias dificuldades...

— E o carro, então? O seguro obrigatório subiu 180%! 180%!

— E o que você quer que eu faça? Subiu, pague! Quer ter automóvel, não quer?... Quanta gente por aí que anda de ônibus? Não está satisfeito, venda o carro. Quem sabe, assim resolveremos o problema dos congestionamentos nas estradas?...

A essa altura, o pessimista já comeu três espigas de milho, de nervoso que estava ficando, e quase engole uma. Foi providencial a chegada do realista, sempre sereno, com sua máquina de calcular a tiracolo e soluções para todos na ponta da língua. Primeira providência: nada de jornais, afinal estão todos de férias. E por que não um bom mergulho para esquecer esses probleminhas todos do cotidiano, que deveriam ter ficado em São Paulo? Não se fala tanto em lazer? Vamos praticá-lo!

Um momento. Primeiro é preciso pagar os 50 cruzeiros das espigas de milho e dos sorvetes que os meninos teimam em tomar. Depois, calma, muita calma, vamos pedindo uma licencinha aqui, outra ali, mais um passinho, cuidado, outra família de japoneses, mais outra (que será? trata-se de uma invasão?) olha a latinha de cerveja, aquilo ali é vidro, não faz mal, te apóia aqui, mais um passinho e olha lá! O MAR!

Sem dúvida, tudo indica, trata-se de um reduto do oceano Atlântico, apresenta ondas e as pessoas se divertem como se estivessem no mar. Basta fechar os olhos, tampar o nariz e a boca, e boa sorte. Qualquer coincidência com um depósito de esgotos fica por conta do, digamos, bem ou mau humor de cada um. Há quem goste.

Na volta, os três já não discutem. E até leêm juntos a manchete que apresenta a sensacional novidade da cidade para 76: calçadões nas ruas do centro. A única divergência entre os três resume-se agora ao autor da idéia. Será o pai de Prestes Maia ou o avô do padre Lebret? No mais, podemos garantir aos senhores leitores que chegamos a 76 e que 75 de fato existiu.

Ricardo Kotscho

O ESTADO "No Interior, o MDB deverá ganhar nas principais cidades, repetindo os êxitos de Orestes Quércia; a Arena deverá ganhar nas cidades pequenas, sem grande importância política".

Nabi Chedid pensa na Federação Paulista de Futebol

Ganha o MDB, só falta saber de quanto

São eleições muito curiosas, as deste ano: desde já se conhece o vencedor, falta apenas descobrir o placar. E a Arena, dividida, enfraquecida, sem líderes, não tem grandes possibilidades de virar a situação a seu favor — aliás, as possibilidades são de que perca força até o fim do ano.

Na cidade de São Paulo, duas coisas assustam os vereadores da Arena: primeiro, a derrota quase certa do partido; segundo, a possibilidade de que se candidatem alguns secretários da Prefeitura, tomando os já poucos lugares que lhes restarão. Há ainda a possibilidade de que ex-deputados estaduais, derrotados em 1974, decidam tentar a vereança, liquidando de vez com as possibilidades de reeleição dos atuais vereadores arenistas. Se o prefeito, como prometeu, transformar 1976 "no melhor ano da história de São Paulo", talvez a derrota não seja tão completa; mas a confiança da Arena no prefeito está expressa na pergunta do vereador Vicente de Almeida a Olavo Setúbal, por intermédio de **Aqui:** "Quando é que Vossa Excelência vai pedir demissão, para que o povo não sofra mais?"

No interior, o MDB deverá ganhar nas principais cidades, repetindo os êxitos de Orestes Quércia; a Arena deverá ganhar nas cidades pequenas, sem grande importância política. Na Grande São Paulo, é possível que o MDB faça todos os prefeitos — exceto na capital, e assim mesmo porque o prefeito é nomeado.

E por que essa previsão de vitória do MDB? Por vários motivos — além dos que provocaram a estonteante vitória de Orester Quércia, há pouco mais de um ano, os governos arenistas têm fornecido bom combustível à oposição.

O governador Paulo Egydio, por exemplo, está empenhado em eleger seu líder Nabi Abi Chedid para a presidência da Federação Paulista de Futebol. Dois secretários de Estado, Ruy Silva (Turismo) e Jorge Maluly Neto (Trabalho) estão dando tempo integral à candidatura Nabi. Admitindo-se que o governo estivesse certo em disputar a Federação Paulista de Futebol, vejamos as credenciais de seu candidato: é presidente do Clube Atlético Bragantino desde 1959, e até hoje não conseguiu sequer trazê-lo à Divisão Especial — talvez o consiga como presidente da FPF, quem sabe?

O prefeito Olavo Setúbal decidiu empenhar-se numa campanha gigantesca, de profundo alcance: o fechamento dos supermercados aos domingos. Os outros problemas da cidade — enchentes, trânsito, crescimento sem controle, falta de parques, lazer — podem esperar um pouco, até que os supermercados sejam fechados aos domingos. Mesmo o problema de mão-de-obra desocupada, parte da qual poderia encontrar emprego nos supermercados, pode tranquilamente ser transferido à Secretaria do Trabalho — onde esperará uma solução até que o secretário Maluly Neto tenha resolvido o problema magno da presidência da FPF.

Quanto ao governo federal, o Ministério das Relações Exteriores tem contribuído razoavelmente para o sucesso da oposição no País. No caso da regata Cidade do Cabo-Rio, por exemplo, o Itamaraty decidiu, nas vésperas do início da prova, proibi-la; reiterou a proibição ao embaixador da República Sul-Africana; finalmente, revogou-a três horas mais tarde, "em caráter excepcional". Mas Emerson Fittipaldi e José Carlos Pace foram autorizados a correr no autódromo de Kyalami — também "em caráter excepcional", supõe-se. Ou seja: uma política que tem dez dias de vida, de boicote à África do Sul, não só não conseguiu boicotá-la como conseguiu desagradá-la (e, do comércio brasileiro com a África, metade é com a República Sul-Africana).

No setor econômico, ninguém consegue resolver as diferenças entre o ministro da Indústria e Comércio, Severo Gomes, e os ministros João Paulo Veloso e Mário Henrique Simonsen. É claro que, isoladamente, essas divergências não têm repercussões eleitorais; os empresários prejudicados por elas, porém, dificilmente estarão com a Arena nas próximas eleições. Um exemplo: uma indústria têxtil iniciou negociações para fundir-se com um grupo estrangeiro. Um dos ministros deu-lhe autorização para prosseguir nas negociações; quando o negócio estava praticamente fechado, outro ministro vetou o negócio. Alguém acredita que a poderosa família Freitag, de Joinville, apoiará a Arena após a proibição de venda da Consul à Philips? E Calim Eid, arenista, antigo secretário de Abastecimento da Prefeitura de São Paulo, apoiará a Arena após o fechamento de seus supermercados Gigante aos domingos?

O problema já ultrapassou as eleições: é certo que o MDB ganhe. O problema agora é que o MDB está-se fortalecendo cada vez mais, e tudo indica que vencerá também as eleições para o Congresso, em 1978, ficando assim em condições de eleger legalmente o presidente da República, em 1982. Como ninguém acredita que o MDB possa eleger o presidente da República, nem em 1982, alguma fórmula terá de aparecer para impedi-lo de vencer as eleições em 1978. E é bastante provável que esta fórmula já esteja pronta — e aguarde apenas o placar da vitória do MDB, em São Paulo e em todo o País, para ser... quivada, ou aplicada.

E.B.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

1 O brasileiro é possivelmente o consumidor mais lesado do mundo

2 Temos 35 milhões de consumidores, mais que vários países europeus

3 A perigosa ilusão do crediário, onde entram a mentira e o dano

A RALPH DAS PE

Estava na hora de surgir no Brasil alguém que, como Raplh Nader nos Estados Unidos, trouxesse à discussão – com espírito público, inteligência e dados – um dos temas que mais sensibilizam autoridades, publicitários, empresas, e o povo todo: a defesa do consumidor. Obtendo o título de Mestrado na USP com uma tese sobre o assunto, a advogada paulista Zuleica Seabra Ferrari abre o debate. Um debate fascinante, que preocupa a cabeça e o bolso de cada um, e que esperava o nascimento de nosso Ralph Nader. Ele aí esta. De saias.

Calma, segura, com voz cristalina e perfeita dicção, a jovem senhora de olhos azuis e sorriso adolescente abre o volumoso dossiê à sua frente e lê:

"Entre os consumidores, o brasileiro é possivelmente um dos mais distraidos, desavisados e, consequentemente, dos mais lesados do mundo... O brasileiro dificilmente sabe, por exemplo, o preço de um litro de gasolina, e, ao adquiri-la em algum posto, não verifica se o medidor está marcando inicialmente zero cruzeiros e zero litro; não costuma conferir o peso das mercadorias que são pesadas à sua frente, nem se os bujões de gás entregues em sua casa estão lacrados – e, assim, o próprio consumidor se transforma em aliado dos comerciantes desonestos".

Esse cru retrato psicológico do consumidor brasileiro (feito pelo diretor do Instituto Nacional de Pesos e Medidas de S. Paulo, sr. Ivo Alpiste em 1973) abre o depoimento de Zuleica Seabra Ferrari a AQUI. Advogada, pouco mais de trinta anos de idade, mãe de três filhos, morando num confortável apartamento nas Perdizes, casada com um economista, favorável ao divórcio, Zuleica é autora de uma tese revolucionária apresentada há duas semanas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, tese com a qual obteve o título de Mestrado no Departamento de Comunicação e Artes da USP.

Mas, como defender o consumidor brasileiro do massacre diário a que é submetido psicologicamente pelos meios de comunicação de massa que o levam a comprar geralmente o que não precisa e aceitar condições de pagamento que jamais aceitaria se estivesse no uso completo de seu raciocínio?

Zuleika Ferrari responde à pergunta com a convicção não só de quem estudou profundamente o problema, mas a de quem o viveu no próprio cotidiano de advogada, professora secundária, dona de casa, mãe e esposa:

"A mais importante das reivindicações a fazer é a educação do consumidor. É perfeitamente viável as escolas brasileiras instituirem a "Educação do Consumidor" como nova disciplina. O fato é que está amadurecendo o reconhecimento de que apenas o aperfeiçoamento de leis e organismos judiciários, ou de defesa específica, não garantem a proteção eficaz do consumidor. É preciso que os cidadãos sejam capazes de utilizar-se dos meios que as instituições vigentes lhes concedem. Estes meios não atingirão suas finalidades se houver despreparo dos cidadãos, seja como resultado da ignorância da existência desses meios, de dificuldades econômicas para utilizá-los, ou, simplesmente, de comodismo, indiferença ou má fé resultantes de uma educação inadequada".

Sempre muito bem documentada, certamente não para demonstrar uma pretenciosa erudição, mas sim levada pela paixão com que defende sua tese, Zuleica Ferrari cita o seu próprio exemplo de advogada:

"Não aceito, nem faço defesa de causas de consumidor. Não porque não o deseje, mas pela quase inutilidade desta defesa no plano jurídico. Por exemplo, como aceitar uma causa em que o projeto em disputa seja uma roupa estragada numa lavanderia, uma blusa manchada, uma colcha desbotada? Que honorarios cobrar diante do tempo que leva uma causa dessas, às vezes em que se é obrigada a ir ao foro, as audiências a que se tem que comparecer? É claro que se o objeto em litígio e de maior valia, um carro por exemplo, ainda valeria a pena, mas assim mesmo as dificuldades que se encontram na legislação vigente, a morosidade do processo, não animam o exercício da advocacia nesse campo. E não é uma questão de honorários. Ainda há pouco li a declaração de um dos mais famosos advogados paulistas, o dr. Leonardo Frankenthal, que diz jamais ter sido procurado, nos seus 20 anos de exercício profissional, por um cliente com uma causa desse tipo."

E mencionando experiências que estão sendo tentadas nos Estados Unidos, na França e na Espanha, Zuleica diz:

"Não é nenhuma utopia a introdução do curso de defesa do consumidor nas nossas escolas de nível médio. É só os professores também se conscientizarem da necessidade de despertar no aluno o interesse por esse problema, um dos mais debatidos, controvertidos e presentes no comportamento do mundo de hoje."

É claro que só a educação do consumidor não bastará. Mas, conhecendo as raizes do problema, esse mesmo consumidor poderá utilizar-se melhor da dramática pressão que sobre ele exerce o consumismo, com seus poderosos aliados na área da propaganda e da persuasão. É isso, naturalmente, que Zuleica busca através de sua revolucionária proposta de instituição do "Curso de Educação do Consumo" nas escolas brasileiras.

"Sim, responde ela. O problema de defesa do consumidor no Brasil já merece ser estudado de maneira mais específica, à vista do próprio desenvolvimento econômico brasileiro. Da mesma foram que a intensificação da industrialização despertou a necessidade de proteger o trabalhador, também a exacerbação do consumo vem demonstrando a necessidade de proteção do consumidor contra a excessiva ganância ou mesmos erros, por ignorância ou desidia, dos empresários habituados a capitalizar lucros e socializar os prejuizos. Assim como possuimos uma avançada legislação trabalhista, é hora de conquistarmos o mesmo na área de defesa do consumidor."

É lembra um dado númerico impressionante para justificar essa preocupação.

"Dos cem milhões de habitantes do Brasil, pelo menos 35 milhões já formam o que se chama de mercado consumidor de bens diversificados, maior que o de vários países europeus, maior que o do Canadá ou o da Austrália. Esses consumidores brasileiros já sofrem os mesmos problemas dos demais países industrializados."

Evidentemente, esses 35 milhões passam a sofrer a mesma pressão dos diversos setores que transformaram o consumo num dos pesadelos, do comportamento moderno.

"Através do estímulo proporcionado pela comunicação de massa, diz Zuleica, vem se reforçando a opção popular pelo consumo irrefletido – que acabou por atingir todos os níveis de vida."

E a inevitável referência ao chamado sistema dos crediários desperta em Zuleica observaçoes mais agudas de condenação e denuncia:

"Um sintoma de que o estímulo irrefletido ao consumo alcançou nosso sistema de vida é a criação, à imagem pré-existente em outros países, de entidades financeiras destinadas a financiar a compra de bens duráveis, num sistema de crédito direto ao consumidor de tal forma estruturado, que facilita ao cida-

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

4 Carro com defeito, roupa que rasga, remédio que faz mal à saúde

5 O comportamento da propaganda e a "psico-sedução da criança"

6 Nos contratos de aluguel, as "imobiliárias" só protegem um lado

NADER RDIZES

dão imprudente (ou simplesmente ingênuo) assumir dívidas superiores a suas posses".

Indo mais adiante na sua dissecação do "consumo irrefletido", ela completa:

"E se analisarmos a natureza dos bens adquiridos por esse meio, poderemos chegar a conclusão de que, em sua generalidade, a compra – muito mais onerosa do que se fosse à vista – realizou-se para satisfazer necessidades artificiais, sem relação com as verdadeiras necessidades e possibilidades impostas pela situação sócio-econômica dos compradores. A deformação do sistema de vendas a crédito resultou numa perigosa ilusão de facilidades, em que a mentira, o engano e o dano são também uma constante na vida do consumidor".

Aqui Zuleica aborda o tema da chamada "venda por impulsão":

"Com a garantia de que toda a mercadoria está perfeita, compram-se alimentos enlatados deteriorados: ternos que desbotam; camisas que se rasgam; eletrodomésticos que não funcionan; carros com defeitos de fabricação; mercadorias que não são entregues no tempo prometido ou que, simplesmente, não são entregues; tônicos capilares que não cumprem a promessa de restituição de cabelos; produtos branqueadores que apenas apodrecem a roupa, sem deixá-la realmente branca; remédios cujos efeitos colaterais podem ser mais graves que a doença que se propõem a combater; beberagens ou cremes inócuos, mas que garantem mentiroso rejuvenescimento; mercadorias com preço remarcado que podem, no entanto, estar com o preço mais alto que na semana anterior; mercadorias a preço reduzido, mas, que, ralmente, não existem em quantidade razoável e que apenas são oferecidas para atrair possíveis compradores de outras mercadorias."

E passando a outro ângulo da "compra por impulsão", aponta com indisfarçável indignação, a trituração do consumidor, desprotegido e desprevenido, pelas engrenagens das chamadas cláusulas contratuais:

"E que dizer, pergunta ela a si mesma, das arbitrarias cláusulas contratuais desfavoráveis ao público, impostas sob a capa de liberdade contratual, em contratos impressos que devem ser aceitos ou rejeitados integralmente, sem possibilidades de discussão para cada item? Esses contratos são geralmente impressos em letras, pequenas, mas ainda que assim não fosse, o povo em geral não teria condições de avaliar o seu alcance. No caso de locação predial, por exemplo, as "imobiliárias", que vendem ou administram imóveis, esmeram-se em criar cláusulas que sejam favoráveis apenas a seus clientes, deixando compradores, inquilinos e fiadores em situação de extrema desvantagem. Apesar de a eficiência de muitas dessas cláusulas ser desmascarada em juizo, continuam a ser adotadas como forma disfarçada de extorsão. E, por outro lado, o uso de contratos de tal natureza é tão generalizado, que é impossível a um indivíduo isolado recusar-se a aceitá-los, sob o risco de não conseguir imóvel para alugar. E os exemplos poderiam ser desfiados como um longo rosário de prejuizos para a população.

O papel exercido pela propaganda no condicionamento do consumidor, é amplamente examinado por Zuleica, que cita nomes e afirmações de eminentes publicitários como Armando d'Almeida, Mauro Salles, Enio Mainardi. Exibindo estatísticas e fazendo referências a insuspeitas fontes de informação estrangeiras, ela não nega a importância da publicidade como instrumento de educação, e de desenvolvimento, mas ataca com o maior rigor os perigos do mau uso da propaganda como fator de distorção do consumo. Apontando as verbas cada vez mais gigantescas destinadas à publicidade, em suas várias modalidades e campos de influência, como uma "necessidade incontrolável", Zuleika revela seus temores de que tais verbas possam levar os detentores ou donos dos veículos de comunicação "a se sujeitarem aos mais variados compromissos com os anunciantes". E como prova de suas afirmações, lembra os esforços desenvolvidos pelas próprias lideranças do mundo publicitário brasileiro no sentido não só de criar rigoroso código de ética profissional, como de exercer a sua função pública nos termos assim definidos por Armando D'Almeida, um dos pioneiros da publicidade moderna no Brasil: **"A propaganda deve promover a liberdade de escolha, constituindo-se em um serviço dirigido aos consumidores com a finalidade de orientar sua liberdade individual para a seleção de bens e serviços"**.

E adotando agora um tom mais grave e severo, Zuleica denuncia o que é tecnicamente denominado nos meios de propaganda como a "psico-sedução das crianças".

"Procuram transformar as crianças em elementos de pressão sobre as decisões de compra dos pais, ao mesmo tempo em que se empenham em influenciá-las como futuros consumidores".

Apontando a origem estrangeira de mais essa técnica de "fabricar consentimento", Zuleica lê trechos de um apelo aos comerciantes e anunciantes feito por uma firma especializada no fornecimento de material de "educação de professores', nos Estados Unidos:

"Mentes vivas podem ser modeladas para desejar vossos produtos. Nas escolas primárias dos Estados Unidos existem 23.000.000 de meninas e meninos. Essas crianças consomem alimentos, vestem roupas, usam sabonetes. São consumidores hoje e serão os compradores de amanhã. Eis aí um vasto mercado para vossos produtos. Vendei a essas crianças o nome de vossa marca e elas insistirão com seus pais para que não comprem outra".

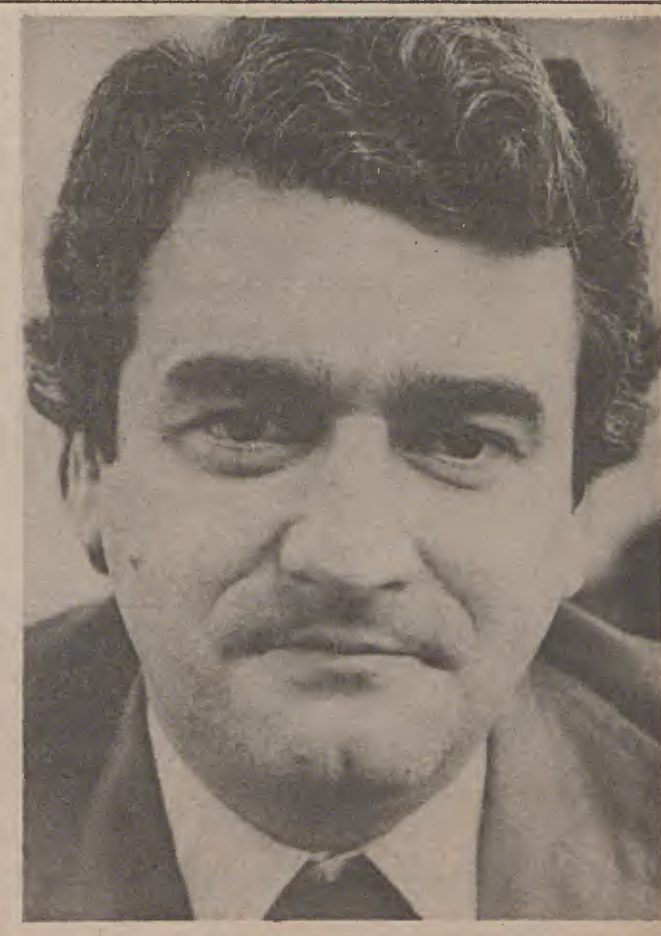
"A controversia sobre publicidade para crianças levanta debates acirrados, diz Zuleica, e promete frutificar a longo prazo, mas resta a conclusão de que nada é imune ou sagrado diante das técnicas de persuasão voltadas para a manipulação das multidões".

Com essa definição realista e quase cruel da máquina de robotização em que se bate o consumidor de hoje, não só entre nós, mas no mundo, ela encerra a entrevista – é a hora do jantar que se aproxima, e esse misto de Emile Zola e Ralph Nader que é a sra. Zuleica Seabra Ferrari, filha de um operário polonês, nascida no Alto da Moóca, professora secundária, advogada, com curso superior de Língua e Literatura da Aliança Francesa, Mestra em Comunicações pela USP, assumirá seu outro dever, o de dona de casa. Será que ela vai servir no jantar o Macarrão da Mamma?

A dra. Zuleica Seabra Ferrari, após a entrevista, recebeu um convite de AQUI: – "A senhora faria uma coluna semanal sobre o tema consumo e defesa do consumidor?" "Sim", foi a resposta. Sua estréia se dará daqui a três semanas.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Nelson Fabiano Sobrinho, 32 anos, advogado, foi escohido "o político do ano", em 1973, quando era vereador em Santos. Durante aquele ano, como faria durante todo seu mandato, Fabiano destacou-se, ao lado de Marcelo Gato, por uma rigorosa oposição às administrações do interventor federal, general Bandeira Brasil, e do atual prefeito Antonio Manoel de Carvalho. Em 74, elegeu-se deputado estadual pelo MDB com a maior votação da Baixada Santista: 43.656 votos. Na Assembléia, ocupou uma das vice-lideranças da oposição e foi presidente da Comissão Especial de Inquérito que investigou o chamado "caso Iamspe". Formado em Direito pela Faculdade Católica de Santos, com cursos de pós-graduação na Fundação Getúlio Vargas e na New York University, Fabiano iniciou sua carreira política no extinto MTR (Movimento Trabalhista Renovador), ingressando depois no MDB, tendo sido presidente do Diretório Municipal do partido em Santos, em 1973/74.



Após Fabiano e Gato, Brasília

CHEGOU A VEZ D

Podem ocorrer novas cassações de mandato e suspensão de direitos políticos, desta vez por corrupção, segundo informações correntes em setores governamentais paulistas. Essas cassações, dizem fontes de Brasília, atingiriam políticos de outros Estados, cujos processos estão pendentes no Ministério da Justiça. O Governo Federal aproveitaria a "abertura cassatória" para promover uma "limpeza de área", ao mesmo tempo em que se pretenderia obter o que alguns setores classificam de "popularização das cassações".

À indagação feita pelo jornalista Carlos Chagas, em Brasília, ("Estariam todos, agora, diante da perspectiva de receber igual tratamento por parte do Governo?"), fontes de responsabilidade asseguram que não se hesitará em utilizar o Ato Institucional nº 5 para "defender a Revolução", seja por motivo eminentemente político, ou por corrupção. No Rio, outras fontes revelam que há possibilidade de haver um "endurecimento" e, na reabertura do Congresso Nacional e das Assembléias, o País estaria dentro de "uma nova conjuntura política".

Nos círculos políticos paulistas (entenda-se aí Arena e MDB, sem discriminação) há o consenso segundo o qual ninguém seria "intocável". Informava-se mais: setores federais já estariam fazendo um levantamento de "atividades ilícitas", especialmente no tocante a problemas de terras, examinados na Assembléia, e ao comportamento de políticos diante do que se chama de "doações espontâneas". Esse levantamento poderia definir a dúvida: há ou não há uma nova "turma da pesada" na Assembléia de São Paulo?

A cassação dos mandatos dos deputados Nelson Fabiano Sobrinho (estadual) e Marcelo Gato (federal) e a suspensão de seus direitos políticos por dez anos foi um ato eminentemente político, onde não faltou a soma de dois ingredientes perigosos no jogo de xadrez da política brasileira: atuação dos setores radicais e inabilidade dos dois deputados santistas, comum, aliás a um primeiro mandato parlamenter.

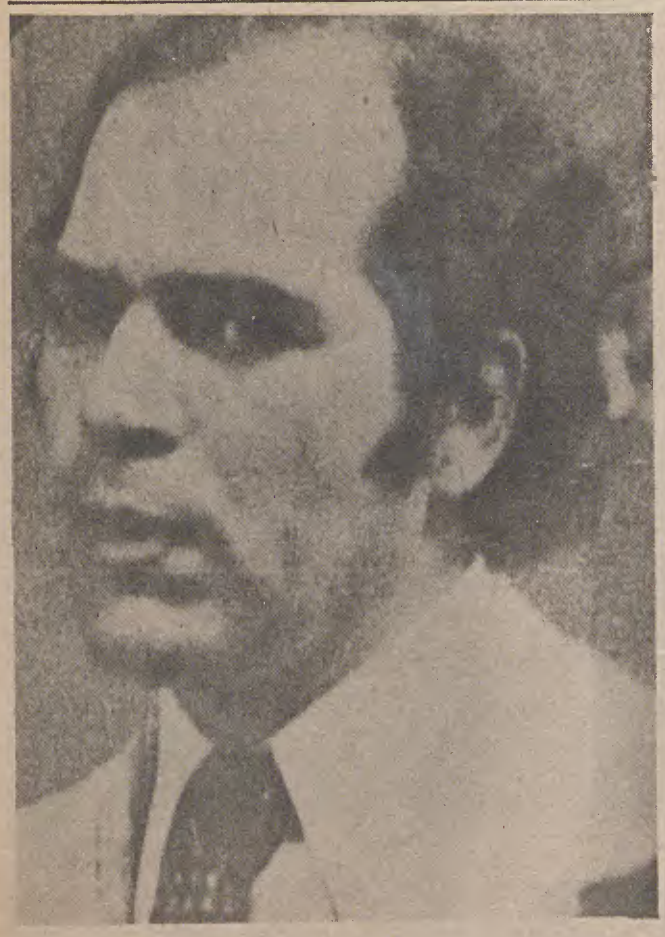
Círculos governamentais e da Oposição brasileira concordam inteiramente com essa análise, divergindo, porém, do resultado final dessa primeira aplicação política do Ato Institucional nº 5. Para observadores com trânsito no Palácio do Planalto, o presidente Geisel agiu "mais uma vez no momento certo". Temia-se — dizem eles — a escalada contra-revolucionária de direita e de esquerda. Ou por outra: se não fossem cassados os mandatos de Fabiano e Gato, considera-se que as esquerdas seriam estimuladas a prosseguir em ações de desafio ao Governo, procurando criar dificuldades internacionais para o Brasil, exatamente no instante em que se desenvolve uma política agressiva de conquista de novos mercados, como o africano. Vide posição brasileira no caso de Angola, proibição inicial da regata Capetown-Rio.E, na mesma linha, atuariam os radicais de direita, aos quais não interessaria o prosseguimento do processo de distensão política, pregando a retomada do binômio segurança-desenvolvimento, afastando-se definitivamente a política — e os políticos — do processo nacional. Em outras palavras: o "endirecimento" do regime brasileiro voltaria aos obscuros tempos de 1968, quando foi editado o Ato Institucional nº 5.

Fontes governamentais insistem num ponto: as cassações de Nelson Fabiano Sobrinho e Marcelo Gato teriam o mérito de assegurar o processo de distensão política iniciado pelo presidente Ernesto Geisel, o primeiro chefe da Nação revolucionário a garantir a realização de eleições livres e limpas, em 74. Segundo essas fontes, haveria o perigo de uma "virada de mesa" se o presidente da República deixasse de cassar os deputados. Temia-se um recrudescimento da crise política e instiucional que se armava nesta República e que se esvaziou com a morte do jornalista Vladimir Herzog e o comportamento dos emedebistas e universitários, que se limitaram a assistir a um pacífico serviço religioso na Catedral da Sé.

Naquele momento — asseguram — foram esvaziados dois movimentos: o da extrema direita e o da extrema esquerda, já que ambos procuram atingir seus objetivos por meios idênticos — a filosofia negativa do quanto pior melhor.

No episódio da cassação e suspensão dos direitos políticos de Fabiano e Gato, haveria mais ou menos os mesmos ingredientes. A primeira "provocação" teria sido a divulgação de um relatório apócrifo do Deops sobre atividades do Partido Comunista, envolvendo os nomes dos então deputados Nelson Fabiano e Marcelo Gato, e do líder do MDB na Assembléia Legislativa, deputado Alberto Goldman. Mais matreiro, Goldman não engoliu a suposta "isca", declarando que se tratava de tentativa para "esvaziar o MDB". Fabiano e Gato, ainda "cristãos novos" de primeira legislatura estadual e federal, preferiram visitar a Sucursal santista do jornal "O Estado de São Paulo".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM



Desde 1970, quando entrou para o MDB, até o último dia 5, Alberto Marcelo Gato, 34 anos, químico industrial e advogado, demonstrou ter bastante prestígio, não só na Baixada Santista, sua base eleitoral, mas em todo o Estado de São Paulo. Em suâ rápida ascensão – dos 4.779 votos que obteve em 1972, quando se elegeu vereador em Santos, aos 100.746 que o fizeram deputado federal, nas eleições de novembro de 74 –, Marcelo Gato, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e do Dieese – Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos, Sociais e Econômicos –, foi sempre apoiado por sindicatos de trabalhadores de todo o Estado. Caracterizando sua atividade parlamentar por uma constante preocupação pelos problemas trabalhistas, durante seu único ano de mandato na Câmara dos Deputados, alinhou-se sempre entre os "autênticos" do MDB. Marcelo Gato iniciou sua carreira política no extinto PDC, tendo fundado a Juventude Democrática Cristã.

determinaria novas cassações

OS CORRUPTOS?

Gato entusiasmou-se com a entrevista ao Estadão e cruzou a tênue linha que separa a liberdade da ilegalidade. Fabiano, não menos entusiasmado, endossou as declarações. Estava feita a nova crise política também de dimensões nacionais, e nascida em São Paulo, o Estado mais importante da Federação, hoje não só em termos econômicos mas também em termos políticos

E os acontecimentos se sucederam. Em Santos, Fabiano e Gato foram "convidados" para depor no Deops, num convite transfigurado em "intimação". O governador Paulo Egydio, em Campos do Jordão, foi surpreendido por um telefonema de Nelson Fabiano:

"Governador, o secretário da Segurança mandou nos intimar para depor no Dops!".

Do outro lado da linha, Paulo Egydio disse que não havia deixado nenhuma ordem nesse sentido.

"Entrem em contato com o coronel Erasmo!"

O coronel Erasmo, secretário da Segurança, não os atendeu ao telefone. Fabiano e Gato redigiram uma nota, levada à Secretaria pelo advogado Iberê Bandeira de Mello, expondo os motivos pelos quais eles não compareceriam.

Nesse meio tempo, o governador Paulo Egydio telefonava de Campos do Jordão para o seu secretário George Oswald Nogueira, pedindo que ele entrasse no circuito. A situação se complicava cada vez mais.

Contatados Fabiano e Gato por George Nogueira, houve a lamentável reunião na residência do secretário do governador, onde Gato e Fabiano só não chegaram às vias de fato com o coronel Erasmo por interferência de George, Nabi Chedid (o líder do Governo na Assembléia), Murilo Macedo (presidente do Banespa) e os delegados Tuma e Tácito Pinheiro, delegado geral do Deops. Enquanto o gelo era servido por Murilo Macedo, o ambiente tornava-se cada vez mais quente, tenso, a ponto da discussão – em altas vozes – fazer com que a segurança do coronel Erasmo pedisse reforço e cercasse todo o quarteirão da casa de George, no Alto de Pinheiros.

A discussão só terminou com a retirada do secretário da Segurança, convencido por George a ir para sua casa. Era dia 26 de dezembro, meia-noite e meia. A reunião prosseguiu até às três e meia da madrugada, quando Fabiano e Gato foram convencidos por George Nogueira e Iberê (o advogado de ambos) a assinar uma retratação. O raciocínio era simples e objetivo: desde que o relatório publicado pelos jornais era apócrifo, as declaração feitas em Santos ao Estadão perdiam qualquer sentido. Na manhã daquele sábado, Fabiano e Gato foram recebidos por George Nogueira, de pijama: eles levaram um ramalhete de flores à mulher de George, pedindo desculpas pelo tumulto da noite anterior.

Depois disso, seguiu-se a viagem do secretário Erasmo Dias a Brasília em companhia de Ismael Armond, assessor de Comunicações. O governador era informado que o 'affaire" já havia extrapolado da área estadual, mas mesmo assim estabeleceu um prazo para permanecer no circuito. O prazo foi vencido e uma série de indecisões de Fabiano e Gato impediu que o desmentido às declarações anteriores pudesse ter qualquer efeito. O ato cassatório era considerado irreversível.

Em São Sebastião, para onde viajou, Fabiano reconhecia haver cometido uma série de erros, no instante em que tudo ainda estava circunscrito à área estadual e o "laço" armado pelo relatório apócrifo poderia ser desengatilhado.

Em outras áreas governamentais, uma outra versão: Marcelo Gato teria agido conscientemente, levando Fabiano em seu "barco". eles teriam tentado se encontrar com o delegado geral do Deops, mais o chefe de gabinete da Secretaria da Segurança e o delegado Sérgio Fleury num restaurante do centro da cidade. Ali, os discursos feitos na casa de George Nogueira, que irritaram profundamente o coronel Erasmo, seriam utilizados. O resultado deveria ser um só: a prisão de ambos num local público numa sexta-feira, e só poderiam ser soltos na segunda-feira. Os dois deputados seriam manchete em todo o território nacional e em todo o mundo.

Na área da Oposição, outra versão: Fabiano e Gato teriam sido intimados em Santos, sem que se respeitasse a sua condição de deputado. Haveria, nisto tudo, uma maquiavélica jogada de setores "desalinhados" do MDB que pretendiam tornar-se majoritários na Assembléia, para manobrar o partido da maioria de acordo com interesses pessoais. A intimação e a "mão forte" do governador para que não fossem ao Deops para depor, lhes teriam dado a impressão de "intocáveis": o que se seguiu seria apenas o desprezo pela arte de jogar com habilidade política para contornar uma situação delicada.

Em resumo: um falso relatório do Deops (falso desde que apócrifo, segundo palavras textuais do governador) mais declarações precipitadas, mais o desprezo pelas regras do jogo político brasileiro e uma intransigência inoportuna teriam sido os ingredientes fundamentais de mais esta crise política, a primeira a culminar com o decreto presidencial de cassação de mandatos por motivos inteiramente políticos, baseado no AI-5.

Nos círculos governamentais ligados ao Palácio do Planalto, e que intervieram diretamente no "affaire", há a certeza de se ter tentado contornar uma situação num momento em que as portas não estavam inteiramente fechadas, e um evidente pesar com a interrupção da carreira de Fabiano, segundo eles, "um moço limpo e brilhante, mas imaturo". E a convicção de que não haveria outra saída desde que estabelecido o impasse com setores militares de influência:

"A não-cassação dos dois deputados poderia comprometer o processo de distensão".

Nos meios parlamentares, especialmente na Oposição, sente-se o desalento com a fria realidade segundo a qual há efetivamente uma tênue linha divisória entre a liberdade e a ilegalidade. E a perspectiva de se verem frustradas todas as tentativas de abertura democrática.

E no MDB, entre os "cristãos novos desalinhados", da linha anti-Goldman, dos que pretendem criar dificuldades para "vender" facilidades, há a constatação de que a renovação teria contribuído para o nascimento de "novos abutres" da política brasileira, interessados na defesa de interesses pessoais. Um retrato dessa situação: dia da cassação fim de tarde na Sala de Imprensa da Assembléia. O deputado Acrísio Pereira Lima encosta na mesa do jornalista do Estadão, e indaga:

"Só saiu a cassação do Gato e do Fabiano? Não sairam as do Goldman e do Robson? Me garantiram que eles seriam cassados!".

O deputado Acrísio Pereira Lima, conhecido como "folclórico" do MDB tem o hábito de usar óculos escuros dia e noite, utilizar a tribuna para discursos sem sentido e foi recentemente ameaçado pela Mesa da Assembléia e pelo líder Alberto Goldman de ter o seu mandato cassado por falta de decoro parlamentar, pelo próprio MDB, depois de ameaçar dar tiros em dois jornalistas no restaurante e nos corredores da Assembléia. Motivo: ele havia sido classificado de folclórico. Entre as suas mais recentes "façanhas" estão a tentativa de agressão a um terceiro jornalista, no Salão do Barbeiro, e a reclamação do ex-deputado arenista Alex Freua Neto, que exibe um cheque "frio" do deputado Acrísio e ameaça entrar em ação judicial "caso o Leonel (presidente da Assembléia) não salde a dívida".

Eis aí os condicionamentos de uma crise tipicamente paulista, que acabou se transformando em crise nacional.

José Carlos Bittencourt

No MDB, observaram-se dois tipos de reação: uma no estilo Ulisses Guimarães / Franco Montoro, considerando as cassações um retrocesso político; a outra, do grupo parlamentar "anti-Goldman", onde se lamentou, inclusive, a ausência do nome do líder oposicionista no decreto de cassaão. Esta última reação já era esperada pelo próprio Goldman. De modo geral, na Assembléia de São Paulo o ambiente era de tensão e de temor. O deputado Del Bosco Amaral chegou a distribuir aos jornalistas um telegrama dirigido a Ulisses, solicitando a convocação da executiva nacional do partido mas depois cancelou-o, sem maiores explicações. Alguns deputados empenhavam-se em adiar a reunião da executiva estadual para "ganhar tempo" e "assentar a poeira". E a reunião acabou sendo realizada fora do partido, na vice-presidência da Câmara, para evitar os ouvidos atentos da Imprensa.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Klaus Kleber

ECONOMIA

"Este ano, o governo se propõe a equilibrar a balança comercial, tendo tomado para isso uma série de medidas, como a redução das importações de empresas estatais, depósito compulsório pelo prazo de 360 dias para as importações pelas empresas etc. Mas o que se verifica é que o equilíbrio da balança comercial é apenas uma parte da solução do problema".

Arnaldo Prieto

Mínimo em maio: Cr$ 777?

Este ano, as estimativas de quanto será o reajuste do salário mínimo começaram cedo. Antes do Dia de Reis, os jornais entraram no assunto, vinculando informações desencontradas, como sempre acontece quando se trata de adivinhações. Segundo o "Estadão" e o "Jornal do Brasil", o aumento em 1976 será de 35%. Já "O Globo" disse que será de 45%.

A confusão não foi bem esclarecida pelo ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, que informou que o reajuste a ser anunciado pelo governo no próximo dia 1º de maio será 15% acima da taxa inflacionária dos doze meses anteriores. Como não se sabe ainda qual será a taxa de inflação dos próximos quatro meses, não se pode dizer com precisão qual será o percentual do aumento.

Vale a pena, no entanto, um cálculo aproximativo. A taxa de inflação de 1º de maio a 31 de dezembro do ano passado foi de 17,4%. Supondo que nos próximos quatro meses o índice geral de preços (disponibilidade interna) aumente à taxa mensal de 2%, tem-se uma inflação de 27,0% nos últimos doze meses até o reajuste do mínimo. Mais 15%, anunciados pelo ministro Prieto, tem-se 42%. Feitas as contas, o salário mínimo, para as cidades da Grande São Paulo, aumentaria de Cr$ 532,80 para Cr$ 756,48. Se o aumento for de 45%, dará Cr$ 772,56.

Este é um cálculo simples. A matemática dos economistas do governo, porém, é mais complicada. Provavelmente, os 15% não serão aritmeticamente somados à taxa de inflação. Pode prevalecer o critério de soma geométrica, de acordo com a fórmula de reajuste salarial, um cálculo semelhante ao de juros sobre juros. Nesse caso, tem-se que multiplicar o fator 1,15 correspondente ao acrésimo de 15%) pelo fator 1,27 (correspondente à inflação de 27%). O resultado será 46%, dando um novo salário de Cr$ 777,69.

Mesmo na hipótese mais favorável, o valor do salário mínimo estará ainda longe de recuperar o poder aquisitivo que tinha em 1958. O máximo que se conseguirá é recuperar o poder de compra de 1970.

O PODER AQUISITIVO DO MÍNIMO

(1958— 100 — mês de maio)

1958	100	1968	43
1959	74	1969	41
1960	57	1970	42
1961	65	1971	40
1962	60	1972	40
1963	54	1973	36
1964	55	1974	32
1966	44	1975	36
1967	43	1976	42

(Fonte: Dieese) (estimativa)

Na balança, a grande aposta do ano

Com base nos dados já conhecidos, pode-se dizer que o país não fez nenhum progresso no ano passado com relação ao balanço de pagamentos. Na realidade, a situação, em vez de melhorar, piorou. Não só o deficit em transações correntes foi superior ao de 1974, como o saldo da conta capital foi menor, o que resultou em um deficit global de US$1,9 bilhão. Com isso, as reservas brasileiras deverão se reduzir para US$3,5 bilhões, aproximadamente, contra US$5,4 bilhões no começo do último ano.

Antes de traduzir esse conomês, é útil montar um balanço esquemático com base em informações já divulgadas, embora o Banco Central não tenha apresentado ainda os números oficiais. O quadrinho do ano passado deverá ter, mais ou menos, a seguinte configuração:

BALANÇO DE PAGAMENTOS

US$bilhões

Balança comercial	— 3,6
Exportações	12,2
Importações	8,6
Serviços (líquido)	— 3,5
Transações correntes	— 7,1
Movimento de capitais (líquido)	5,2
Saldo — deficit (—) ou superavit (+)	— 1,9

O balanço de 1974 não foi substancialmente diferente. O deficit da balança comercial foi superior (US$4,5 bilhões), mas, em compensação, o deficit de serviços foi bem menor (US$2,3 bilhões), ou seja, o deficit em transações correntes (deficit da balança comercial + deficit de serviços) foi de US$6,8 bilhões, inferior, portanto, ao de 1975.

O que mostra o balanço do último ano é, portanto, que as economias obtidas no intercâmbio comercial com o exterior, de cerca de U$900 milhões, foram superadas com folga pelo crescimento das despesas de serviços, que aumentaram US$1,2 bilhão de um ano para o outro.

Muito embora as autoridades não tenham revelado ainda dados mais pormenorizados sobre a conta de serviços, não é difícil saber porque isso ocorreu. Na conta de serviços, são incluídas todas as operações de intercâmbio, que, no linguajar técnico, são chamadas de "invisíveis", isto é, as receitas e despesas com pagamentos de juros, royalties, dividendos, assistência técnica, frete, seguro, viagens internacionais etc.

O itém que mais pesou foi certamente o de juros. Calcula-se, com base em dados relativos ao primeiro semestre, que o país tenha gasto US$1,9 bilhão em 1975 com o pagamento de juros sobre empréstimos, contra US$1,5 bilhão em 1974. O aumento do pagamento de juros, como é fácil de imaginar, decorreu diretamente do crescimento da dívida externa, que se situou em US$21,5 bilhões, aproximadamente, ao fim de 1975, em comparação com US$17,1 bilhões em dezembro de 1974 e US$12,5 em dezembro de 1973.

Ao mesmo tempo, com a progressiva redução das reservas, cairam as receitas que o país obtém com sua aplicação no exterior.

Para completar, o total dos empréstimos e financiamentos obtidos pelo país no mercado financeiro internacional, somado aos investimentos diretos (capital de risco) pode ser estimado em US$7,2 bilhões em 1975, total elevado mas ainda inferior ao de 1974 (US$7,5 bilhões).

Neste ano, o governo se propõe a equilibrar a balança comercial, tendo tomado para isso uma série de medidas, como redução das importações de empresas estatais, depósito compulsório pelo prazo de 360 dias para as importações pelas empresas etc. Mas o que se verifica é que o equilíbrio da balança comercial é apenas uma parte da solução do problema. Com a dívida externa aumentando, ainda que em ritmo mais moderado, e as reservas se reduzindo, o deficit da conta de serviços continuará em ascensão. Não é de forma nenhuma impossível que esse deficit atinja US$4 bilhões no final de 1976. Esse total, somado às amortizações de empréstimos já contraídos, que provavelmente ficarão entre US$2 e US$2,5 bilhões, verifica-se que o país terá que conseguir no exterior um total bruto de empréstimos e financiamentos ainda bastante elevado (mais de US$5 bilhões, pelo menos) para não registrar novamente este ano um grande deficit no balanço de pagamentos.

E isto presumindo que a balança comercial se mantenha em equilíbrio em 1976, para o que será necessário que as importações se reduzam a US$10 bilhões e as exportações tenham um crescimento de 15 a 20%. Esta é a grande aposta deste ano.

A FAZENDA HOTEL FONTE SONIA APRESENTA SUAS NOVAS INSTALAÇÕES

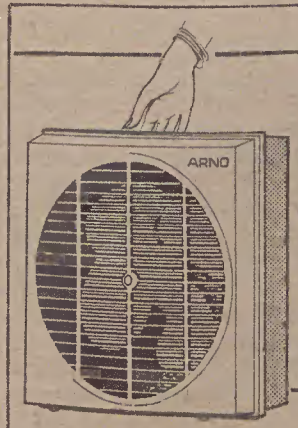
Piscina com deck, cavalos para as crianças brincarem, lagos para pesca, cascatas, bosques e jardins na melhor estância climática do Estado de São Paulo.

PREÇO PARA CASAL CR$ 200,00 TUDO INCLUIDO

Apartamento com café da manhã, almoço, chá e jantar, saboreando os quitutes da fazenda.

Fazenda Hotel Fonte Sonia
Valinhos - Fone: 2300

Reservas com antecedência pelos fones: 35-9505 e 33-2903.



Turbinho ARNO
Econômico e refrescante

Escolha a velocidade do ar que você quer para o seu ambiente:

1. conforto com total silêncio
2. ar agradável à vontade
3. ar em profusão.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Foi eleito pelos jornalistas o melhor vereador do ano. Do chamado grupo renovador da ARENA, tido como uma das mais promissoras vocações politicas de S. Paulo, Celso Matsuda mostra que o universo da Câmara é mais rico do que se imagina.

Sobre o exercício do mandato, a observação bem realista:" Seis mil cruzeiros (salário de vereador paulistano), quem deixa o emprego por isso? Como engenheiro, eu ganharia muito mais — minha mulher, secretária, ganha melhor que eu".

O maior problema da cidade vem de fora/ Estamos partindo para o caos, falta infraestrutura/Paulistano e profundamente triste, notem o silencio num ônibus na hora do rush/Silvio Santos seria o governador mais votado da história de SP"

O prefeito Olavo Setúbal, hoje, não teria condições de se eleger nem mesmo vereador pela nossa cidade, em eleições diretas. Mas, no futuro, poderá vir a ser um bom nome da ARENA, inclusive para a sucessão de Paulo Egydio Martins".

Paulistano nascido e criado na zona do Mercado, 27 anos, filho de imigrantes japoneses, engenheiro-eletrônico, Celso Matsuda foi eleito o melhor vereador do ano de 1975, pela unanimidade dos jornalistas credenciados na Câmara Municipal de São Paulo. E o título não deixou de ter suas razões: Matsuda foi o vereador que mais vezes ocupou a tribuna e o que mais trabalhos apresentou, como presidente da Comissão de Obras e Urbanismo. Foi o responsável pelos projetos da Lei do Zoneamento, da Lei do Silêncio, do Código de Edificações e caracterizou-se por sua absoluta independência em relação ao governo de Olavo Setúbal, embora pertença à Arena, fazendo duras críticas ao prefeito, sempre que necessário.

Uma idéia sua — a de chamar o povo para audiências públicas e discutir projetos em andamento na Câmara Municipal — foi considerada uma das grandes inovações em nossos parlamentos: graças a esse recurso, vários ítens do projeto das Zonas Especiais (ou Z—8) foram sugeridos pelo próprio povo e aprovados pelos vereadores.

Um dos mais jovens políticos do país, da geração pós—64, Celso Matsuda faz parte do grupo renovador e liberal da Arena, que defende a extinção ao AI-5, do 477 e a volta do Estado de Direito. Eleito em 72, com mais de 70 mil votos — a maioria dos quais de estudantes — Matsuda teme não ser reeleito nas próximas eleições, "pois a Arena é um peso nas costas de qualquer político".

Recém-casado com Helena, uma estudante de Comunicações, que como secretária-bilingue "ganha mais do que o mísero salário dado a um vereador", Matsuda tem outras queixas a fazer: seu irmão, Nelson, apresentador de um programa de televisão, teria muito mais votos do que ele,"já que o vereador não passa de um anônimo."

Torcedor do Corintians, diz que assim como seu time, a Arena pode fizer 20 anos sem ser campeão.

MATSUDA, GUARDEM O NOME

AQUI — Você foi eleito o melhor vereador do ano pelos jornalistas credenciados na Câmara Municipal de São Paulo. Isso é o bastante para garantir sua reeleição em novembro próximo?

CM — De forma alguma. Se de um lado, esse título dado pela imprensa vai me ajudar e prestigiar como um vereador atuante e interessado nos problemas da cidade, há por outro lado a dura realidade da situação atual, problemas que estão aí explodindo, como o da crise econômica, da miséria geral, da vigência do AI-5, do decreto 477, da censura e falta de liberdade de expressão. Enquanto tudo isso existir, eu sou daqueles, dentro do meu partido, ameaçado de não ser reeleito. O vereador João Brasil Vita, da Arena, costuma afirmar que nosso partido, que hoje é maioria na Câmara, com 14 membros, contra 7 do MDB, não terá condições de fazer mais do que 3 vereadores nas próximas eleições. Meu pessimismo não chega a tanto. Acho que a Arena pode fazer 5 vereadores, se as coisas não piorarem daqui prá frente, o que é difícil. Por mais que um vereador se esforce, por mais que o prefeito Setúbal faça obras e tente melhorar o padrão de sobrevivência do povo paulistano, pouco vai adiantar. É claro que o povo quer saber de pavimentação, de iluminação e mais transportes, mas o que pesa mesmo é a barriga, o custo de vida cada vez maior nesses tempos de crise. E isso não depende de nós, a crise é internacional. E enquanto houver esse absurdo binômio situação-oposição, a tendência é votar contra o governo, porque o povo não tem e nem pode ter consciência de uma inter-relação cada vez mais estreita das coisas, no mundo conturbado de hoje.

AQUI — Você tem afirmado que o vereador é um homem de mãos atadas, um político inutilizado pelo enfraquecimento cada vez maior dos legislativos...

CM — Na verdade, o prefeito é o dono absoluto da cidade. Existe um ditador no Ibirapuera: o senhor Olavo Setúbal, que tem demonstrado confiar muito mais nos tecnocratas do que nos políticos, infelizmente. Eu já disse e repito: a Câmara Municipal, hoje, é um mero cartório de registros da vontade do Executivo. Como estamos impossibilitados de apresentar projetos que onerem o orçamento municipal, pouco nos resta fazer, a não ser, num estafante processo de "imaginação criadora", alguns projetos de alcance e efeito relativos.

AQUI — O vereador é um personagem conhecido pelos habitantes da cidade?

CM — Absolutamente. Ninguém conhece visualmente um vereador; a maioria aliás, nem sabe direito o que faz um vereador. São Paulo é um país de 7 milhões de habi-

"VAI DAR MDB, 16 a 5"

tantes, a maior cidade da América Latina, o município que depois da união, e dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, tem o maior orçamento do país. Ser vereador por essa cidade deveria significar alguma coisa. Mas não. Dificilmente alguém é capaz de me reconhecer nas ruas. Ocasionalmente, alguém já ouviu falar em meu nome, mas não sabe que sou vereador. Vou dar um exemplo bem concreto. Meu irmão, Nelson Matsuda, é apresentador de um programa na TV Bandeirantes, o "Japan Pop Show". O programa é dirigido e restrito à colonia japonesa. Apesar disso, ele é muito mais conhecido do que eu, não só pela colônia, como pela população em geral. Então, as pessoas me confundem — eu sou um pouco parecido com meu irmão — e dizem: "**ah, sim, eu te conheço pela televisão.**" Confesso que meu irmão, como comunicador, teria muito mais votos do que eu. E digo ainda que, se deliberadamente eu procurar confundir o eleitorado e me apresentar como o animador do programa, terei muito mais votos que o necessário para a reeleição. Nós somos 21 vereadores que representamos, cada um, uma média de 400 mil habitantes desta cidade. No entanto, não passamos de simples anônimos, o povo ignora nosso trabalho. Mas em compensação, se o Silvio Santos quisesse, ele seria, numa eleição direta, o governador mais votado da história de São Paulo.

AQUI — Nas eleições de 72, você teve mais de 70 mil votos, boa parte dos quais, da área estudantil. Essa mesma juventude, hoje, está disposta a votar em você, um arenista?

CM — É o seguinte: eu não me afastei da classe estudantil durante todo esse período, e minhas posições na Câmara Municipal são assumidas basicamente em função da média de opiniões que procuro colher entre os universitários. O fato de eu pertencer ao partido do governo, mas pregar a extinção das medidas de exceção e do sistema bipartidário, refletem posições dessa massa estudantil que, acredito, pode votar em mim com tranquilidade. Mesmo porque, hoje, mais importante que filiar-se à Oposição, é tentar de alguma forma modificar a Arena, como tentar fazer o grupo renovador do partido, dentro do qual me incluo. E a verdade é que a Arena, hoje, é um peso nas costas de qualquer político, um ônus duro de ser carregado. Explico: os aspectos positivos da Revolução são carreados para o presidente Geisel, para o sistema. E os aspectos negativos, para o partido. Deformações do sistema bipartidário...

AQUI — Então a Arena não passaria de um bode expiatório do sistema?

CM — Todos sabem que a Arena é uma colcha de retalhos, quase uma torre de Babel, com alas, sub-alas, cada qual falando uma linguagem. E não me agrada permanecer num partido indefinido como esse, que, realmente, acaba se transformando num saco de pancadas. Eu só fico e ficarei na Arena se souber que ela está sendo comandada por homens que comungam os mesmos ideais e objetivos. Com homens, por exemplo, como o Teotonio Vilela, a figura mais importante do Partido, hoje, por sua coragem e coerência. O grupo renovador da Arena foi o responsável por 80% das teses do novo programa do partido, com pontos-de-vista ousados, que segundo alguns analistas políticos são até mais avançados que os do próprios MDB. A omissão das outras alas e sub-alas da Arena permitiu que uma maioria como a nossa — do grupo renovador — elaborasse a espinha dorsal do novo programa partidário. Acontece que homens como o Dinarte Mariz — só para citar um exemplo — são contra esse programa liberal. Não só ele, como uma grande maioria. E se fosse o caso de um expurgo no Partido, muita gente estaria em situação incomoda. Ou então, a minoria, do grupo renovador, deveria sair da Arena e formar um novo partido. Na verdade, existe uma grande farsa, tanto na Arena como no MDB, e todos fingem vestir a camisa.

AQUI —O senador Orestes Quércia disse certa vez que Paulo Egydio, numa eleição direta, não se elegeria vereador em Xiririca... E o Setúbal, teria condições de se eleger vereador por São Paulo?

CM — Hoje, ainda não. Quem sabe, no futuro, ele possa ser o grande nome da Arena. Para se ser vereador é preciso ter 60 mil votos, no mínimo, o que não é fácil, mesmo para quem tenha um grande poder econômico. Mas acho, em primeiro lugar, que ele não aceitaria ser candidato. Mesmo porque, quem é suficientemente maluco para deixar a iniciativa privada e ganhar 6 mil cruzeiros como vereador? Eu, que sou um simples engenheiro recém-formado, poderia ganhar muito mais, se me dedicasse à minha profissão. Minha mulher, Helena, ganha mais do que eu, como secretária-bilingue. Então, para ser vereador, é preciso gostar muito de política, sem tempo de se dedicar a outra coisa. Mas, de qualquer forma, o prefeito Olavo Setúbal está agora ganhando sensibilidade política, descobrindo as Biafras da cidade, se revoltando contra as misérias da periferia. Quem sabe, num futuro próximo, ele possa se tornar um ótimo candidato da Arena, até mesmo para o governo do Estado. Mas não em eleições diretas, pois ele tem pouco tempo para se projetar popularmente. Olavo Setúbal é um homem polêmico, duro e decidido. Por isso mesmo merece o nosso respeito, apesar dos ranços de empresário que marcam sua personalidade.

AQUI — Então você considera que um empresário não pode ser um bom político?

CM — Acho que os empresários, quando saem de seus gabinetes e mansões, começam a modificar seus pontos de vista diante do mundo. Olavo Setúbal, por exemplo, confessou a Aqui, que morava na Suiça de São Paulo e só descobriu as Biafras quando tornou-se prefeito. Há também o exemplo de Laudo Natel, que jamais esqueceu suas origens humildes, como empresário ou governador. Mas há um exemplo melhor o de Paulo Maluf, que vem de uma família de empresários e adquiriu maior sensibilidade política e humana quando começou a entrar em contato com o povo e perceber a necessidade de que é sempre possível fazer alguma coisa pelo próximo.

AQUI — Na sua opinião, qual o grande problema da cidade?

CM — Acho que o problema maior está fora da cidade: o problema nacional é que abala nossa cidade. O problema das migrações, por exemplo. Os retirantes chegam aqui aos milhares, maltrapilhos, doentes, escorraçados pela fome. E tudo explode aqui. O problema é de fome lá fora, mas o rojão estoura em nossas mãos. Então, boa parte da solução de São Paulo depende do governo federal. A migração cria problemas terríveis para a cidade, mas é preciso perguntar o porque desse êxodo rural. E a resposta é obvia, há muita miséria pelo resto do Brasil. O migrante vem aqui, está certo, ajudar na construção do metrô, dos edifícios, das obras públicas. Mas, por outro lado, vai criar novas favelas, agravando problemas já terríveis como o da higiene, mortalidade infantil, habitação. E a cidade não tem infraestrutura para suportar tudo isso, estamos partindo para o caos. Um tecnocrata dos tempos do prefeito Ferraz, disse certa vez que, se pudesse, colocaria uma grande cerca em São Paulo, com uma placa de advertência: "É proibido entrar". Isolar São Paulo, como quer o tecnocrata, pode até resolver o problema da cidade, mas não o problema nacional. E então, São Paulo, ao invés de ser a grande potência econômica imperialista, a locomotiva, e outros chavões nascidos de preconceitos e ufanismos, é na realidade uma grande vítima. O Paulo Egydio, aliás, disse antes de iniciar seu governo que São Paulo é pior que o Nordeste. E é mesmo.

AQUI — Você poderia citar alguns exemplos?

CM — Outro dia, a pedido de Aqui, fui ver como funcionam os pronto-socorros municipais, para testemunhar o seu mau atendimento. Saí espantado com o número de casos de angústia e neurose que são atendidos nesses locais. Num só pronto-socorro, apareceram num período de menos de quatro horas, sete casos de homens e mulheres atacados pela angústia, com crises de choro e melancolia. Então, os problemas acumulados da cidade grande torturam nossa população. É poluição, em todos os níveis: o congestionamento, a falta de lazer, o transporte deficiente, o salário baixo, as doenças, a falta de comunicação entre as pessoas. Tudo isso leva o paulistano a ser cada vez mais neurótico. Nada mais constrangedor que tomar um ônibus na hora do rush: há um silêncio absoluto no ônibus lotado, ninguém sequer lê os jornais. O paulistano é profundamente triste, os contrastes da cidade agridem a cada instante.

AQUI — Setúbal disse certa vez a nosso jornal que "se alguma coisa explodir, será primeiro em São Paulo". Você concorda?

CM — Eu concordo com o prefeito. Não estamos simplesmente num processo de explosão, mas sim de implosão. E quando acenderem o estopim, a coisa vai cair de uma forma não apenas vertical, mas horizontal, atingindo a todos nós de forma violenta. Será o enterro do país...

AQUI — Você é um dos políticos mais jovem do país, tem 27 anos, é da geração pós-64. Qual o conceito que você faz de um político da sua geração?

CM — Em 64 eu tinha 16 anos, por aí, não tinha nenhuma participação política. Evidentemente, ouvia falar das antigas siglas partidárias, dos líderes como Jânio, Jango, Adhemar, JK. Só dois anos depois comecei a participar, de alguma forma, na política estudantil. E quando comecei a tomar consciência das coisas, já vivia num regime de Arena e MDB. Em 1968, como presidente do Diretório Central da Universidade Mackenzie, participei, naqueles tempos de crise e agitação, ao lado dos ideais revolucionários de 64. Mas não ao lado dos chamados radicais de direita do CCC e nem mesmo da extrema-esquerda, que também existia no Mackenzie. Naquela época, como presidente do diretório, eu era considerado um moderado, com trânsito em todas as áreas. A juventude ainda participava politicamente, coisa que acabou com o advento do 477. Retornando hoje às universidades, eu sinto a influência do decreto: não há líderes, não há ideais a serem pregados e defendidos. Alienaram nossa juventude. E o político de minha geração anda à procura basicamente de uma liderança, de novos caminhos, mas não encontra. E as futuras lideranças, que deveriam surgir nas lutas estudantis, estão alijadas. Não adianta nada apregoar que a juventude deve fazer política somente dentro dos partidos. A juventude deve fazer política a toda hora e em qualquer lugar. Deve fazer política mesmo, na acepção mais clara e total da palavra, e não simplesmente política partidária, dentro de siglas que pouco representam. Deve fazer política nas escolas, em casa, no emprego. Afinal, os homens que comandaram nosso Estado, como Paulo Egydio, Arrobas Martins, José Bonifácio Nogueira e tantos outros, começaram sua vida política dentro de entidades estudantis, como a União Nacional de Estudantes e a União Estadual de Estudantes, lutando contra a ditadura de Vargas. Então, é hipocrisia dizer-se que escola é lugar de estudar. Hoje, existe medo e alienação nas escolas. O 477 faz com que reitores, diretores e professores fiquem temerosos de estarem ensinando doutrinas de contestação ao sistema, e aí eles preferem se omitir e conservar o emprego. Os estudantes, por sua vez, ficam receosos de qualquer movimentação política dentro das escolas, com medo de serem tachados de subversivos e serem expulsos.

Por tudo isso, como um político da nova geração, da geração pós-64, descomprometido com o passado, só posso dizer: não acredito em distensão enquanto não houver a revogação do AI-5 e do decreto 477, com a volta do Estado de Direito.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

O que Pelé fez no Brasil, além de brigar com seu sogro? Ele veio contratar um beque central e um meia armador para o Cosmos. É que seu time agora só admite jogadores que falem inglês ou português.

Ademir da Guia não vai. Pelé deve levar Oberdã

Assinar contrato com a Warner Comunication e com a Pepsi Cola representou muita coisa para Pelé. A principal foi a de, recentemente, ele poder pagar a um banco uma dívida da Fiolax (fábrica da qual era o principal avalista), no valor de Cr$ 3.000.000,00 em dinheiro e à vista. Caso não aceitasse o convite da Warner para voltar ao futebol, Pelé encontraria sérios problemas para não ver a sua tão abalada imagem de homem de negócios à beira do ridículo.

Mas, em compensação, a partir da assinatura desses contratos, Pelé, que sempre se queixou de que a vida de jogador lhe impedia de ficar junto da família, viu seu tempo encurtar ainda mais. E, até certo ponto, ficar mais agitado (no último fim-de-semana, vários jornais noticiaram uma grande briga entre Pelé e o pai de Rose. Segundo eles, o sogro teria avançado com uma faca e Pelé teria se defendido com uma cadeira).

Mas na segunda-feira, três dias antes da apresentação dos jogadores brasileiros aos seus respectivos clubes, Pelé já estava embarcando para os Estados Unidos, onde durante 10 dias vai gravar vários comerciais para a televisão.

Essas atividades comerciais, envolvendo brinquedos, uma fábrica de perfumes (Brutt) e uma nova marca de chuteiras e tênis a ser lançada nos EUA (Pony), devem ser entremeadas com a inscrição de seus filhos na escola da ONU, o que transfere definitivamente sua família para os Estados Unidos.

No dia 20, Pelé segue para o Japão, onde vai participar de uma homenagem oferecida pela Honda, firma com a qual acaba de assinar um contrato publicitário por intermédio da Warner. Além disso ele vai lançar, numa tarde de autógrafos, o seu livro "Jogando com Pelé", que já está sendo vendido no país.

No dia 28, Pelé segue para a Africa, onde deverá visitar vários países, entre os quais o Quênia, a Nigéria e Zaire. Em Lagos, capital da Nigéria, Pelé vai inaugurar uma fábrica da Pepsi e nos outros países deve continuar com o programa dessa fábrica de refrigerantes, de futebol, dando aulas a crianças até 12 anos. No Zaire, Pelé vai participar de um jogo beneficiente, após o que encerra a sua temporada na Africa.

No Brasil, para onde deverá voltar no dia 15 de fevereiro, Pelé vai terminar as filmagens de um documentário dirigido por François Rochembach, começado no ano passado. Para isso, ele volta a Bauru, Três Corações e Santos, onde desenvolveu grande parte de sua carreira. Finalmente, ele vai até a Bahia, onde o diretor do filme pretende aproveitar o folclóre baiano e o carnaval para terminar o documentário sobre Pelé.

No intervalo das filmagens Pelé está encarregado de cuidar de alguns dos interesses do New York Cosmos, contratando três jogadores para o time, que pretende esse ano entrar no campeonato norte-americano para ganhar o título.

Segundo ele, os diretores do New York Cosmos pretendem, para facilitar o entendimento do técnico com os jogadores formar um time onde se fala apenas duas línguas: o inglês e o português. Assim resolveram se desfazer do ponta-esquerdo grego, do centroavante israelense e do central belga. Para preencher essas vagas Pelé estava encarregado de contratar no Brasil um beque central e um meia armador, para jogar ao lado de Nelsi, que pertencia ao Santos. Já o centro-avante deve ser inglês ou escocês.

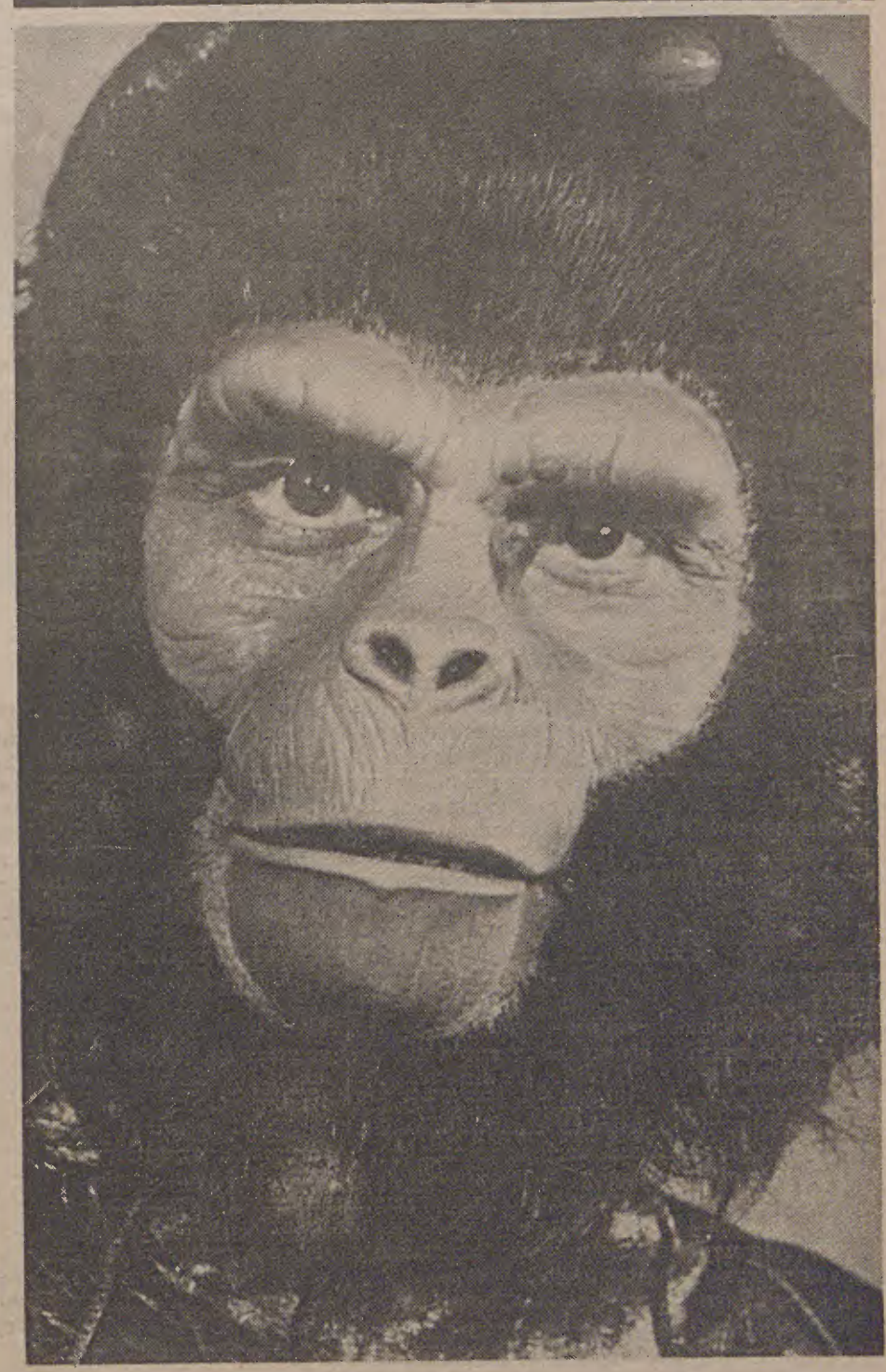
Pelé provavelmente vai levar o central Oberdã, que defende o Santos até o ano passado. Ele queria contrtar Dirceu Lopes, mas como o meia do Cruzeiro sofreu uma contusão muito séria, rompendo o tendão de Aquiles, Pelé vai escolher outro para a posição e já adiantou que não será Ademir da Guia.

A partir do dia 10 de março Pelé volta para Nova York, onde começa a treinar com o Cosmos. Afinal, o campeonato norte-americano está marcado para o dia 1º de abril.

Michel Laurence

A produção
mais ousada
dos últimos tempos

O PLANETA
DOS MACACOS

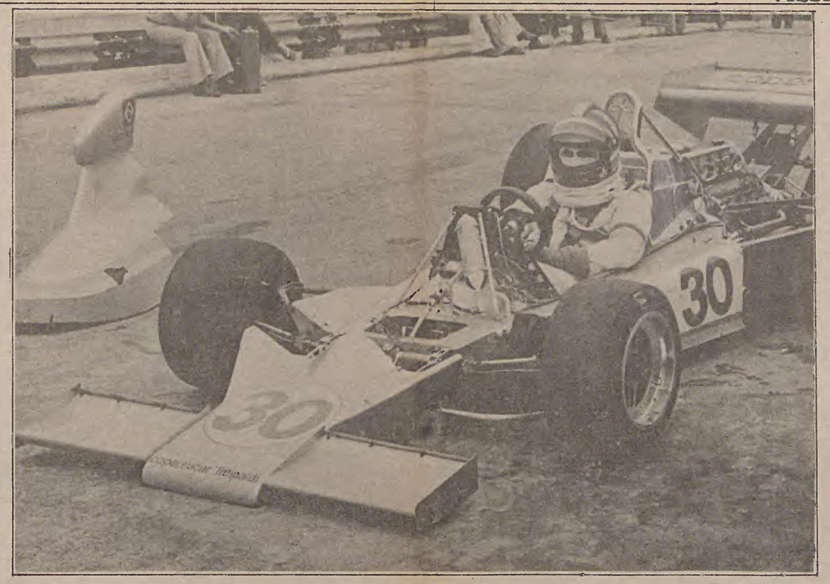


14 aventuras inéditas
numa série
especial para a TV.

Todas as segundas.
9 da noite. A cores.

1
REDE GLOBO

A FAMÍLIA FITTIPALDI QUER UM IMPÉRIO!



SÃO TRÊS CARROS, UMA EQUIPE E Cr$ 20 MILHÕES PARA REALIZAR UM SONHO. REPORTAGEM DE MICHEL LAURENCE.

Os Fittipaldi estão construindo um império. Um império que dentro de cinco a dez anos poderá ser tão sólido e respeitado quanto a Ferrari. Pelo menos é isso que os dois irmãos pretendem para o futuro e é por isso que os quase Cr$ 850.000,00 que Emerson Fittipaldi ganha atualmente por mês são canalizados para a Fittipaldi Empreendimentos Ltda., e empregados quase totalmente na construção dos carros.

O contrato que Emerson assinou com a Copersucar, segundo fontes oficiais, é de 400 mil dólares (cerca de Cr$ 3.600.000,00) por ano, o que lhe dá um rendimento de Cr$ 300.000,00 por mês, pagos à Fittipaldi Empreendimentos para evitar uma taxação maior por parte do Imposto de Renda. Esse contrato não chega a ser tão grande como o que foi anunciado, mas assim mesmo representa um dos maiores já feitos no País.

Esse tipo de empreendimento por parte da Copersucar pode ser qualificado como de nível internacional, já que, além dos salários de Emerson Fittipaldi, a cooperativa açucareira financia a equipe e os carros, com um patrocínio de Cr$ 9.000.000,00 por ano, dando assim todas as condições para que a "escuderia" possa progredir.

No entanto, uma verificação dos gastos pode demonstrar que os ganhos dos Fittipaldi não são tão grandes assim. Atualmente, a construção de um Fórmula 1 custa por volta de Cr$ 3.600.000,00 e os Fittipaldi já construíram três carros. Um motor Ford-Cosworth custa atualmente por volta de Cr$ 1.330.000,00 e só no início desse ano, a empresa dos Fittipaldi comprou cinco (o que equivale a Cr$ 6.650.000,00), fora os quatro comprados no ano passado.

Além de todas essas despesas, ainda é preciso acrescentar os gastos com transportes dos carros (este ano serão três) — do Brasil para a África do Sul, da África do Sul para a Europa, da Europa para os Estados Unidos e de lá para o Brasil —, que é feito de avião e que só passará a ser grátis a partir do momento em que a equipe conseguir marcar pelo menos um ponto em corrida oficial do campeonato, quando passará a ser aceita na Associação dos Construtores de Fórmula 1.

Para poder ter dois carros competindo em todos os circuitos, os Fittipaldi tiveram que montar uma equipe quase perfeita, que pode rivalizar com as melhores da Fórmula 1 — à exceção da Ferrari —, que tem sua própria fábrica, produz seus próprios motores e tem até pista particular para testar seus carros.

Mas, uma equipe desse gabarito, onde figuram nomes de grande relevo no mundo do automobilismo,como os de Jo Ramirez — um mexicano, chefe da equipe, que foi tirado da Tyrrel—; de Ioshiatsu Itoh — um japonês, chefe dos mecânicos, que já pertenceu à Lotus —, ou dos mecânicos Ian — um inglês, que era da MacLaren — e Salvatore — um italiano, que trabalhava para a Shadow —, representam para Fittipaldi uma folha de pagamento mensal que chega aos Cr$ 180.000,00, mais ou menos o que gasta um bom clube de futebol por mês, com um elenco de 25 jogadores.

A isso é preciso somar-se o ordenado de Cr$ 30.000,00 mensais que Ingo Hoffman (segundo piloto da equipe) recebe e que é pago da verba recebida por Wilson Fittipaldi da Copersucar.

É por isso que até mesmo os contratos particulares de Emerson e Wilsinho Fittipaldi vão diretamente para a Fittipaldi Empreendimentos. Atualmente, Emerson, além do contrato com a Copersucar, tem mais os seguintes contratos publicitários, com os respectivos ganhos anuais: Instituto Brasileiro do Café — Cr$ 1.200.000,00; Good Year (pneus) — Cr$ 800.000,00; Banco Comércio e Indústria de São Paulo — Cr$ 800.000,00; Atlântica Boavista de Seguros — Cr$ 1.200.000,00; Ford do Brasil — Cr$ 500.000,00; óculos Fittipaldi — Cr$ 400.000,00; Relógios Timex — Cr$ 800.000,00; Revista Quatro Rodas — Cr$ 216.000,00; Produtos AGV (capacetes, etc) — Cr$ 200.000,00; Brinquedos Estrela — Cr$ 200.000,00; e Pilhas Eveready — Cr$ 200.000,00.

Somando-se esses contratos ao da Copersucar, chega-se à conclusão de que atualmente Emerson Fittipaldi ganha cerca de Cr$ 843.000,00 por mês ou Cr$ 10.116.000,00 (mais de 1 milhão de dólares), por ano. Essa renda, somada ao patrocínio da Copersucar à equipe, e aos contratos publicitários de Wilson Fittipaldi atinge facilmente a casa dos Cr$ 20.000.000,00 anuais.

Desses Cr$ 20.000.000,00, a Copersucar arca com mais da metade, cerca de Cr$ 12.600.000,00, o que chegou a provocar muitos comentários, como os de que a cooperativa — que agrupa 79 dos maiores usineiros de açúcar do País e que tem em suas mãos cerca de 80% da produção bruta do Brasil — estaria se valendo da contratação de Emerson Fittipaldi e do patrocínio ao Fórmula 1 brasileiro para sua dissolução, medida já cogitada pelo governo.

Mas não é o que afirma o diretor da agência P.A.Nascimento, responsável pela publicidade da Copersucar: segundo o próprio Paulo Artur Nascimento, "essa é uma demonstração da fé que a Copersucar tem no Brasil".

"Nós achamos que o que é bom para o Brasil é bom para nós — diz ele. Assim, quando contratamos o Emerson para correr com o Copersucar-Fittipaldi, visamos apenas ajudar a mostrar na Europa e nos Estados Unidos que o Brasil é um país desenvolvido tecnicamente. Afinal, é preciso lembrar que a Copersucar não começou a patrocinar os Fittipaldi agora em 75. Começamos em 74, correndo um risco, já que ninguém podia prever o que iria acontecer com o carro brasileiro. Poderia ter sido o maior fiasco da história do automobilismo mundial, mas não foi. Assim, como a Philips — Moris dormiu no ponto para a renovação do contrato de Emerson, resolvemos antecipar em dos anos um sonho que tínhamos em 77, só isso".

Os planos da Copersucar para explorar a imagem de Emerson Fittipaldi são muitos, mas ainda mantidos em segredo, conforme explica o dono da agência P.A.Nascimento:

"Muita gente já me perguntou qual o interesse que a Copersucar tem em patrocinar o Emerson Fittipaldi, já que ela é uma cooperativa e portanto não visa lucros. Acontece que divulgar o açúcar do Brasil no exterior e mesmo no Brasil é um grande negócio para a própria cooperativa. Nós produzimos cerca de 70 milhões de sacas de açúcar por ano, das quais vendemos cerca de 48 milhões ao IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) que as exporta para o mundo inteiro. Assim, se houver uma maior demanda do açúcar brasileiro o exterior, venderemos mais sacas para o IAA".

O diretor sorri e continua:

"Além disso, a cooperativa está pensando na produção do álcool, que vai ser de muita utilidade para o Brasil quando começar a ser misturado à gasolina, e no lançamento de vários tipos de açúcar, tal como o Glaçucar, especial para bolos, que já existe".

"Agora, onde entra o Emerson nisso tudo? — pergunta Nascimento, já antecipando a resposta: "De várias maneiras. Podemos, apenas como exemplo, lançar o Emerson numa propaganda do tipo "Faça como Emerson, opte pelo Brasil" e um Copersucar embaixo. Não é uma boa linha? Podemos também fazer um filme para a televisão, no qual enchemos o tanque do Copersucar-Fittipaldi com álcool e mostramos que o rendimento do carro é igual ao que ele teria com gasolina especial para corrida e com um consumo menor. Ou podemos ainda fazer o Emerson comer uma colher de açucar antes da largada de um Grande Prêmio, porque isso é bom para esforços mentais. Enfim, podemos ter o retorno de mil maneiras possíveis".

Todas elas sem dúvida servirão para reforçar a imagem da Copersucar. "E, depois, isso tudo nos torna simpáticos junto ao público" — conclui Nascimento.

Finalmente, todo esse empreendimento ainda pode gerar subprodutos, como a confecção e venda de centenas de objetos com o símbolo do colibri (marca registrada da Copersucar e já anteriormente usada no torneio WCT de tênis, patrocinado pela empresa e realizado em São Paulo) estilizado.

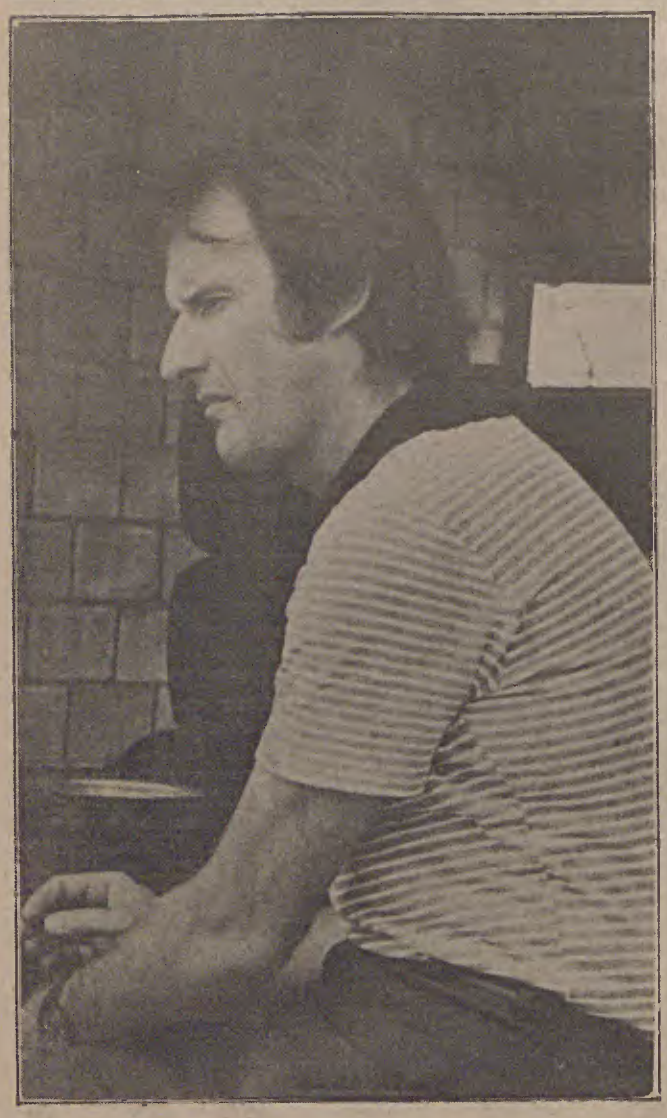
Esse tipo de comércio — que envolve desde chaveiros baratos, passando por camisetas, até chegar a blusões de nylon caríssimos — já é explorado por várias outras equipes da Fórmula 1, como a MacLaren, a Ferrari e a Lotus. Mas ninguém ainda foi autorizado a explorar o colibri da Copersucar-Fittipaldi no Brasil.

É assim que, por trás desse investimento e dessa movimentação de dinheiro, que os Fittipaldi vão planejando seu futuro, como explica Wilson, o chefe da equipe.

"Atualmente, estamos juntando vivência, aprendendo a conhecer o que é um carro de Fórmula 1 e a solucionar seus problemas. Estamos nos preparando para ganhar nosso primeiro Grande Prêmio; para ganhar um campeonato mundial e, daí para frente, com Emerson ou sem Emerson, com Ingo ou sem Ingo; com Pace ou sem Pace, firmar nossos carros no cenário do automobilismo mundial. É isso que queremos, e acho que vamos conseguir".

Fotos AMANCIO GHIODI

Wilsinho, que sempre gostou de pilotar carros de corrida, será apenas o chefe de equipe. Emerson, o bicampeão mundial, dedica-se com a humildade de um principiante ao novo carro. Tudo em nome de um sonho da família Fittipaldi.



O SÓCIO

De todas as pessoas envolvidas na estréia do novo carro Copersucar-Fittipaldi, provavelmente a que estará vivendo a emoção mais forte será sem dúvida Wilson Fittipaldi Jr. Esse carro praticamente foi construído para que ele pilotasse, mas, de repente, com a contratação de seu irmão Emerson, ele se viu na obrigação de ceder seu posto e assumir as responsabilidades de chefe de equipe, privando-se de um dos maiores prazeres de sua vida: pilotar um carro de corrida.

Por ironia, no início da carreira dos dois irmãos, Wilsinho foi sempre considerado muito melhor piloto do que Emerson, e seu pai Wilson Fittipaldi sempre acreditou que Wilsinho teria mais chances na Fórmula 1 do que Emerson.

Essa inversão de papéis representou para Wilsinho um choque, que só pôde ser superado quando Emerson começou a acumular vitórias, até chegar à conquista do seu primeiro Campeonato Mundial.

Agora, trabalhando para o carro estar em condições de competir e talvez chegar entre os primeiros colocados, Wilsinho ainda não conseguiu imaginar sua reação. Mas, no dia 25, quando vir o carro entrar na formação de largada, ele provavelmente sentirá um aperto no coração.

O HERÓI

O ar compenetrado de profissional desaparece de seu rosto a partir do momento em que o público impaciente começa a reclamar, querendo ver o Copersucar-Fittipaldi – ainda com alguns problemas mecânicos – percorrendo as retas e curvas do circuito de Interlagos em alta velocidade. Imediatamente, Emerson Fittipaldi se transforma. Um largo sorriso se estampa em seu rosto, o polegar da mão direita voltado para o alto transmite otimismo. Ele se dirige ao público com simpatia, conseguindo mais alguns minutos de espera em silêncio.

Essa figura de herói humilde e acessível para o público sempre foi uma das grandes armas de Emerson. Até mesmo na Europa, em seus tempos de Lotus e MacLaren, onde, ao contrário da grande maioria dos outros pilotos, ele continuava assinando autógrafos até poucos minutos antes de se iniciar a corrida. Mesmo no momento de sua concentração, quando algum fã mais entusiasmado se aproximava, Emerson continuava sorrindo, o que lhe valia uma grande simpatia.

Talvez seja esse seu jeito confiante e amigável que faça com que o público compareça aos sábados e domingos a Interlagos, durante os treinos do Fitti-1, como se fosse um dia de Grande Prêmio. Talvez seja essa sua maneira de sorrir que faz com que esse mesmo público tenha plena confiança em um carro que estava completamente desacreditado.

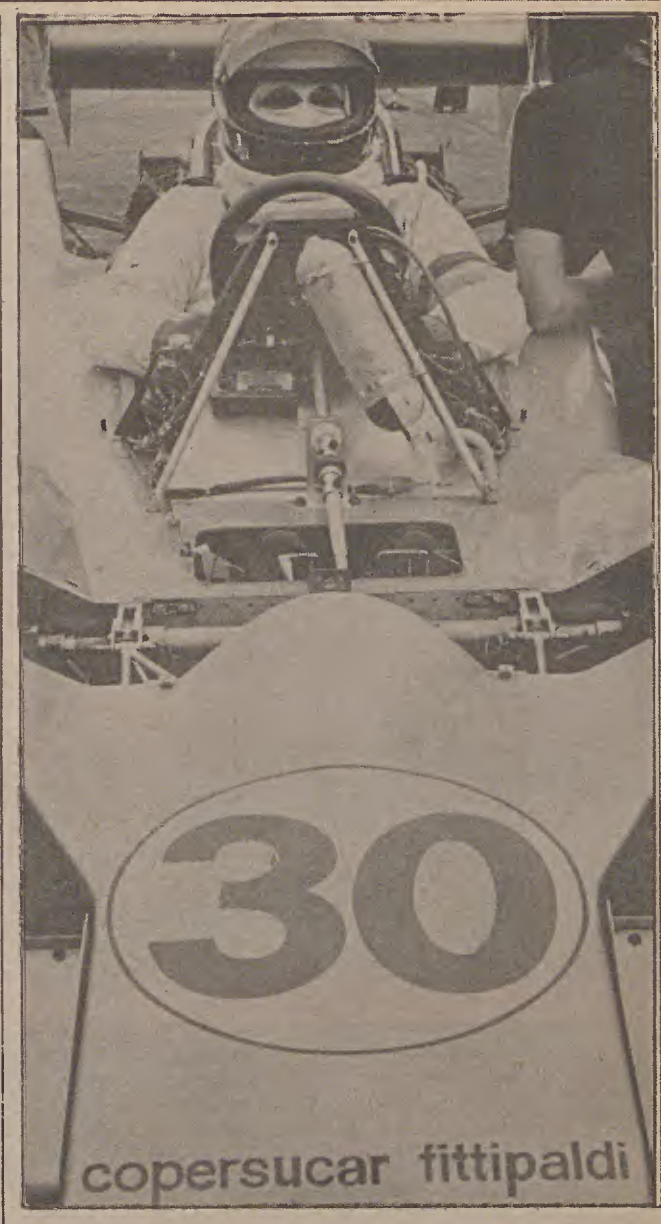
Mas é quando se prepara para sair com o Fórmula 1 que ele realmente conquista todo o público. Ele entra no carro como se estivesse assumindo seu posto numa Ferrari ou numa Tyrrel. E quando arranca, provoca em cada torcedor a sensação de que irá quebrar todos os recordes até ali registrados no circuito.

E, para dar ainda maior segurança a quem o observa, ele se serve até mesmo de pequenos truques, como o de dar uma volta completa pelo anel externo do circuito de Interlagos em grande velocidade,só para impressionar porque ele sabe que aquela será uma volta inútil no sentido de melhorar as condições do carro.

Isso fará com que escasseiem aspiadinhas que frequentemente surgem do alto das arquibancadas durante as longas horas em que o carro é ajustado ou em que se procura um pequeno defeito que impede um rendimento melhor. Fará com que Emerson tenha novamente uma supremacia sobre a assistência, conseguindo dominá-la completamente.

O seu carisma, a sua força, manifestam-se mesmo nos momentos em que outros se veriam perdidos, como aconteceu durante um dos treinos, quando Emerson voltou aos boxes trazendo numa das mãos uma barra de sustentação do radiador. Ele não procurou esconder a barra quebrada. Ao contrário, brandiu-a no alto mostrando o que tinha acontecido para todo o público. E, mais uma vez, sua imagem estava salva. A culpa do acontecido acaba recaindo sobre algum mecânico.

Mesmo quando ele chega para a imprensa anunciando que seu carro só irá render bem nas últimas corridas do calendário deste ano, o público não acredita. Acredita, sim, que Emerson Fittipaldi é um homem, ou um herói, humilde, que não gosta de se vangloriar, nem anunciar vitórias, preferindo rir por último. É com essa maneira de se portar que Emerson transformou o Copersucar numa esperança.



O CARRO

O carro, que no dia 25, no Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, começa a procurar um lugar entre as melhores marcas do mundo, segundo Emerson Fittipaldi ainda não pode ser visto como um modelo competitivo.

Durante toda a primeira metade da temporada, o Copersucar-Fittipaldi deverá estar disputando com os Penske, os Parnellis, as Lolas, mas dificilmente poderá acompanhar as Ferraris, as Tyrrels, as Brabhams e as MacLarens, e se chegar a disputar com as Lotus será uma grande surpresa.

Mas muitos acreditam - os velhos profissionais do automobilismo brasileiro, por exemplo – que Emerson e sua equipe já estão em condições de disputar um dos seis primeiros lugares logo a partir do Grande Prêmio Brasil. Emerson tem certeza que isso deverá acontecer apenas a partir da segunda metade do campeonato, quando ele, o carro e a equipe, estarão totalmente entrosados: "A partir daí, acho que poderei estar entre os primeiros colocados, antes disso, sinceramente, não acredito".

O carro com o qual Emerson vai se apresentar dia 25, na hora da largada, tem linhas bonitas – que lembra um pouco Hesket de James Hunt na temporada de 74, apesar de ser menor e mais leve. Mas, esse ainda não é o modelo definitivo, já que, a partir da corrida da Espanha, deverá ter a sua tomada de ar sobre o motor rebaixada, como manda o novo regulamento da FIA, para dar maior segurança aos pilotos.

Muitas das esperanças de Wilson e Emerson Fittipaldi estão depositadas na equipe que conseguiram formar e que deverá ainda ser completada a partir da temporada européia, já que os mecânicos brasileiros não se adaptaram ao frio e à comida de Londres e deverão ser substituídos por mecânicos estrangeiros.

Esse trabalho já começou a ser feito com a contratação de dois mecânicos: o inglês Ian e o italiano Salvatore, aos quais deverão juntar-se outros quatro mecânicos, que serão contratados a partir da corrida da África do Sul.

Duas equipes vão atuar separadamente durante os Grandes Prêmios junto aos dois pilotos: uma formada por Wilson Fittipaldi. Itoh e mais três mecânicos, atuando no carro de Emerson, e outra formada por Jo Ramirez e mais três mecânicos para o carro de Ingo Hoffman. Assim, cada equipe cuidará exclusivamente dos problemas dos carros de cada piloto. A não ser quando houver um problema como uma troca de pneus, quando as duas equipes atuarão juntas embora dando sempre prioridade ao carro de Emerson. As duas equipes contarão ainda com a declaraçao de Ricardo Divila, o projetista dos carros Copersucar-Fittipaldi.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

CRIME NO REVEILLON

QUEM MATOU SEBASTIÃO?

COM FRANGO E AZEITONA, A DELEGACIA DE HOMICÍDIOS PREPARA SEU REVEILLON. DO OUTRO LADO DA CIDADE, SEBASTIÃO TEM UM ATAQUE DE CIÚME E CAI ASSASSINADO. COMEÇA O ANO NOVO, A FESTA ACABOU.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

DELEGADO

Os policiais falam baixo, como num velório, até que o delegado Martinho pergunta: "Alguém viu como aconteceu?"

A primeiraimpressão é de que nadamais conseguirá comovê-los. Esses homens já viram tudo, ou quase tudo que a cidade tem de mau, e são considerados policiais "diferentes" dentro da própria Polícia: não usam violência. No total, oitenta homens, divididos em oito equipes de dez policiais cada uma — sete investigadores, um perito dactiloscópico, um escrivão e um delegado. Uma vez a cada oito dias passam 24 horas esperando, e torcendo, para que ninguém seja assassinado. Se isto ocorre, cabe a eles, da Delegacia de Homicídios, identificar e prender o assassino. E muitos deles nem sequer andam armados.

O plantão começa às 7hs30 da manhã e, quase invariavelmente, o primeiro a chegar é o delegado Martinho Ferreira Barreto. Alto, magro, voz mansa e um início de calvície no alto da cabeça, o que fazcom que fique ainda mais parecido com um padre. E foi sua equipe, a C, que resolveu o maior número de homicídios em 1975.

Xadrez

Para matar o tempo nos dias de plantão, entre um e outro homicídio, Martinho Ferreira Barreto joga xadrez. Um jogador calmo, que mexe as peças meticulosamente, sem pressa, procurando asfixiar as possibilidades do adversário. Para quem gosta de combinações e soluções rápidas e brilhantes, seu jogo chega a mexer com os nervos.

Hoje, porém, ele não terá muito tempo para jogar. Dez minutos depois do início do plantão já há um pedido de ajuda, vindo do 38º Distrito Policial. Tiros na favela do Jardim Pery Novo, durante a madrugada: o corpo de David Leite Barbosa foi encontrado pela manhã e ninguém sabe quem é seu assassino.

Minutos depois, divididos entre a perua Veraneio e o Dodge Dart da delegacia, os policiais estão a caminho do barraco 10 da rua 12. Ninguém gosta de falar com estranhos na favela, é quase um crime dar qualquer informação. Mas os investigadores espalham-se pelos barracos, brincando com as crianças e bebendo café em canecas de lata. Uma hora depois, quando se reúnem, já estão com a história do crime: alguém surpreendeu David com uma mulher no barraco e o matou. Maria Benedita, a dona do barracão, sabe quem estava com David, mas desapareceu. Basta encontrá-la e o homicídio estará solucionado.

Os policiais vão embora e o corpo de David fica no barraco. Uma mulher cobre o cadáver com folhas de jornal e acende uma vela para iluminar seu caminho no outro mundo.

No caminho para a delegacia, o delegado Martinho Ferreira Barreto vem pensando alto. Esse tinha sido mais um caso simples,banal. De volta ao seu tabuleiro, ele imagina o desafio que seria pegar um enxadrista assassino, seu sonho secreto.

— Todo enxadrista é um homem muito meticuloso, que procura prever tudo. Já imaginou o que seria este crime?

Pensa alguns instantes, depois suspira:

— É, mas acho que isso nunca vai acontecer. Ele ia pensar muito, analisar tudo direitinho, e desistir.

Medo de morrer

Os investigadores Cleman da Cruz, José de Paula Nogueira e Raimundo Torres Dantas não jogam xadrez. Cleman passou muito tempo observando os companheros jogarem e decidiu nem aprender os movimentos das peças.

— É um jogo violento demais para o meu gosto — explica.

Por isso, os três preferem interrogar um preso: Edgard. Condenado a dois anos e meio por tráfico de entorpecentes. Edgard já estava na Casa de Detenção quando sua amantefoi presa por dar tiros para o ar, embriagada. O revólver, um Taurus calibre 38, foi apreendido e descobriu-se que era de um vigilante noturno assassinado no último dia do ano de 1974. A mulher contou que o revólver pertencia a Edgard e a Polícia descobriu que a arma fora dada em pagamento por maconha. Ele está na Delegacia de Homicídios para contar quem lhe passou o revólver.

Qualquer pessoa pode perceber que Edgard não está à vontade. Os policiais conversam com ele e lhe oferecem cigarros, o preso fuma mas não responde às perguntas. Fica olhando fixo para um ponto na parede, enquanto os policiais falam.

— Que é que há, Edgard? Alguém te maltratou? — quer saber o investigador José de Paula Nogueira.

— Hem? Não senhor — Edgard responde com voz baixa —, não é de vocês que eu tenho medo, é da maladragem. De falar e morrer na cadeira.

— Vou te contar uma coisa, Edgard — agora é Raimundo Torres Dantas quem fala — a gente tem de resolver esse caso. Eu sei que você não matou o guarda, mas a arma dele estava com você, e isso é prova para a Justiça. Esse homicídio vai dar mais de dez anos de cadeia. Você vai querer segurar o foguete dos outros?

Os olhos de Edgard piscam muito quando ouve falar em dez anos de prisão, mas Raimundo não pára.

— Ou você acha que o cara que te deu a arma é mais homem que você?

— Quem? O **Landinho**? Ele não é mais homem do que ninguém, nem eu não sou nem você é.

Edgard não percebe que já deixou escapar o nome de quem lhe vendeu o revólver. Quando os investigadores chamam sua atenção para isto, ele resolve contar tudo. Mas a conversa ainda se arrasta por muitas horas, sem pressa, como a partida de xadrez do delegado Martinho e William Cândido dos Santos.

Quase assassino

Às oito horas da noite chegam os investigadores Djanir Fernandes Prado, Almindo Pereira Leão e Antônio Emannuel para substituir parte da turma que trabalhou durante o dia. Emannuel chega agitado. Essa noite ele quase se transforma de caçador em caça, de policial em assassino.

— Que é que está havendo com esta cidade, gente? Vou acabar com medo até de sair nas ruas, hoje eu quase matei um trouxa.

Ele estava a caminho da delegacia quando o carro em que viajava foi fechado por um automóvel com cinco rapazes. Três homens desceram do outro veículo e cercaram Emannuel, que desceu do carro com os doumentos na mão esquerda e o revólver na direita.

— Aí eu vi o motorista enfiando a mão no porta-luvas e quase atirei nele. Pensei que fosse um assalto ou qualquer coisa assim. No último instante, quando eu ia apertar o gatilho, vi que ele estava retirando os documentos do porta-luvas.

Os cinco rapazes estavam apenas bêbados, provocando arruaças. Nenhum deles estava armado e, depois do susto, passou a bebedeira. Grandalhão, muito branco, com cara de boxeador, Emannuel deve tê-los assustado um bocado quando desceu do carro com um revólver na mão. Mas quando conta o caso, é ele quem se assusta e parece ficar ainda mais branco, quase da cor das calças que veste.

— Já pensou? Em vez de eu vir para cá, vocês é que iam ter de sair à minha procura.

A ceia e o crime

Supervisionado pelo delegado Martinho, o investigador Leão prepara a mesa onde a delegacia vai comemorar a virada do ano. Dois frangos, azeitonas, queijo, refrigerantes, tudo pronto para a ceia da meia-noite. Leão sente falta de uma garrafa. Havia comprado meia dúzia, só encontra cinco na geladeira. Os colegas brincam: "Te roubaram, rapaz. Roubaram a polícia dentro da delegacia". Exatamente à meia-noite Leão acha a garrafa, ainda dentro do saco de papel do super-mercado. Mas ninguém tem tempo de se alegrar. Quando se sentam à mesa, a luz vermelha acesa na sala do telex avisa: 1976 está começando com violência.

João Batista da Conceição conversava com uma mulher, na praça Guilherme Nawal, e não viu os dois garotos se aproximando. Um dos meninos — nenhum devia ter mais de 14 anos — atirou. A bala acertou João Batista no peito. Os meninos e a mulher foram embora, João Batista ficou sozinho, ferido na calçada.

Interrompida a ceia, a Equipe C da Delegacia de Homicídios corre até o 15º Distrito Policial, no Jardim América. Inútil. Não existe qualquer pista para encontrar os assassinos. João Batista foi encontrado ferido pela viatura 761 da ROE (Rondas Ostensivas Especiais) e, antes de morrer, contou como havia sido ferido. Mas não pôde falar muito. Morreu antes de chegar ao Hospital das Clínicas.

Para a Delegacia de Homicídios, não há muitas esperanças de chegar aos dois meninos: não há testemunhas e não há evidências para o crime. Não há sequer a obrigação de a equipe investigar o caso. Como João Batista foi socorrido com vida, não se preservou a cena do crime. A obrigação de investigá-lo passa então ao 15º Distrito. O atentado aconteceu às 22hs40 do dia 31. Provavelmente, o último homicídio de 1975 jamais será esclarecido.

No caminho de volta para a Delegacia de Homicídios, o delegado Martinho vai comentando a estranha atitude dos meninos que atiraram em João Batista, e da mulher que fugiu sem lhe prestar socorro. Sua fuga leva a crer que era uma prostituta, sem interesse de se envolver com a polícia.

— Um caso muito comum em nossa cidade durante todo o ano de 75 — explica o delegado —, amor comprado e violência gratuita.

A dança de Sebastião

Djanir Fernandes Prado não foi com seus companheiros invesigar a morte de João Batista. Ele ficou de plantão e agora anda nervoso pela sala do telex, à espera da volta da equipe. Normalmente calmo, apaixonado pelo barro o que vai estudar todos os anos em suas férias nas cidades históricas de Minas — "como é que Aleijadinho pôde esculpir baleias sem nunca ter visto o mar??", costuma se perguntar —, Djanir corre para os companheiros que chegam às três da manhã: "O 28º Distrito está pedindo ajuda para investigar um assassinato".

A Equipe C parte para lá, onde encontra o delegado Durval José Ferreira visivelmente agitado, abrindo os braços para contar: até às 10 da noite a 28ª esteve praticamente às moscas, aí começaram dezenas de casos de agressão, atropelamentos, conflitos, um flagrante de tráfico de entorpecentes e, às 2hs30, esse homicídio

MULHER

Nice, a amante, estava dançando com Nego, quando Sebastião chegou, cheio de ciúme. Foi levado para fora, e espancado.

REPÓRTER

"A Polícia Técnica já concluiu seu trabalho: Sebastião foi morto por Nego, com uma paulada na cabeça."

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

POLÍCIA CIENTÍFICA (NÃO BATE)

Minutos mais tarde o Dodge Dart, com os delegados Durval e Martinho no banco da frente, entra na rua B, Vila América, uma rua de terra e casas pobres. Cem metros adiante, em frente ao número 17, Sebastião Martins Santana, um alagoano, está morto.

Na porta da casa, duas mulheres velam o corpo. São feias, mal vestidas, mais cansadas do que velhas: Berenice Riccetti e Maria Aparecida do Carmo, Berenice era amante de Sebastião; Maria Aparecida, a dona da casa.

Os policiais falam baixo, como num velório. Os faróis do automóvel iluminam o corpo de Sebastião, caído de rosto para cima. As mulheres ouvem sem falar, sem chorar.

— Que coisa horrível — diz o delegado Martinho Ferreira Barreto — alguém viu como aconteceu?

— Foram três, moço. A Nice estava dançando, lá em casa, o Sebastião chegou lá e puxou ela pelos cabelos, para ir para casa. O **Nego** estava dançando com ela e não gostou. Ele e dois amigos puxaram o Sebastião aqui para fora e bateram nele, depois foram embora — conta Maria Aparecida.

Enquanto ela fala, o delegado Durval José Ferreira começa a explodir.

— Mas eu estive aqui antes. Por que a senhora não me contou tudo logo?

— Eu vi o senhor falando com os outros — ela argumenta — mas não perguntou nada para mim.

As mulheres se afastam quando os peritos da Polícia Técnica despem o cadáver, procurando os sinais dos ferimentos que provocaram a morte. Elas vão conversar com um rapazinho de seus 18 anos, baixinho, entroncado, cabelos muitos claros, que quer saber o que aconteceu. Quando a conversa termina, o rapaz, Orlando Riccetti Filho, tenta se desembaraçar das mulheres, que o seguram pelos braços.

— Não me interessa — ele grita — não me interessa se é valente ou covarde, se é bandido ou polícia, eu vou pegar esses...

Os investigadores ajudam Orlando a se desembaraçar das duas mulheres, incitando-o a ir buscar os assassinos. Saem todos juntos para voltar 15 minutos mais tarde. E já não há mistério também quanto à morte de Sebastião Martins Santana. Quem traz as informações é Emannuel:

— Foi um tal de **Canhão**, Reinaldo Mariano, que eles chamam de **Nego**, e Waldenir de Souza. Quem sabia de tudo era a Maria Aparecida, só que ela não queria falar porque o Waldenir é o valentão do bairro e irmão do marido da filha dela.

A Polícia Técnica também já terminou seu trabalho: Sebastião foi morto com uma paulada na cabeça.

Sem pancada

Cinco e meia da manhã. Na 28ª Delegacia há um aviso transmitido por Djanir: a Equipe C deve seguir para Santo Amaro. A única informação disponível é a de que a 11ª Delegacia está com um caso de homicídio de autoria desconhecida.

O delegado Enjolras Rello de Araújo espera os investigadores da Delegacia de Homicídios para avisar que já tem cinco suspeitos presos. O crime aconteceu no Parque Fernanda, a um quilômetro da divisa com Itapecirica da Serra. Mais um quilômetro e a Delegacia de Homicídios não teria de investigá-lo. Os policiais reclamam da falta de sorte.

Os cinco suspeitos são quatro rapazes e uma moça, Cecília Marta Barbosa. Dos cinco, o maior suspeito é a moça, que estava dançando com a vítima quanto houve os tiros. Os outros podem, no máximo, ser testemunhas. Eles estão sentados no "chiqueirinho" da delegacia, assustados com a chegada de mais policiais.

— Eu já dei uma prensa neles — avisa Enjolras — gritei e ameacei, mas ninguém viu nada.

João Alves Barreto, o morto, era bastante conhecido no Parque Fernanda e na Delegacia de Santo Amaro. Um baiano de Feira de Santana que gostava de correr atrás de bandidos e trabalhava como informante da Polícia no bairro. Vivia com um revólver calibre 32 na cintura.

Na noite de 31 de dezembro, deixou a mulher grávida de oito meses e meio em casa e foi a quermesse em Santo Amaro, na volta parou para dançar na casa de Rubens Pessoa de Mello. Rubens é o presidente da União Familiar do Parque Fernanda, um pernambucano baixinho e simpático, com um enorme bigode cobrindo o lábio.

Duas horas da madrugada, Rubens estava na cozinha, ajudando a mulher a preparar uns sanduíches, quando ouviu três tiros na sala. Atravessou a porta para ver o que estava acontecendo, e um grupo de rapazes já estava socorrendo João Alves Barreto.

Havia mais de vinte casais dançando na sala — quatro metros por três — quando João foi baleado. Um minuto depois só restavam Rubens de Mello e três amigos, que tentavam socorrer João. Ele morreu no Pronto Socorro de Santo Amaro.

Tecnicamente, o caso não era da Delegacia de Homicídios, já que o local do crime não havia sido preservado, mas como a moça que dançava com João Alves Barreto, Cecília Marta Barbosa, está detida, o delegado Martinho Ferreira Barreto resolve conversar com ela.

Leão e Emannuel vão interrogar Cecília, enquanto os outros ouvem as explicações de Rubens de Mello e do delegado Enjolras de Araujo Rubens conta o que sabe sobre a morte de João Barreto; o delegado está zangado com a moça.

— Todo mundo diz que ela estava dançando com o morto — insiste Enjolras — mas ela diz que não. Eu já dei até uns berros, mas não adianta nada.

Ele está terminando de explicar a teimosia de Cecília quando Emannuel vem contar o que conseguiu: Cecília já admite que estava dançando com a vítima, mas insiste em dizer que não viu nada.

Os dois investigadores continuam sua conversa com Cecília, enquanto os outros vão dar uma olhada na casa onde João Barreto foi assassinado. Rubens sugere que a Polícia deveria "apertar" Cecília para ela contar o que sabe. Virgilio Zappa tem muita dificuldade em explicar por que não fazem isto.

— O bonito nesta delegacia — tenta fazer Rubens entender — é que ninguém dá pancada em ninguém. A gente vai pegando uma prova e outra, até que chega um momento em que o próprio criminoso quer confessar. E se ele não confessar não tem importância, a Justiça vai condená-lo do mesmo jeito.

Virgílio Zappa está na Delegacia de Homicídios há mais de 20 anos, sempre como pesquisador dactloscópico, e aprendeu a gostar de seu trabalho. Para quem se surpreende, ele explica: "Não é gostar de tirar as impressões digitais do cadáver, ou procurar impressões de assassinos. É que aqui se faz polícia de uma forma diferente. A gente ouve falar que a garotada sai por aí dando pancada para conseguir confissão. Aqui o que menos importa é a confissão, por isso não precisamos bater em ninguém".

Na casa de Rubens, é preciso afastar os cachorros que querem lamber o sangue que ficou no chão e consolar o pernambucano que perde a calma e chora quando vê as manchas. De útil, existe apenas um coldre de revólver vazio.

— Alguém conhece esse coldre? — o delegado quer saber.

A cartucheira era da arma de João Barreto e isto leva os policiais de volta ao 11º Distrito. Se João foi morto com sua própria arma, ou Cecília o matou ou viu quem deu os tiros. Só quando os policiais dizem isto, Rubens lembra-se de que a moça chegou à sua casa com um rapaz louro, que ela dizia ser seu irmão.

— Mas eu conheço o irmão dela – conta uma das moças que estiveram no baile — e ele é moreno.

Cecília ainda insiste em negar que tenha visto qualquer coisa e que o rapaz louro fosse seu irmão. Os policiais resolvem levá-la para interrogatório na Delegacia de Homicídios. Quando o carro chega à Delegacia, os investigadores já têm o nome do provável assassino e Cecília é libertada.

Só agora, nove horas da manhã de volta à Delegacia de Homicídios, o escrivão Antonio Gonçalves tem oportunidade de trocar a folhinha. O aviso fica na parede:

1º de janiro — Dia da Confraternização Universal.

Antonio Carlos Fon

Ítala Nandi

Analu Prestes

Por que os atores Buza, Analu e Cidinha abandonaram a peça "Sinbad", arruinando o grupo Pão & Circo?

"Nosso compromisso era com a qualidade do trabalho. Dinheiro não existe, é coisa de reacionário".

"Eles vivem do papai rico. Queriam fazer sucesso, ser estrelas. Mas antes teriam que ser atores".

AGORA NEM PÃO, NEM CIRCO

Subitamente e sem explicações, os três atores vão embora, levando cenários e figurinos. O Serviço Nacional de Teatro e a Associação de Empresários Teatrais anunciam um processo contra os desertores. O empresário Guilherme Araújo amaldiçoa o dia em que resolveu investir na "irresponsabilidade do teatro", e exige indenização. O diretor Luís Antônio Martinez Correa não entende por que os três não atenderam aos apelos para que esperassem pelo menos as substituições. Ítala Nandi, atônita, só consegue dizer que nunca viu ninguém fazer uma coisa dessas. E os personagens centrais da confusão, Buza Ferraz, Analu Prestes e Cidinha Milan, só agora começam a tentar explicar por que, no último dia 25, resolveram abandonar o espetáculo "Sinbad, o Marujo", criação coletiva do grupo Pão & Circo que vinha sendo apresentada no Teatro Oficina.

A saída do três deixou ao grupo e à Guilherme Araújo Produções Artísticas, associados no espetáculo, a dívida de 50 mil cruzeiros pela produção; mais uma de 15 mil cruzeiros, de empréstimo bancário para reforma do Teatro Oficina; outros 15 mil pelo aluguel do teatro. Mas, principalmente, fez o grupo romper seus contratos com o Serviço Nacional de Teatro (100 mil cruzeiros) e com a Associação de Empresários Teatrais de São Paulo (40 mil) – esse dinheiro seria recebido pelo Pão & Circo depois de mais um mês de apresentações.

Isso não seria motivo suficiente para os dissidentes continuarem mais algum tempo no grupo? Buza Ferraz diz que não: "Dinheiro não existe, é coisa de reacionário". Os que ficaram rebatem, indignados: "É fácil falar assim. Ele é filho do Onassis do Brasil, armador dos estaleiros Mauá e proprietário dos Taxis Aéreos Líder. Recebe do pai 10 mil cruzeiros de mesada".

Pão, Circo e bate-boca

Premiado pela montagem de "Pano de Boca", coprodutor de "Vai Trabalhar, Vagabundo" e "Uirá", Buza Ferraz, "o filho de Onassis" tinha acabado de se unir ao grupo. Analu Prestes (namorada de Buza) e Cidinha Ferraz, no entanto, participavam do Pão & Circo desde seu primeiro trabalho, em 1971 – "Cipriano Chanta-lan" e em seguida "O Casamento do Pequeno Burguês", de Brecht, levado ao Festival de Nancy; depois, juntaram-se ao grupo Oficina em "Gracias, Señor", "As Três Irmãs" e "Titus Andronicus".

Acusado de deserção, Buza Ferraz jura que houve "cisão interna". E fala: "Durante a apresentação do espetáculo, foram-se revelando tendências divergentes. Não havia uma linguagem comum, e as relações entre as pessoas estavam péssimas. Várias vezes o texto foi mutilado, cortado sem discussão, sem respeito ao que havíamos criado coletivamente. Quando rompemos, eles disseram para esperar, porque tínhamos que ganhar o dinheiro do SNT e da APETESP de qualquer jeito. Nós respeitamos a campanha da Kombi e tudo, mas o nosso compromisso era, em primeiro lugar, com a qualidade do trabalho. Eles estão dizendo que precisavam do dinheiro para sobreviver? Mentira. A Ítala comia na casa da Ruty Escobar, o Luís na casa da irmã dele, os outros tinham vale na pensão".

O diretor Luís Antônio Martinez Correa sorri, quando se lembra do que cada um passou durante a temporada da peça: "Eu e os atores Aurélio Michiles e Saraka ficamos morando no teatro mesmo. A Ítala teve de se hospedar na casa da Ruty Escobar. A Analu e o Buza, enquanto isso, ficaram no Hotel Danúbio".

Fora, bilheteira

Para Luís Antônio, Ítala e Aurélio, o que houve foi muito simples, apesar de estranho: "Eles assumiram uma posição de classe: mostraram a diferença entre os que precisam do teatro para viver e os que recebem dos pais ricos. É a velha guerra". Essa atitude é principalmente estranha para eles, quando lembram que uma das propostas originais do Pão & Circo era fazer com que todos os membros do grupo, independentemente do nível de suas funções, ganhassem exatamente o mesmo. Mas durante a discussão em que os três atores apresentaram sua demissão, a bilheteira e administradora do Oficina, Tereza Bastos, interviu pedindo que eles esperassem a substituição. A resposta de Cidinha Milan, que, segundo os remanescentes, revela uma concepção de teatro classista: "A conversa ainda não chegou na bilheteria".

Aurélio acha que Buza, Analu e Cidinha nunca vão confessar os verdadeiros motivos por que abandonaram a peça: "A crítica não elogiou. Eles queriam sucesso e não tiveram. Queriam ser estrelas, mas antes teriam que ser atores. E todo ator precisa assumir a responsabilidade pelo contrato. Você sempre precisa ter uma relação boa com a vida da sociedade, pense o que você pensar. Mas os que fazem parte de uma camada que, por exemplo, não precisa do dinheiro do teatro para viver, não estabelecem essa relação com a sociedade. Então a solução para eles é montar um teatrinho em casa e se apresentar para os amigos. Ou então entrar para a Globo, não sei. Só sei que essa situação toda revela que o teatro está capenga. Hoje, sua perspectiva é a de pessoas privilegiadas aparecerem, não mais de colocação de idéias".

Ítala Nandi, sem teorizar, só repete seu espanto pelo que fizeram com seu primeiro trabalho de autoria em grupo: "É um absurdo, um absurdo. Nunca vi, na minha vida toda, ninguém fazer isso. Não consigo entender até agora. A gente empregou seis meses de trabalho nisso!"

A suspensão

Nessa briga toda, só uma decisão definitiva, além do abandono: a do empresário Guilherme Araújo, que promete nunca mais se aventurar no setor. Ele pretende voltar a trabalhar apenas com música, onde diz que sempre foi bem sucedido como empresário de Gil, Caetano, Gal e Nei Matogrosso. Depois do fracasso de "Rock Horror Show", que lhe custou 600 mil cruzeiros, e das confusões do Pão & Circo, ele lamenta o amadorismo que invade os palcos: "O teatro não pode ser feito por pessoas jovens que só querem ser estrelas. Elas não têm conhecimento das dificuldades da profissão e da chatice que é fazer a mesma coisa todo dia".

Guilherme Araújo está preparando toda a contabilidade para cobrar o pagamento da produção dos atores que romperam o contrato. Caso a questão não seja resolvida por esses meios – que ele chama de "civilizados" –, vai apelar para outros: levantar um processo de suspensão dos atores por até dois anos, providência já pedida por Raul Cortez, presidente da APETESB, e Orlando Miranda, diretor do SNT.

(Isabel Reg[illegible])

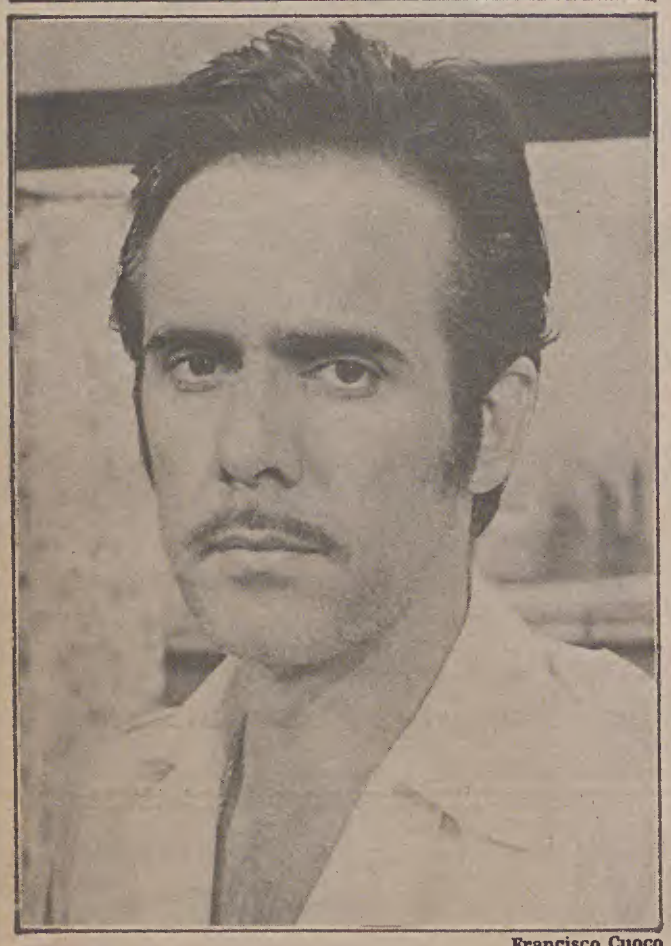
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Hella Poli

TEATRO

"Teleteatro é cultura em casa, sem se ter de tomar condução ou pagar entrada. Autores e diretores estão se unindo, no sentido de criar uma teledramaturgia"/ "Algumas das dificuldades que o teatro vive hoje são devidas aos meios de divulgação (jornal, revista etc), que ainda encaram suas colunas como espaços dedicados a especialistas com uma linguagem esotérica dirigida a um público de cartola".

EM CASA


Francisco Cuoco

SELEÇÃO

Pecado Capital ☆ ☆ ☆ ☆ ☆
O Grito ☆ ☆ ☆
A Viagem ☆ ☆ ☆ ☆

O grito enche, pecado faz sucesso

É isso aí. O ano terminou provando que teleteatro pode ser tão bom como uma boa peça de teatro, salvaguardadas as peculiaridads técnicas de cada setor. Quebrou-se o tabú em relação aos temas históricos ou de época e viu-se o sucesso de "Gabriela", novela baseada no romance de Jorge Amado, com uma excelente reconstituição de cenários e figurinos, e interpretações que estão ainda na memória de muitos. Tivemos "A Moreninha", de Joaquim Manuel de Macedo, que continua até fevereiro, e ainda "Vila do Arco", adaptação de um conto de Machado de Assis.

Diz-se que o paulistano não tem o hábito de ir ao teatro, mas aproximadamente 8 milhões de pessoas estão diariamente sentados em frente à televisão, no horário de 18 às 23 h. à espera do que der e vier, e se atentarmos bem veremos que o teleteatro exige o esfôrço de muitos talentos para dar a esse enorme público peças de boa qualidade. Pois se teatro é cultura, teleteatro é cultura em casa, sem se ter de tomar condução ou pagar entrada. Autores e diretores estão se unindo no sentido de criar uma teledramaturgia.

E entramos em 1976 com boas perspectivas, apesar do desacerto de "O Grito", que prometeu muito como tentativa de enfocar problemas sociais da maior importância para uma cidade como São Paulo, mas que se estratificou num didatismo cansativo, quase soletrado, desperdiçando o trabalho de um bom dramaturgo (Jorge de Andrade), de um bom diretor (Walter Avancini) e de um elenco de muita gente boa (Walmor Chagas, Tereza Raquel, Leonardo Villar, Ioná Magalhães, Ney Latorraca e muitos outros).

Nesse começo de ano destaca-se a novela de Janete Clair, com ótima direção de Daniel Filho: "Pecado Capital". Francisco Cuoco e Betty Faria dão um show de interpretação nos papéis de Carlos e Lúcia. Cuoco, que sempre muito sobre o galã, parece que encarnou mesmo no chofer de taxi, agora dono de uma frota, a Flexa de Ouro, e surpreende a gente no desempenho de um homem "grosso' como o chamou o garotão esnobe, dono de uma agência de publicidade. Vive a perplexidade da riqueza inesperada, e como diz a musiquinha, dinheiro na mão é vendaval.

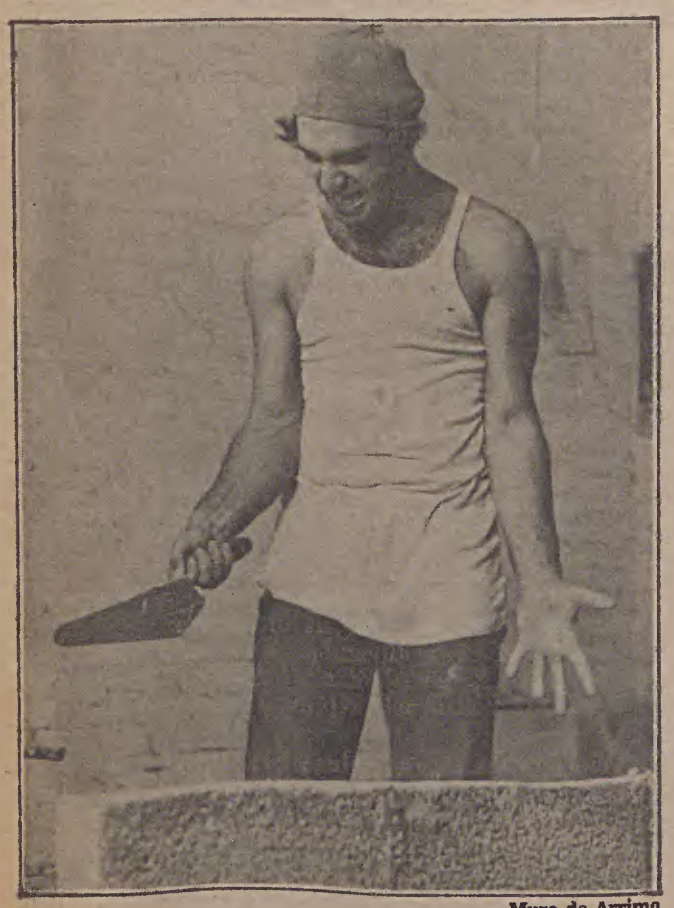
Betty Faria é uma graça como a moça de subúrbio que vai sendo levada por uma trama de interesses, fazendo a garota-propaganda e contato de uma agência, sem ter nenhuma malícia em relação ao que vai se desenrolando em torno dela.

Além do tema ser muito bom, a novela tem um clima de bom humor, dirigido com segurança. Muito boa a trilha sonora, e especialmente deliciosa a fala da cuíca diante do maço de notas 100 cruzeiros que se desfolham, na abertura.

Lima Duarte, ator de primeira grandeza, tem um papel que não lhe cabe bem, o de Salviano Lisboa, viúvo, rico, dono de uma indústria próspera e pai de Débora Duarte, que faz o que pode para desenvolver o papel de Vilma, neurótica excêntrica, mas só mesmo uma neurótica excêntrica conhece os mistérios de um papel assim. E Milton Gonçalves, afinal, consegue fazer um personagem que não é garçon nem escravo, alforriando atores (como Ruth de Souza) que esperam até hoje um papel que lhes dê a chance que merecem. Faz o psiquiatra que trata da cuca de Vilma.

A Tupí vai lançar no comecinho deste ano, "Canção para Isabel", de Heloisa Castelar, com Vanda Estefania. A Globo promete para começo de ano a estréia de "Vejo a Lua no Céu", de Marques Rebelo, direção de Herval Rossano, com Sonia Braga, Alberto Perez, Araci Cardozo, Ítalo Rossi, Tamara Taxman, Eduardo Tornaghi, Gracinda Freire e mais um grande elenco, e a participação de Ney Latorraca se puder se liberar de "O Grito" em tempo. E mais "Anjo Mau", de Gabus Mendes, direção de Regis Cardoso que estréia dia 2 de fevereiro substituindo "A Moreninha", tendo no elenco José Wilker, Sonia Vieira, Luiz Gustavo, Renée de Vielmond e outros.

NA RUA


Muro de Arrimo

SELEÇÃO

Lição de Anatomia ☆ ☆ ☆ ☆ ☆
Muro de Arrimo ☆ ☆ ☆ ☆

Apesar do abajur, nem tudo foi penumbra

1975 passou, um pouco melancólico, sob a luz de um abajur lilás. Muitas peças foram postas fora de cena por imposição da censura: Rasga Coração, de Oduvaldo Viana Filho; "Amélia Amanhã de Manhã", de Leilah Assunção; "Abajur Lilás", de Plínio Marcos e muitas outras. E continuam gastando tinta e papel para fazer especulações bizantinas se deve ou não haver censura, ou até que ponto exato a censura é necessária. Espera aí!

Mas nem só de penumbra vivemos em 75. Equus, sem dúvida o ponto alto do ano, trouxe um texto de Peter Schaffer que desafiou muito crítico que suspeitou sempre de temas "psicológicos". A peça mostrou que, psicológico, ou fisiológico, ou antropológico ou outro ógico qualquer, um tema é bom quando bem tratado por um diretor como Celso Nunes e com desempenhos como o de Paulo Autran (que entusiasmou e enterneceu pela maturidade e dignidade, talvez o clímax de uma carreira de um profissional inteligente e estudioso), ou de Ewerton de Castro. E mais uma cenografia excelente.

Tivemos "Caminho de Volta", de Leilah Assunção, "Ricardo III", com Juca de Oliveira, o comentadíssimo "Os Executivos de Mauro Chaves, direção de Silnei Siqueira, "A teoria na Prática é a outra", e ainda Porandubas Populares", esta um capítulo à parte e, como dizia o programa, o primeiro musical paulistano, uma delícia de humor crítico em que ia desfilando a história de São Paulo.

Dois fenômenos chamaram a atenção nesse ano que passou: a exploração até a nausea dos temas de travestís e homossexuais, e "Orquestra de Senhoritas" foi um dos maiores êxitos de bilheteria durante um certo tempo e permaneceu em cartaz um século. Essa e outras peças congêneres causaram tremeliques em São Paulo; o outro fenômeno foi o rush para assistir a peças que tinham no elenco atrizes de televisão e que tiveram casa lotada um tempão, como "Reveillon", de Flávio Marcio, com direção de Paulo José e onde Regina Duarte fazia o papel da mocinha burguesa que desperta afinal no reveillon, e também "Vaga para Moças de Fino Trato", com direção de Amir Haddad, em que trabalhavam Glória Meneses, Renata Sorrah e Ioná Magalhães. Se se tiver um intercâmbio inteligente entre televisão e teatro, este poderá arrebanhar um público que até agora permanece ausente por falta de informação específica em torno do que é teatro, e isso sem trazer prejuízos para a televisão.

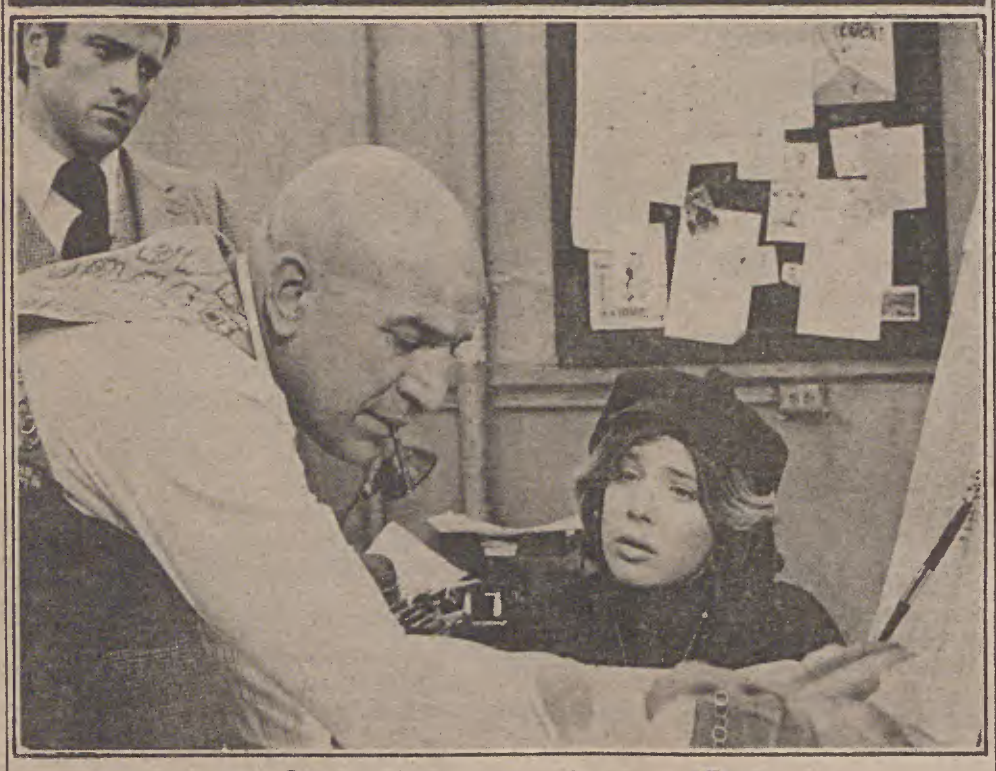
Algumas das dificuldades que o teatro vive hoje são devidas aos meios de divulgação (jornal, revista etc) que ainda encaram suas colunas como espaços dedicados à especialistas com uma linguagem esotérica, dirigida a um público de boá e cartola. Enquanto as "Precieuses Ridicules" disserem coisas, sem saber para quem se dirigem, estarão cometendo um desserviço ao teatro. Já se foi o tempo de uma elite que ia ao teatro e depois lia aquilo que ela já sabia. Hoje, uma enorme camada social emerge, tateando em busca de novos conhecimentos em todas as áreas, das ártes plásticas à música, da literatura ao teatro. E se continuarmos guardando tudo isso como uma caixinha de jóia da menina rica, certamente o teatro (exatamente o grande espelho onde o público pode se identificar ao vivo com tudo o que um ser humano tem de mais importante, que são as emoções), caminhará por uma trilha de dificuldades sem fim.

1976 está aí e o teatro, apesar de tudo, continua firme como esteve desde tempos imemoriais. Começamos o ano com várias peças em cartaz, como "Muro de Arrimo", de Carlos Queiroz Telles, sob a direção de Alejandra Com Antonio Fagundes no teatro da Aliança Francesa.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

CINEMA EM CASA

"O fato é que diante de tanta mediocridade o espectador brasileiro até que tem muita sorte. Afinal de contas, 80% das séries americanas não têm sido importadas".



Piada, risada, tudo vem prontinho

Pode-se imputar aos filmes de tevê todos os crimes, menos o de serem originais. Talvez seja mesmo essa previsibilidade a chave do seu sucesso. O espectador sabe o que esperar de seu herói favorito e isso lhe dá conforto e auto-confiança. Ele sabe que Columbo ou Kojak não o decepcionarão com nenhuma surpresa. Vão ser sempre os mesmos, com a capa surrada e a falsa burrice, a careca reluzente e o pirolito.

Por isso, o espectador experimentado nunca precisa assistir a mais que um filme de cada série para ser capaz de prever exatamente tudo o que acontecerá. Cyborg sempre vai utilizar sua visão infra-vermelha e sua velocidade sobre-humana, os astronautas sempre escaparão ao final de cada "Planeta dos Macacos" e assim por diante.

Tudo é previsto e computadorizado. As risadas, as piadas, as situações, tudo obedece regras restritas de "causa-efeito" e explicações. Já viram algum filme de tevê que não terminasse com tudo bem explicadinho, com a moral da história minuciosamente destrinchada e depois com um alívio cômico? (de preferência, alguma gracinha de bicho, gênero os macacos de "Daktari" ou "Tarzan").

O fato é que diante de tanta mediocridade o espectador brasileiro até que tem muita sorte. Afinal de contas, 80% das séries de tevê americana não têm sido importadas. Não por causa de qualquer política consciente de contenção de remessa de divisas ou invasão cultural. Nada disso, o caso é sómente que elas são consideradas americanas demais para nosso gosto. Assim, tiveram a gentileza de nos poupar as dezenas de imitações surgidas depois do incrivel sucesso de "Os Waltons", todas sobre dificuldades de familias em épocas de depressão econômica.

E falando sobre "Os Waltons", existe algo mais falso, mais chato, mais artificialmente cor-de-rosa do que o mundo daquela familia? Alguém pode por algum minuto acreditar que todo mundo seja tão bonzinho a ponto de solucionar os problemas a tempo do terceiro intervalo?

Por isso, temos sorte de estar praticamente limitados a dois generos: as aventuras de detetives, particulares ou não (**Mc-Millan, McCloud, Cannon, Barnaby Jones, Kojak**, e incontáveis outros) e os filmes de terror ou suspense (**Sexto Sentido, Histórias Extraordinárias, Kolchak e os Demonios da Noite, etc**). O resto são as reprises vespertinas e uma ou outra fora que as emissoras brasileiras deram, como foi o caso do "Planeta dos Macacos".

Comprado ainda na fase de produção, a série do "Planeta" prometia repetir na tevê a mesma repercussão do cinema (onde rendeu 5 fitas, todas de muito sucesso popular). Mas o sucesso ou fracasso de uma série nos Estados Unidos é determinado nas primeiras semanas de setembro, quando o índice do Ibope deles decretará se serão realizados outros filmes ou se ficará apenas naqueles 13 iniciais. Esse é o método fácil de se descobrir se uma série é boa ou não (pelo menos em termos populares) — quando tem apenas 11 ou 13 episódios, é sinal de que não deu para a saída, que a série foi cancelada logo no começo, isto é, foi um fracasso.

Foi o caso do "Planeta dos Macacos", cujo indice de audiencia não justifica a despesa de produção (muito alta por causa da dificuldade com as máscaras dos macacos). Assim, quem está acompanhando a série pela Globo já pode ficar prevenido que ela vai terminar meio de repente, com os dois astronautas perdidos no mundo do futuro, sem uma passagem de volta.

As séries de tevê são uma loteria em que poucos acertam. "Kojak" por exemplo, tinha um excepcional filme-piloto (longa-metragem que mostra o que será a série, numa aventura-padrão), com "O Caso Marcus-Nelson", realista e amargo, mas gradativamente os filmes vão se deteriorando.

Não é só o ator Telly Savalas, parece que todo mundo vai se desinteressando, caindo numa espécie de sonolência que é a delícia do espectador. Afinal, com pessoas dormindo em cena, não há melhor desculpa para ele também adormecer diante da tevê.

Rubens Ewald Filho

CINEMA NA RUA

"O importante é tentar descobrir as razões do fascínio popular pelos disaster movies, **tarefa em que estão empenhados sociólogos e psicólogos,**

Importante mesmo é o que tem 35 anos

Um monstro marinho semeia o pânico (sobretudo entre a platéia dos cinemas) ao atacar os banhistas de uma cidade balneária, cujo prefeito se recusa a interditar as praias ou a divulgar o alarma, para não prejudicar a afluência dos turistas de verão. Isto acontece em **TUBARÃO**, de Steven Spielberg, que veio engrossar a onda das grandes catástrofes cinematográficas. Enquanto isso, o público ri às gargalhadas com **BANZÉ NO OESTE**, a hilariante comédia de Mel Brooks que satiriza os filmes de faroeste. As continuações de filmes mais ou menos recentes que obtiveram grande sucesso nas bilheterias também estão na ordem do dia: **OPERAÇÃO FRANÇA II**, de John Frankenheimer, e **A VOLTA DA PANTERA COR DE ROSA**, de Blake Edwards, que entra em sua terceira semana de exibição.

Mas o único filme realmente importante da temporada é uma reprise: **O GRANDE DITADOR**, primeiro filme falado de Charles Chaplin — uma violenta sátira contra o nazismo e o antissemitismo, rodada nos primórdios da Segunda Guerra Mundial, quando Hitler, desencadeada a campanha de perseguição aos judeus que mais tarde culminaria com o holocausto de seis milhões de vítimas nos fornos crematórios, já começava a por em prática os seus sonhos de conquistar o mundo.

Lançado em 1940, quando os Estados Unidos e a Inglaterra ainda mantinham relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha nazista (os Estados Unidos só entrariam na guerra em dezembro de 1941), não admira que o filme tenha sido interditado pela censura norte-americana ante as ameaças do embaixador alemão e as pressões de grupos pró-nazistas, para só voltar a ser liberado após o ataque a Pearl Harbor.

"Fiz este filme pelos judeus de todo o mundo" disse Chaplin, que aqui encarna dois papéis: o de Adenoid Hynkell, ditador da Tomânia, e o de um pobre barbeiro judeu que, ao escpar de um campo de concentração, acaba por ser confundido por Hynkell/Hitler e colocado à frente dos microfones, onde pronuncia um inflamado discurso de seis minutos, concitando os povos oprimidos a lutar pela liberdade, a fraternidade e a união de todos, contra o ódio insuflado pela tirania totalitária.

Embora não tenha sido considerado na época um dos melhores filmes de Chaplin, "O Grande Ditador" cresceu com o tempo, surpreendendo ainda hoje pelo brilho da sátira política e o vigor da caricatura, expressa de modo inesquecível em várias sequências, sobretudo na extraordinária cena do balé de Hynkel com o globo terrestre, talvez a mais notável de toda a obra chapliniana.

Em sua primeira semana de exibição no Brasil, **TUBARÃO (Jaws)** arrecadou 9 milhões de cruzeiros, depois de ultrapassar as rendas de "O Exorcista" e "O Poderoso Chefão". E embora o crítico Vicent Canby, do **New York Times**, o tenha incluido entre os dez piores filmes do ano, "Tubarão", na verdade, não é bom nem ruim. Que é o que menos importa, diante de tão fenomenal êxito de bilheteria. Afinal, **vox populi, vox dei**. O importante é tentar descobrir as razões do fascínio popular pelos **disaster movies**, tarefa em que estão empenhados sociólogos e psicólogos, embora ninguém ainda tenha apresentado uma explicação satisfatória. O fenômeno, entretanto, não deixa de ser intrigante, agora que nos aproximamos do final do século — período previsto não só por antigas profecias, mas também por Nostradamus e, mais recentemente por astrólogos modernos, para o advento do Apocalipse, sem esquecer as advertências de várias seitas e movimentos religiosos, que anunciam o aproximar-se de grandes e terríveis tribulações, antes que a humanidade ingresse numa era paradisíaca.

Cronologiamente anterior, na filmografia de Mel Brooks, ao hilariante "O Jovem Frankstein", **BANZÉ DO OESTE (Blazing Saddles)** é mais uma comédia maluquíssima do mais maluco de todos os cineastas. Esta paródia dos clássicos filmes de faroeste — ou melhor, esta espécie de **Hellzappopin** do Oeste — satiriza todos os clichês do gênero e outros que não pertencem ao gênero. Como todo **western** que se preza, **"Banzé no Oeste"** tem mocinhos e bandidos, além de um xerife negro numa cidade racista branca, e um pistoleiro tão veloz, que nem precisa tocar em sua arma para disparar o gatilho. Como todos os filmes de Brooks, **Blazing Saddles** tem momentos banais ao lado de outros francamente geniais. Estes, porém, justificam o filme e compensam fartamente a ida ao cinema.

Outra boa opção é **OPERAÇÃO FRANÇA II**, que traz de volta o fascistóide policial Popeye Doyle (Gene Hackman) agora em solo francês. Sob certos aspectos, o filme é melhor do que o origiginal dirigido por William Friedkin (é que a direção, desta vez, foi entregue a John Frankenheimer).

Embora tenha ganho o Oscar com o filme de Friedkin, é aqui o extraordinário Gene Hackman tem melhores oportunidades de mostrar outra faceta de seu enorme talento.

Pola Vartuck

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ESCANDALOSAS

1 FRESCOR Silvio Campos da Silva, personagem paulista que estava **chocando** na taba carioca, anda aflito: personagem de fonte carioca está conseguindo chamar a atenção mais do que ele. Chama-se Walter Heilborn, e seu lançamento na taba tem como fiador o conhecido mágico dos cabelinhos, o dourado Renault.

2 CABROCHA Privé sim, Privé não, enquanto Chez Regine não se apronta e Hippopotamus carioca não se decide, a buate que está fazendo o maior sucesso, para variar, é a gay Sótão – todo verão é assim. Só que desta vez os habittués parece que estão reagindo e exigindo dos donos que seja proibida a entrada dos "mistos".

3 PUNTA Andréa Moroni tem casa alugada em Punta Del Este a partir do dia quinze. Portanto vai se cruzar com Alice Giunta, que já está se bronzeando por aquelas paragens. Também deve encontrar la hija de Silva Kovarik, Ana-Elisa Lunardelli, que alugou vivenda chamada Toy House porque adora uma brincadeira.

AQUI, DANIEL MÁS

CLASSE A

Ana Maria Sampaio Barros pronta para embarcar para Búzios, onde fica de janeiro até o fim de fevereiro. Em fevereiro também estarão lá Gisela e Ricardo Amaral. Que já deram sua colher de chá a Guarujá com janeiro & Hippopotamus Beach. E que talvez acabem num Búzios Hippopotamus Beach para o ano que vem.

Florinda Bolkan

El derecho de nacer

Elis Regina

Depois de passear muito à vontade pelo repertório personalíssimo de Gal Costa, Elis Regina agora baixou na estrutura dramática de Maria Bethânia. Parece que o show da gaúcha, no Teatro Bandeirantes, é altamente estimulante para as glândulas lacrimais. Em poucos dias superou a inesquecível série drama, que Bethânia fez e gravou. Paulo Cotrim foi ver e saiu encantado: "Passei o show inteiro chorando de emoção". Hebe Camargo rompeu em desesperado soluço. Não bastando o drama, Elis está com um sotaque baiano cada vez mais forte.

ESTÚPIDAS

Ilde e Christiane Soares.

O **Hippo-Beach** definiu os paulistas: aderiram radicalmente à nova dança **haustle**. Entre as mais pululantes, **Heloisa Abreu Pereira** e Tina **Botti**. ● Depois do seu espetáculo, dia 31 de janeiro em Guarujá, **Germano Mariutti** segue para 15 dias descansativos na Europa. ● **Jorginho Guinle** passou seu reveillon com **Cyd Charisse** em Los Angeles e promete consegui-la para nosso Carnaval... ● que fora as promessas de **Oscar Ornstein**, vai ser um Carnaval desfalcado. Falando em Oscar, a piscina do Hotel Nacional é um dos bons programas de fim de semana no Rio. ● **Maria Estela e David Serson** mudaram para casa própria com piscina. Na estufa despoluída, Morumbi. ● A bonita **Betty Chateaubriand** em grandes atividades publicitárias. ● Barra do Saí desmaiou ao ver **Clóvis Graciano**, nosso artista e adido cultural em Paris. Graciano prepara uma exposição para São Paulo em junho. ● **André Jordan** ainda estudando seus investimentos turísticos, um tanto assustado com os modos na taba: "No Algarve não era assim..." ● Nunca se viu sistema de segurança tamanhamente eficiente e forte como no **Hotel Meridien**. Antes o serviço fosse atento assim.. ● São Paulo vai emagrecer assustadoramente. Até **Baby Pignatari** está fora... ● **Jean-Louis Lacerda Soares** voltou de Paris para respirar um pouco do ar puro paulista e, no dia 21, Paris de novo onde fica até a grande volta com sua **Ilde & prole**. ● O grande **choque** do momento para Guarujá é o grande barco Maristela, **de Nico Perez**, que voltou ao mar com nova cara (sem dedinhos de Mr. Serson). Não bastando, Nico ainda botou n'água uma veloz Sagita, para efervescer o litoral da Rio/Santos. ● **A churrascaria Rodeio** começou o ano jantando assim: **Zé Alcântara Machado** muito bem acompanhado, **Marcos Lázaro** esperando **Frank Sinatra**, o fotógrafo **Sergio Monte Alegre** que acabava de descobrir Buenos Aires, o pintor **Nelson Lerner, Zizinho Papa e João Paulo Arruda**. ● Aliás, **João Paulo**, o espetacular Zumbi, contava que em fevereiro vai instalar seu quartel-general em Búzios, com **Cito Mendes Caldeira, Toninho Abdalla e Chiquinho Scarpa**.

Norma Benguel

INAUGURAÇÃO

Antonio Calmon acabou as filmagens de "Paranóia" e agora começa a montar. Brincadeira que vai lhe custar mais dois meses de São Paulo. A estrela de "Paranóia" foi escolhida a dedo: Norma Benguel, apesar da força que Paulo Vilaça, também do elenco, fez para ser ele (mas conhecem aquela história, quem janta no Piolin, nunca vai chegar ao La Tambouille). O filme também marca a rentrée de Anselmo Duarte, sem dúvida um grande suspense. Como toda estrela dá trabalho, Norma não quis fugir da regra. Parece que está com a cabeça desarranjada, e com toda razão, tadinha: além de voltar a filmar, também voltou a representar em palco. Semana que vem inaugura o teatro do fabuloso prédio do BNH na Av. Chile (Rio), no velho "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues. Engraçado que ainda não se sabe se ela fará papel da fita ou da champagne...

AS PREMIADAS

Marina Cicogna teve o maior trabalho para "preparar" a candidatura de Florinda Bolkan ao próximo Oscar Americano, mas pelo que tudo indica Florinda não será nem indicada. Para as indicações estão cogitadas a Karen Black (tão na moda), por seu trabalho em O Dia do Gafanhoto; Stockard Channing, pelo medíocre filme O Golpe do Baú; Ann Margret por Tommy (a coisa mais fajuta que jamais vi com estes olhos que a terra há de comer!); e ainda tem lugar para mais uma indicação – são cinco. Pensa-se nas duas ladies do cinema americano, Barbara Streisand, por Funny Lady (uf!), e Liza Minelli por Lucky Lady. Diante de tal panorama podemos considerar injusta a falta de chance de Florinda com belo trabalhinho em "Férias...", de De Sica. De qualquer maneira, Marina Cicogna, **tutora** de nossa Florinda, não perdeu as esperanças...

FIVE ★★★ STARS

A GUERREIRA

As memórias do maior monumento paulista, Yolanda Penteado, vão imortalizar de vez sua cidade. Ela veio passar o Natal em São Paulo, mas logo voltou para seu refugio no Sheraton/Rio onde suas memórias concretizam – na 5ª e última parte – sua filosofia de vida. A primeira parte começa na infância e vai até 1932, onde circulam na sua galeria personagens como Josephine Baker, Maurice Chevalier, Santos Dumont ou mesmo um Alfredo Pujol. Na segunda parte ela conta a história da sua fazenda Empyreo,que não só se confunde com a própria história de São Paulo e do país, como também boa parte dessa história ocorreu na fazenda. Por lá passaram nossos maiores artistas e políticos. Empyreo apresentou Ciccilo Matarazzo a Yolanda, e juntos seriam felizes por muitos anos. Não tiveram filhos, mas tiveram a Bienal. A 3ª parte das memórias é praticamente dedicada a Ciccilo. A 4ª parte conta tudo sobre sua grande aventura artística e tem a morte do seu grande amigo Assis Chateaubriand. Na 5ª e última parte, fala sim de sua filosofia de vida, mas também faz projetos para o futuro. Yolanda é assim, pode estar no repouso, mas jamais se dará por vencida. Ela é sem dúvida um escaldante exemplo de uma brava guerreira!

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Renato de Moraes

MÚSICA

"Entre os anunciados discos do cearense Belchior e do carioca Luís Melodia, o mais imediato e aguardado é o LP Revolver, do paulista Walter Franco." / "Se a direção musical do Brasil não converge para o rock, a recíproca não parece verdadeira, transformando-nos na nova Jamaica, onde os grandes astros pop se recondicionam criativamente e gravam seus discos"

EM CASA

Walter Franco

SELEÇÃO

Meu Primeiro Amor — Nara Leão ☆ ☆ ☆ ☆ ☆
Minas — Milton Nascimento ☆ ☆ ☆ ☆ ☆
Roberto Carlos ☆ ☆
Saudade Não Tem Idade — vários ☆

A maior esperança é o disco de 200 horas

Sinais de agitação prometem sacudir os dois primeiros meses de 76, em geral destinados ao recesso da indústria fonográfica brasileira. Graças a artistas brasileiros de inegável valor, parte deles representantes da geração mais nova da nossa música popular.

Entre os anunciados discos do cearense Belchior e do carioca Luís Melodia, o mais imediato e aguardado é o LP **Revolver** do paulista Walter Franco, de fato, o lançamento de maior ressonância. Depois de 200 horas de trabalho no estúdio, com músicos e técnicos, o compositor de **Cabeça** garante ter realizado um disco envolvente, aberto a outras faixas de público e viável comercialmente — o que não aconteceu com seu primeiro LP, **Ou Não**. Isso, porém, sem abandonar sua inquietação experimental. **Apesar de tudo é muito leve**, frase de sua discutida **Muito Tudo** (terceira colocada no festival Abertura), resultou numa faixa que dura exatamente 5 segundos. Diferentes entonações e divisões marcam as interpretações de **Éter/na/mente** e **Partido Alto** ("Foi meu mestre quem te ensinou/foi teu mestre quem me ensinou... partir do alto/animal sentimental"). Até mesmo variações de tempo como em **Feito Gente** ("Feito gente/feito fase/eu te amei como pude/fui inteiro/fui metade"). Por trás do que, se observa um obstinado garimpo musical e poético, latentes na faixa título **Revolver** ("Lembrar de esquecer/esquecer de lembrar/cansar de dormir/dormir descansar/sorrir de doer/doer de sangrar/sangrar de morrer/morrer de lembrar/lembrar de esquecer...").

Além, fica-se na expectativa de um novo LP da cantora Gal Costa, interpretando exclusivamente músicas de Dorival Caymmi, de um novo (o quarto) disco da carreira do compositor Candeia, inflexível defensor da pureza e tradição do samba, e de um alentado compacto, seguramente fadado ao sucesso, de Paulinho da Viola, com o samba-tema principal da novela **Pecado Capital**.

Assim, no rock, principal manancial da música popular internacional, ficam reservadas parcelas menos substanciais, como o disco-testamento **(Red)** do grupo inglês King Crimson — o Rei Escarlate da música progressiva — desmontado no final de 74 por seu líder Roberto Fripp. E o novo disco do grupo também inglês Genesis que, exemplo inédito, deverá vir em fevereiro (no dia 4 em São Paulo) apresentando o LP à imprensa, rádio e TV. Mas somente através de entrevistas, por causa da ausência do baterista Phil Collins (atual vocalista, substituindo o exótico e impulsivo Peter Gabriel, que recentemente resolveu se desligar do grupo). Isto é, sem apresentações ao vivo.

Enquanto isso, a depender basicamente da sorte e do acaso, espera-se (quem sabe?) as novidades musicais mais instigantes no território simbiótico do jazz com o rock, rescendido a influências latinas de Keith Jarret e Larry Coryel ao lamentavelmente inédito Herbie Hancock. Sem falar no seu artífice principal, o insuperável Miles Davis, e no brasileiro Airto Moreira em seu último disco **Identity**. Ou no descalabro inconcebível, resultante de um desentendimento entre gravadoras, o LP de Milton Nascimento e Wayne Shorter, **Native Dancer** (apenas encontrável a preços proibitivos nas importadoras): um fulgurante encontro de duas impecáveis correntes, a do saxofonista americano, destacada presença entre as mais avançadas tendências jazzísticas, e a do intocado compositor mineiro, agora incluído unanimemente entre os grandes vendedores de discos (cerca de 50 mil cópias vendidas em um mês após o lançamento de seu LP **Minas**).

NA RUA

Elis Regina

SELEÇÃO

Falso Brilhante — Elis Regina & Cia. ☆ ☆ ☆
E Agora, João — João do Vale

Elis: se o brilho não é falso, é duvidoso

Tornou-se comum, ao público da música pop, o anúncio prévio da vinda de alguns dos super-astros e super-estrelas internacionais em espetáculos ao vivo, quase sempre cancelados ou esquecidos sem maiores explicações. Para 1976, os ainda crédulos ou os de paciente esperança não deixam de se animar com mirabolantes promessas.

A começar de uma possível vinda do conjunto **Rolling Stones**, acenada pelo cantor Mick Jagger em várias entrevistas durante esta sua atual permanência no Brasil. "Quero muito tocar aqui. Isso depende apenas de alguns acertos que estão sendo feitos", diz ele, que, contudo, se mostra realista ao lembrar que "a excursão precisa ser maior, por toda a América Latina. Vir só ao Brasil seria jogar dinheiro fora". A lista continua com um desfile de celebridades. Após o êxito da excursão de Rick Wakeman, o projeto Aquarius da Rede Globo pretende trazer ao Brasil, em 76, o grupo inglês **Pink Floyd**, junto com a **Orquestra Filarmônica de Berlim** completa, regida pelo estelar Herbert von Karajan. Sobre as mesmas águas e com idêntico tratamento profissional, anuncia-se, deverão aportar outros dois grupos da Inglaterra, os estridentes **Emerson, Lake and Palmer** e o **Led Zeppelin** — Peter Grant, empresário do último, transitou por aqui em 75, mas não se sabe exatamente por que o conjunto não desembarcou no país, conforme ele prometera.

Se tudo isso não acontecer, há prenúncios claros de que a trilha de personalidades do mundo musical, a passeio e à cata de matéria-prima ou fonte de inspiração, veja suas fileiras engrossadas. Desta maneira, ironicamente, poderá se comprovar que, se a direção musical do Brasil não converge para o rock, a recíproca não parece verdadeira, transformando-nos na nova Jamaica, onde os grandes astros pop se recondicionam criativamente e gravam seus discos.

Paralelamente, o show-biz nacional revela de início disposição para gratas surpresas. Em face de preparativos para os primeiros ensaios e com estréia prevista para abril em Porto Alegre, início de um longo giro pelas principais capitais (São Paulo deverá ser a terceira depois de Curitiba), o espetáculo reunindo nada menos que Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia e Gal Costa promete acirrar a temporada. Uma reedição atualizada de **Arena Canta Bahia?**

Aguardando tais prenúncios, o panorama de espetáculos paulistas nestes primeiros dias do ano mostra-se escasso, ainda que relativamente atraente. Na casa noturna **Be-Bop-A-Lulla** (av. Santo Amaro, 624) interessada em tornar-se um foco para novos talentos do rock tupiniquim, pode-se assistir ao show do grupo **Sindicato**, liderado pelo ator-cantor Ricardo Petraglia e pelo guitarrista argentino, ex-Beat Boys, Tony Osanah. Descompromissados e humorados como as letras de algumas de suas composições ("Passe Muito Bem", "Quero Ver Sangue",) eles fazem experiências que lembram à distância o rock teatral do antigo conjunto **The Doors**.

E há o show de Elis Regina, **Falso Brilhante**, corajoso e original dentro da atual linha de espetáculos dos artistas nacionais. Mas que apesar do irrestrito e entusiástico apoio da crítica deve ser dissecado, questionado e analisado com maior acuidade. Por exemplo: não soa contrastante o clima empolgado e feérico do espetáculo com a ambientação visivelmente "arte pobre" do cenógrafo Naum Alves de Souza? Seria a variada série de estímulos visuais, auditivos e teatrais utilizada, a fórmula adequada para uma artista de frágil presença (física inclusive) cênica? E o que pensar da flagrante ambiguidade e excessiva emotividade (muitas vezes redundante ou piegas, como na cena da imolação da cantora pendendo de um trapézio e sob o som eloquente do **Messias** de Haendel) que enfatizam a reconstituição da trajetória da atormentada intérprete, mas que deixam o público entre confuso e perplexo? Afinal, entre a intenção e o ato existe uma distância insuspeitada, às vezes tão grande como a que separa o sonho da realidade.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

"A TV CULTURA TEM DE SER POPULAR. O QUE FOI FEITO AQUI É UM ABSURDO, VAMOS MUDAR TUDO". PALAVRA DE FERNANDO FARO, HÁ CINCO MESES ASSESSOR DA PRESIDÊNCIA DA FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA.

O novo desafio de Faro: o povo

Apresentou textos de Genet e Joyce; fez estrear na tevê de São Paulo garotos como Chico Buarque, Caetano e Gil, em 65; dirigiu um programa de bossa-nova em 61; transmitiu um jogo inteiro com a imagem seguindo apenas um personagem, Pelé. Desde que entrou para a televisão – em 1958, no canal 5, então Organização Vitor Costa –, Fernando Faro fez experiências que muitas vezes romperam a barreira do "maldito". Mas, depois de 17 anos de inovações em tratamento de teatro, música, poesia e jornalismo em televisão, há cinco meses Fernando Faro está vivendo o seu maior desafio profissional: reestruturar a TV Cultura.

AQUI – O Dias Gomes, numa entrevista recente, disse que a televisão é o veículo mais importante que existe. Você concorda?

Faro – De certa forma sim, porque você não pode fazer nada para impedir o que está aparecendo. Mas eu acho muito importante, porque a tevê te dá a medida da coisa, mesmo te dando uma estrutura subliminar, ainda no nível inconsciente na verdade a televisão, veiculando qualquer coisa, sempre paga a gente. Pela natureza do veículo. É um aparelho que recebe uma série de sinais que vêm para um tubo, e esse tubo decodifica esses sinais em termos de imagem, bombardeando partículas que ultrapassam o veículo, te envolvem, entende? Você não pode ficar a certa distância, recomenda-se, porque aquilo passa para você, te toca. Mas tem um outro lado da questão: a tevê também é um veículo de veículos, porque dentro dela cabe jornal, livro, música, filme, quadro, cabe tudo. É um cruzamento de veículos. Por isso é que eu defendo a profissionalização, a especialização para se tratar com um instrumento tão especial.

AQUI – Você acha que as escolas de Comunicação poderiam ser uma solução?

FARO – A comunicação, como a televisão, é uma matéria muito delicada. Fica tudo a um passo da mistificação, da enrolação, da distorção, do equívoco. Então a gente tem de ficar atento. Não sei, tenho a impressão de que em termos de comunicação, o pessoal do rádio foi para as escolas, ou então foram os medalhões da televisão. Não conheço bem os professores, mas imagino que tenha sido assim, porque assim aconteceu quando apareceu a televisão. Foram para lá os medalhões do rádio. A primeira pessoa a falar na televisão foi o Homero Silva, a primeira novela foi com o senhor Walter Forster. Então os critérios passaram a ser aqueles do rádio, com imagem em cima. Na verdade, não sei de ninguém que tenha saído de uma escola de Comunicações e que você possa dizer: "É um grande profissional de televisão".

AQUI – Qual o caminho ideal para a TV Cultura?

Fernando Faro –Não tem sentido competir com as outras emissoras usando os mesmos elementos, as mesmas armas. O caminho que resta à Cultura é uma aproximação com o público, para acabar com esse distanciamento que sempre houve. Ou seja: falar à cidade e ouvir o que ela tem a dizer. Por exemplo, se agora acontece um crime na rua Augusta: mando o caminhão para lá e ponho a imagem no ar. Mesmo chegando com meia hora de atraso ao local do acontecimento, vamos poder ver as paredes da cena, ouvir as testemunhas, a empregada que ouviu um grito enquanto estava preparando o almoço. Todos esses elementos eu acho muito mais ricos, mais fortes e mais dramáticos do que qualquer texto de Shakespeare. Então eu acho que o papel da TV Cultura é registrar o seu país, assumir todos os problemas culturais – mas quando eu digo cultura não me refiro à livresca; falo da que está no ar, porque acho que a outra não tem sentido.

AQUI – Como assim?

Faro – A Cultura faz uma aula de Biologia. A quem pode interessar uma aula de Biologia? 30 mil pessoas? Bom, 1% do Ibope equivale a 70 mil pessoas. A Globo dá em média de 42 a 45% de audiência. O que sempre digo aqui é que muitas vezes é mais fácil, em certas matérias de ensino, reunir o pessoal e dar uma aula. Não tem sentido usar um veículo com o alcance da televisão para ensinar um grupo de mil, cinco mil pessoas. É como pegar uma metralhadora e matar um mosquito. O que acontece? A grande massa se afasta da emissora, que fala em linguagem que não é dela. Por exemplo, o cara que mora na Vila Sônia, na Vila Maria, de repente vê um sujeito falando em alemão, discorrendo sobre Biologia, Física, o cara se sente agredido. Fazendo tevê você está mexendo com a classe C, que é a classe que dá o Ibope. As outras são piques, por exemplo a classe A vê hoje, amanhã sai, vai a um cinema. A classe C é a que vê sempre. Só tem televisão.

AQUI – Como mudar isso?

Faro – Acho um absurdo tudo o que a Cultura fez até agora. Acho urgente que se comece a mexer, ou não tem sentido trabalhar. Tudo me parece errado há muito tempo, desde a definição da palavra cultura até a abordagem das matérias de ensino. Aqui na Cultura nunca a televisão se aproximou da massa – o programa mais próximo disso que temos aqui é o futebol. Há várias idéias, mas nenhuma delas eu gostaria de colocar em termos definitivos antes de uma pesquisa popular, um trabalho bastante sério. Senão vamos voltar àqueles tempos da década de 50, quando cada um inventava o programa que queria, apenas com os critérios de bom-gosto ou mau-gosto. Em 1962, no meu começo no canal 4, depois de ter dirigido um tele-teatro e um programa de bossa-nova (em 1961, um programa de bossa-nova, imaginem a indignação que causou!), fui chamado pelo Cassiano Gabus Mendes, que me deu um programa. "Qual?", eu quis saber. "Não sei,-faça o que quiser", me disse ele, confiando no meu trabalho. Assim pude fazer Móbile, um programa interessante e novo, que ganhou prêmio à bessa. Como era a partir da meia-noite, poderia ir até quando a gente quisesse. Mesmo reconhecendo que foi muito bom na época, hoje acho que a programação de uma tevê tem que seguir critérios quase científicos, de tão rigorosos. Isso de se chegar a dizer "faz um programa para mim, o que você quiser" não pode acontecer na televisão.

AQUI – E tem acontecido?

Faro – Muito. Por isso, é necessário que uma tevê como a cultura seja entregue a profissionais. Para muita gente, a tevê ainda é aquele brinquedo de 1950. Parece que o pessoal não se deu conta que 25 anos se passaram, e que nesse tempo foram estabelecidos critérios, e que outras coisas paralelas foram surgindo, desde pesquisas sociais até estudos linguísticos. Nesse aspecto, tenho a impressão de que a tevê que está mais bem orientada é a Globo, que tem realmente um departamento, ou pelo menos um homem que exclusivamente se dedica á análise de pesquisa, à análise de opinião, porque esse é realmente um momento muito sério, quase diabólico. Eu soube que esse homem, um venezuelano chamado Homero Casa Sanches, está fazendo um estudo tentando levantar 400 palavras que sejam familiares a todos os brasileiros, e aí a televisão deve usar somente essas 400 palavras já pensaram num cuidado desses com objetivos maiores,

"DISTORÇÃO"

mais sérios? Estou de acordo com o Walter Clark, quando ele diz que a tevê é um fator de integração nacional. Apenas não é do jeito que ele pensa e faz. Acho que é fator de integração nacional na medida em que a comunicação acontece em termos totais, de pergunta e resposta, de diálogo. Por exemplo, se eu mando uma mensagem para o sertão de Pernambuco, que eu tenha a resposta. Não tem sentido a gente distorcer toda uma realidade nordestina, impondo assim de maneira tão sem-vergonha padrões, culturas, maneirismos, formas de vestir, tudo. Assim como tem televisão aqui, tinha que ter em Pernambuco também. Do jeito que as coisas estão, você nunca vai ver um bom ator de televisão em Sergipe, Pernambuco, Amazonas. O que é que se tem, por exemplo, do baiano na tevê? Tem caricaturas. Você pega um programa espalhafatoso, tipo "Os Trapalhões", e joga um rascunho de baiano no pastelão, que acaba dando para muita gente a idéia e a imagem do baiano, do nordestino em geral. Por isso é que eu acho, no caso específico da TV Cultura de São Paulo, que por mil motivos ela deve se voltar para registrar a sua cidade ao público pelo qual ela é sintonizada.

AQUI — Existe algum projeto de se dar aulas pela TV sem ter a estrutura formal de ensino?

Faro — Em termos de ensino acho que a Cultura deveria fazer programas infantis, para a base pré-escolar, e entrar num campo mais prático. Por exemplo, um programa também para as gestantes.Geralmente elas não são muito bem informadas, não sabem exatamente o que fazer. Mas o papel de "professor" cabe apenas a um profissional de tevê que tenha estudado a linguagem de tevê, que não agrida a massa. Nada do gênero que se vê: "A senhora é mãe? Então a senhora tem de fazer o seguinte..." Não dá, a pessoa desliga a tevê na hora. Tem que se saber chegar no assunto.

AQUI — Como foi que você chegou à TV Cultura?

Faro — Quando o Paulo Egydio foi nomeado governador, ele procurou fazer contato com algumas pessoas, e foram indicados três nomes especializados: Décio Pignatari, Samir Mezerani e eu. Então houve um encontro dos três com o governador. No começo eu hesitei um pouco, tinha problemas, não entendia direito o porquê da chamada. Ele queria instituir uma espécie de grupo, nós três mais a Maria Cecília, mas o plano não foi pra frente. Então o Jorge Wilheim, que é o secretário de Planejamento, me telefonou pedindo um trabalho rápido sobre o que eu achava da televisão brasileira e da tevê Cultura em particular, coisa de duas laudas. Não me preocupei muito com aquilo, sabia que ele tinha ligado também para o Juca de Oliveira pedindo uma coisa semelhante sobre o teatro. Dois meses depois, quando eu estava em férias, cheguei em casa e tocou o telefone. Era o Paulo Egydio: "Como é, você não ficou de entregar um negócio sobre a televisão?" Perguntei: "Mas é sério isso?" Ele disse que era e então eu fiz o trabalho, que foi parar na Secretaria do Planejamento. Parece que havia um monte de trabalhos pedidos a muita gente, eles fizeram uma triagem e escolheram o meu. Como os trabalhos não levavam assinatura, só então quiseram saber quem era eu. Quando o Rui Nogueira Martins foi escolhido presidente da Fundação, vim junto para cá.

AQUI — Voce ficou amigo do Paulo Egydio?

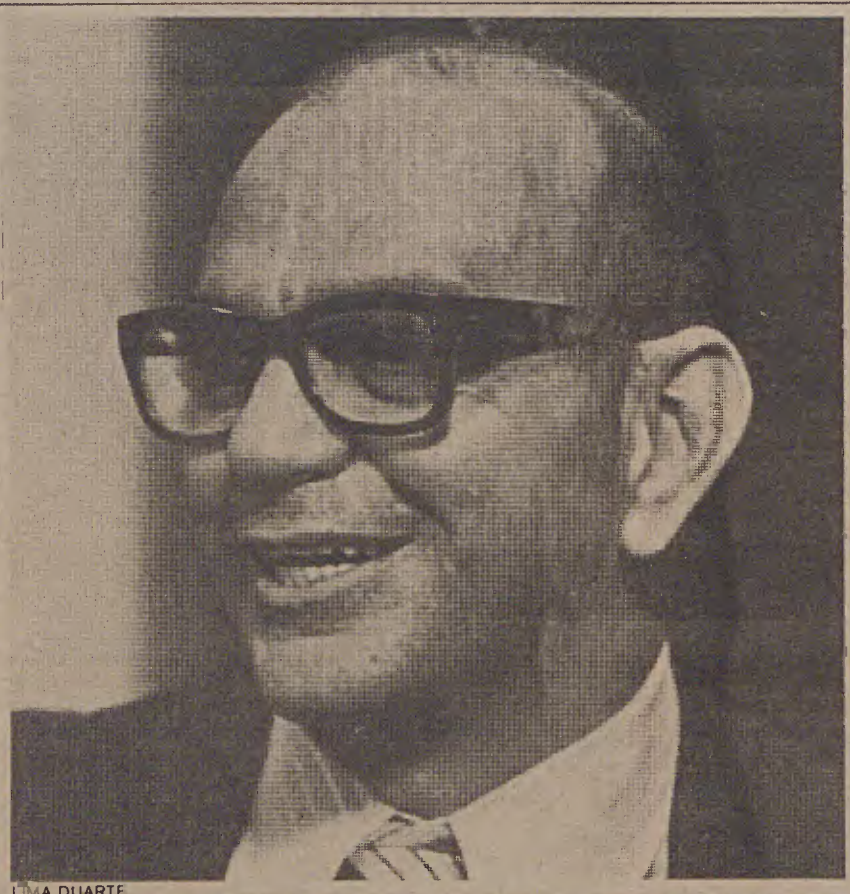
Faro — Depois fiquei. Mas numa das primeiras vezes em que a gente se encontrou, ele disse: "Assim não dá, vou fechar aquilo lá, é uma coisa que só dá prejuízo, ninguém vê". Aí eu disse "não, aquilo pode ser muito legal, se a gente fizer isso, isso", e disse a estrutura que eu imaginei. Na vez seguinte, ele disse: "Estive pensando naquilo que a gente conversou; pode ser mesmo um negócio importante à bessa". Então eu contei que o plano estava muito emperrado, com dificuldades de todo o tipo, mas ele só me respondeu: "Se vira, você tem que fazer um negócio legal". Foi mais ou menos isso. Mas eu acho o governador um homem muito sensível, por isso penso que as coisas nunca se mostraram tão favoráveis à realização de um projeto para a tevê. Claro que há mil problemas, mas acho que a coisa nunca foi tão favorável, com o chão à espera da semente.

AQUI: E O QUE JA FOI POSSÍVEL PLANTAR NA TV CULTURA?

Aos poucos estamos conseguindo uma estrutura mais profissional. Já levamos o Cláudio Abujamra para trabalhar conosco na assessoria da presidência da Fundação para assuntos de rádio e tevê, o Walter George Durts, para ser o assessor cultural da TV-2 e os cineastas Roberto Santos e Ipojuca Pontes para fazer documentários especiais. Já pusemos em funcionamento o departamento de Tele-Jornalismo para programas especiais que são apresentados às sextas-feiras. Dois deles já foram para o ar: "Bóias-Frias", do Armando Figueiredo Filho, e "Enchentes", de Chico Falcão. Além disso, estamos prestigiando o pessoal de nível profissional da Cultura, como o Sérgio Cabral e o Júlio Lerner. Já dá para sentir um clima mais profissional, com gente interessada nos programas e na repercussão principalmente no setor de Tele-Jornalismo, agora dirigido pelo Demétrio Costa.

2 - Na parte de ensino, por enquanto estamos tratando de remanejar a programação em faixas de horário por interesse, seguindo um esquema técnico adotado no mundo todo, tanto por emissoras estatais como comerciais. O óbvio, por exemplo: fixar a programação infantil entre cinco e sete horas. O ensino está sendo tratado, mas ainda não foi possível chegar ao ideal. Nosso plano é atingir até o supletivo de primeiro grau, porque achamos que a pessoa interessada em algo acima disso deve dispor de outros recursos para aprender.

3 - Também estamos tratando da pesquisa. Entramos em contato com um especialista, com vários livros publicados, professor da USP, que quase com certeza virá para dirigir um departamento que funcionaria em duas etapas. Na primeira, pesquisando os assuntos que sensibilizam a opinião pública em determinada semana — passaria essas informações para a assessoria, que rapidamente cuidaria de uma programação nesse sentido; na segunda etapa, os pesquisadores sairiam para a rua atrás da repercussão desses programas, desde a maneira como foi apresentado até à escolha do assunto em si.


LIMA DUARTE

GERMANO FILHO

MOACIR DERIQUEM

LUIZ ARMANDO QUEIROZ

DEBORA DUARTE

NESTOR DE MONTEMAR

O susto.
O medo.
A cobiça.

PECADO CAPITAL

com
Francisco Cuoco
e Betty Faria.

Segunda a sábado,
8 da noite.
A cores.

REDE GLOBO

LIVROS "O sombrio diador, durante a conversa de 45 minutos, pede a Beatriz que lhe recite trechos da peça O Santo Antônio, que não tinha coragem de ir ver."

Beatriz Costa

Salazar desvirginado

Um livro da grande vedete portuguesa, com o mesmo humor que divertiu São Paulo e Rio de Janeiro nos anos 40 e 50, tempos do Cassino da Urca e do Cassino Antárctica. A história da alegria que, um dia, conseguiu até contagiar Salazar: Sem Papas na Lingua, **de Beatriz Costa (Civilização Brasileira, 301 páginas, 50 cruzeiros).**

Beatriz Costa não tem a pretensão de fazer literatura, mas escreve com bom gosto e propriedade. Escreve, sobretudo, com uma efusão de alma, um transbordamento de carinho, um tal prazer de viver que seu livro resulta mais autêntico que muita peça literária de memorialista.

Para os mais moços, que não a conheçam, é preciso informar que Beatriz Costa foi atriz de revista. Haverá quem torça o nariz a esse título: uma **vedette!** Mas o talento não escolhe profissões, está em todas. O talento dessa mulherzinha, com ar de eterna menina, era (hoje está aposentada) o dom quase sobrenatural de comunicação com a platéia. E esse dom era indício de uma sensibilidade que a faria notar também fora da cena, que a levaria a viver com rara intensidade a sua vida e a estabelecer um vínculo essencial com os seus semelhantes.

No palco, era um fenômeno. Vi-a três ou quatro vezes e jamais pude esquecer, entre outras, uma revista chamada **Pega-me, ao colo,** em que a pequena "grandessíssima Beatriz" prendia lotações inteiras de teatro, às gargalhadas, até o paroxismo, com a simples repetição da frase que dava título ao espetáculo. Assim ela ganhou fama, entre nós, no Teatro República e no Cassino da Urca, do Rio, e no Teatro Cassino Antártica, de São Paulo, nas décadas de 30 e 40.

Beatriz fala com simplicidade, neste seu livro, dos episódios que viveu em sua carreira, da gente que conheceu pelo mundo afora. A começar pelos seus saloios queridos. Seus amigos portugueses são gente como Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, Almada Negreiros. No Brasil, foi do tempo de Augênia e Álvaro Moreyra, de Villa-Lobos, Tarsila, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Flávio de Carvalho. Privou com Roger Vailland, conheceu Gide e Colette. Aprendeu a comer aspargos com Marlene Dietrich e recebeu uma homenagem beijocada de Pirandello.

Mas nem só de personagens ilustres ela nos fala: a mesma carinhosa lembrança lhe merecem as figuras humildes do povo que encontrou na vida. Recorda com ternura personagens de sua intimidade, como aquele boêmio esquerdista de São Paulo, o Gregorian, que foi seu companheiro por um par de anos.

Seria difícil destacar da autobiografia como característica, esta ou aquela fase. Mas é especialmente divertida a entrevista de Beatriz com Salazar. Querendo fazer média, ele mandou convidar a saloia para uma entrevista. Consultados os seus amigos com QG na Brasileira do Chiado, e bem pesados ali os riscos da negativa, ela resolve ir. O sombrio ditador, durante a conversa de 45 minutos, pede a Beatriz que lhe recite trechos da peça **O Santo Antônio,** que não tinha coragem de ir ver. "Foi a única virgindade que lhe consegui arrancar", comenta ela. Depois correu a contar no café o acontecido, entre gargalhadas homéricas, sobretudo de Aquilino Ribeiro, a quem a história divertia imenso.

Pode-se resumir, com o prefaciador Jorge Amado: "Livro cheio de interesse, escrito com impetuosa sabedoria, com permanente graça, uma conversa íntima da famosa atriz com o público, com seus fiés admiradores, contando coisas, comentando, elogiando, lastimando, rindo dos tolos e esnobes, lembrando com sofrida saudade os grandes que já se foram, aqueles que lhe deram algo, contribuindo para formá-la assim tão senhora de sua vida e de seu tempo"

Moacir Werneck de Castro

SELEÇÃO

Enciclopedia Mirador Internacional ☆ ☆ ☆ ☆
Helana Antipoff, Sua Vida/Sua Obra ☆ ☆ ☆

ARTES PLÁSTICAS "Ninguém comentou o lançamento de papel picado pelas janelas dos edifícios da cidade".

Sílvio Santos está chamando

Hoje, quem sabe citar de cor trechos do livro de memórias de Françoise Gillot, (uma das mulheres de Picasso), pode, muito bem, ser crítico de arte. Ou ganhar fama e fortuna respondendo sobre o grande mestre num dos vários programas "culturais" de tipo **silviosantianos** que se espalham pela televisão. E, usando um mínimo de citações, pode até comercializar prefácios para catálogos de exposições de arte (parece que o órgão de classe dos críticos deste tipo resolveu aumentar de Cr$ 300,00 para Cr$ 390,00 o preço de um prefácio tendo em vista o aumento conseguido na Justiça do Trabalho).

A crítica de artes plásticas está com um panorama sombrio.

Cento e um por cento dos críticos são especializados em pintura. Mas, como os especialistas baixaram um decreto em Nova Iorque afirmando que a pintura está moribunda, os **críticos de prefácio** começaram a juntar elementos para "vender" um novo produto tolerado pelo Conclave Universal dos Vanguardistas, realizado recentemente em um ponto qualquer das universidades americanas e da qual participou o colega Walter Zanini, diretor do Museu de Arte Comtemporânea de São Paulo (dentro em breve ele vai mostrar que o Brasil também está alinhado com a política de agressão à anacrônica trilogia tela-pincel-tinta).

Para encerrar o capítulo curioso — o mistério do crítico de arte — é preciso dizer que nestes dias, instruindo-se nos problemas básicos do conceitualismo, do comportamento visual, queria lamentar o fato de estes profissionais nunca terem dirigido sua atenção a outros setores das artes plásticas — escultura, arquitetura, urbanismo, desenho industrial, e — o cúmulo dos cúmulos — certos detalhes filiados ao proprio conceitualismo. Um exemplo: ninguém comentou o lançamento de pepel picado pelas janelas da maioria dos edificios da cidade na vespera do Natal e Ano Novo. E eu pergunto: se para a manifestação de comportamento vale o buraco que o artista faz no chão; o pano que o artista amarra no ventilador e convida o público a admirar, por que não levar em consideração o papel picado caindo do alto dos predios?

Peço licença para ser eu, um simples cronista de arte, a analisar esta expressão tipicamente conceitualista que, a exemplo de outras, importamos das iniciativas americanas do Norte. O espetáculo no centro de São Paulo, observado do ponto de vista de "público-obra de arte" (último grito) foi o ersatz patético de uma chuva de neve impossível no trópico; de um ponto de vista sociológico, ou melhor, psiquiátrico, retratou o espírito que polui o recinto do jardim de infância no qual estamos brincando.

O prefeito Olavo Setúbal, usando daquele ar paterfamilia bonachão e cordial, tinha recomendado para não lançarem as toneladas de papel furtadas dos arquivos dos escritórios às ruas. Para não sujá-las e não obrigar os e as garis a um trabalho super-penoso.

Mas como convencer os coitados que declararam ao bravo Ricardo Kotscho, do "Estado": "Neste dia, a gente só vem trabalhar mesmo para jogar papel..."?

Se a esta carnavalia papelacea, juntamos a "comunicação figurativa", desta vez das decorações que alegraram a Augusta e a 9 de Julho (aqui se recorreu às banalidades de Walt Dysney, evidentemente pagando polpudos royalties (para chatear o ministro Reis Veloso), eu, cronista de arte felizmente não inscrito na ACAI (Associação de Criticos de Arte Internacionais), fico revoltado.

É curioso notar: os trustes estadunidenses do petróleo, para abrilhantar seus postos de gasolina, recorreram às multicoloridas bandeirinhas paulista que nosso caro Volpi canonizou emblematicamente; enquanto isso, os paulistas da Indústria & Comércio recorreram às bobagens do Hemisfério Superior.

Pietro Maria Bardi

BEST-SELLER NA FRANÇA, AGORA NO BRASIL.

O RETRATO SEM DISFARCE DE UM AMOR HOMOSSEXUAL QUE ESCANDALIZOU TODA A FRANÇA.

PROCURE JÁ, ESTÁ ESGOTANDO.

EM TODAS AS BANCAS E LIVRARIAS

Editora Três
símbolo de qualidade editorial

CAFÉ CONCERTO Para o povo de Monte Aprazível, no interior de São Paulo, são os três jovens irmão negros que um dia vieram tentar a sorte na cidade grande.

Filó, Carlinhos e Celso, os irmãos da madrugada.

Silêncio só na hora do Milagre

Sua arte serve de fundo para conversas de amor ou negócios. Estudaram durante anos, para serem ouvidos distraidamente entre uma risada e outra, ou enquanto se mastiga um filé caprichado. Essa é a vida de centenas de músicos que sobrevivem na noite de São Paulo, animando casas de samba, bares, restaurantes, inferninhos, longe das paradas, medindo seu sucesso pelo silêncio que de vez em quando acompanha as melodias tristes, ou pelo tilintar de copos marcando o ritmo das mais animadas. Esses profissionais, mais os talentos que precisaram recorrer a bailes de formatura, jingles e estúdios de gravação, são o assunto da coluna, que vai falar da música que vaga pela cidade como um táxi vazio.

Filó, Carlinhos e Celso Machado, por exemplo, alguém sabe quem são? Para o povo de Monte Aprazível, no interior de São Paulo, são os três jovens irmãos negros que um dia vieram tentar a sorte na cidade grande. Para os frequentadores da noite paulistana, são uma sombra encontrada em vários cantos: Celso é aquele rapaz que toca Haendel, Tárrega e Bach em seu violão, no bar do Paddock e que, no começo da madrugada, corre à boate Igrejinha para se presentar (desde o último dia 6) com Maysa e mais oito músicos de cordas dirigidos pelo maestro Júlio Medaglia, no espetáculo Concerto de Ano Novo; Filó canta, toca violão e piano no III Whisky, sozinho ou acompanhado por um pequeno conjunto completado por seu irmão Carlinhos (guitarrista) e pelo baterista Aladim.

Dos seus 25 anos, Filó (José Sérgio) Machado passou quatro tentando mostrar suas composições e sua arte ao violão e piano em São Paulo. No começo era pior: cantava no restaurante Dom Casmurro, sem ordenado fixo e vivendo das gorjetas que ganhava atendendo aos pedidos dos fregueses, de mesa em mesa. Se não serviu para apurar sua técnica, pelo menos essa rotina ensinou Filó a identificar o gosto de um público que voltaria a encontrar algum tempo depois: os frequentadores das boates de samba. Em 1972 chegaram seus irmãos Celso e Carlinhos, o primeiro um violonista de formação erudita, o outro um exímio guitarrista com uma influência muito forte de West Montgomery e George Benson. Com a adesão de Aladim, que havia sido baterista do grupo de Dom Salvador, eles formaram um grupo que ensaiava dia e noite preparando-se para uma oportunidade que um dia chegou: um contrato com a boate Cartola.

"Aí as coisas começaram a melhorar", lembra Carlinhos. No ano seguinte eles já estavam no Jogral, tocando em meio às conversas de sempre, mas em compensação ganhando aplausos das pessoas que ainda vão escutar música porque gostam de música. Então, no fim de uma apresentação, a surpresa: um rapaz tímido subiu no palco para cumprimentá-los. Era Milton Nascimento, que prometeu "uma força nos bastidores".

Filó e Carlinhos foram para o III Whisky, casa dirigida por Geraldo Cunha, onde estão até hoje. O show começa com os dois irmãos e a bateria, às 11 da noite, com um repertório que vai de Noel Rosa a João Bosco, ilustrando a conversa dos casais. Mas quando Filó fica sozinho ao piano e ao violão, sua voz afinadíssima acalma os fregueses mais barulhentos com O Milagre dos Peixes.

Ele lembra mais uma vez Milton Nascimento, para se convencer de que o sucesso não tem pressa. Poderia gastar o seu tempo buscando promoção, mas deixaria de lado o que é mais importante: compor, estudar. Mas se seu mestre Milton pôde esperar cinco anos para ficar famoso, Filó não se atreve a esperar sorte melhor. Não sabe mesmo se vai ficar famoso.

Talvez, lembrando de novo Milton Nascimento, tudo continue como em A Última Sessão de Música, a última faixa do disco Milagre dos Peixes: no fundo um piano, abafado pelas vozes e pelo tilintar dos copos.

Sérgio Müller

2.000 Até então. Porque agora as coisas pareciam se complicar. As Unicons dos vários bairros disputavam estranhamente a primazia da praça. Jogavam dezenas de "outputs" na mesa já confusa de Wlaka. Em sua aflição, Wlaka pensou em recorrer a um computador de geração mais avançada, a fim de resolver o terrível impasse.

A inauguração da Praça das Bruxas

O funcionário Wlaka já estava quase tendo pane. Não sabia manuar tantas conclusões contraditórias. As Unidades de Computação acionadas para resolver o problema, todas reivindicavam a praça. Assim, a Unicom instalada no Ajuntamento Santana, aconselhava que a praça fosse feita lá; a Unicom do Balneário Carandiru exigia para sua área esse privilégio; a Unicom do Granorquidário Paraizo insistia em que a praça surgisse ali mesmo, como extensão da velha estação de metrô, da antiga linha Norte-sul. A mesma exigência também vinha de outras Unidades de Computação (Unicons), a saber: A dois Batimentos Gardenpensos de Ibirapoera, as dos bairros climatizados por cúpula geodésica, tais como Jabakuara, Pinhelapa, Jardins Eurampau, Cidade Amadeus, Pauligusta Center, etc. Todas apresentando mil e uma informações, estatísticas, demonstrativos, provando que a Praça das Bruxas só podia ser erigida em suas respectivas áreas. Wlaka tonteava, pressionado de todo lado. O relatório final tem que estar pronto amanhã à primeira hora, ordenara seu chefe, 2º Vice-Prefeito de Sao. O pior era que a Grande Potestade já tinha sido oficialmente convidada para a inauguração, já programada prá dali a dez dias. E só faltava o relatório final de Wlaka, para que as obras se iniciassem. Sua reputação estava em jogo. Era ele um dos teóricos urbanistas mais conceituados de Sao. Muito jovem, fôra elevado àquele posto graças à sua tese doutoral revolucionária, que propunha: As dicisões sobre urbanização em Sao deveriam ser tomadas não só pelos computadores, mas, em última instância, pelos critérios de cérebros humanos. Com sua tese consagrada, Wlaka conseguira aquele cargo na Prefeitura, há mais de um ano. E desde então se responsabilizava por tais decisões. Até ali se saira muito bem. Decidira pela construção de novas cavalrodes (pistas para os cavalos de aluguel — "cab-horses" —, principal transporte para curtas distâncias, no centro da cidade), novas esterolas (calçadas rolantes, onde os transeuntes eram transportados sentados), programação atualizada dos veículos senrodados (carros que circulavam a dois metros acima do solo, movidos a células combustíveis, controlados por uma central de trânsito, que determinava o melhor percurso para cada transeúnte), etc. Tudo isso Wlaka conseguira, assessorado por sua maravilhosa rede de Unidades de Computação. Aliás, fora dele a idéia de descentralizar as Unicons, no que tivera grande êxito. Até então. Porque agora as coisas pareciam se complicar. As Unicons dos vários bairros disputavam estranhamente a primazia da praça. Jogavam dezenas de "outputs" na mesa já confusa de Wlaka. Em sua aflição, Wlaka pensou em recorrer a um computador de geração mais avançada, a fim de resolver o terrível impasse. Mas para isso precisava autorização da Grancentral. Daí repensou e sentiu logo o perigo: Se delegasse para uma decisão cibernética, estaria contrariando sua própria tese e, consequentemente, comprometendo seu próprio cargo. E se isso ocorresse, seria logo substituido por um computador barra enésima, perderia o cargo, os milhares de crediselos que ganhava e até sua morada privilegiada no bairro climatizado dos granfuncionários: o Florumby — Amanhã à primeira hora!... seu chefe fora incisivo. Já estava nos últimos minutos de noite, e nada.

A Potestade viria inaugurá-la dali a dez dias. Mas onde? Onde seria construida? A decisão tinha de ser dele. As Unicons continuavam jorrando dados e mais dados sobre dados. Todos conclusivos e rigorosamente quantificados. Parecia que todos os bairros de Sao queriam ter a sua "praça das bruxas". Mas o Gransistema já determinara apenas uma, para toda a cidade de Sao. O tempo ia passando e Wlaka se confundindo cada vez mais. Trancara-se em seu gabinete, dispensara todos os subordinados, com excessão dos operadores das várias Unicons.

Precisava refletir. Por que ocorria aquilo? Por que, de repente, os habitantes de Sao se interessavam tanto por bruxas? Bem, aquilo certamente já vinha de algum tempo. De quando? Não, não lhe competia esse tipo de investigação. Se o Gransistema já tinha decretado a construção da praça, não lhe cabia penetrar em seus sábios desígnios. Isso seria uma impertinência muito mal vista. Sua função era apenas de executá-la. Mas como, se ainda não conseguira optar pelo local apropriado? Wlaka até pensou em decidir por sorteio. Usaria uma roleta. O bairro que ganhasse, ganharia a praça. Mas logo desistiu. O chefe não concordaria com uma decisão aleatória. Teria que fundamentá-la. Caso contrário, também estaria contrariando sua tese. E até poderia ser substituido por uma roleta!... Noite a dentro, Wlaka se angustiava cada vez mais. Por que uma praça das bruxas?... Não, não podia refletir sobre isso. Amanhã à primeira hora!..., sentia-se acuado, impossibilitado de decidir. Por que "bruxas"?... Quando foi que tudo começou?... Não, não podia. A reflexão histórica era vedada aos funcionários... Só lhes cabia executar. Se pudesse saber a origem... talvez entendesse... Mas isso era muita ousadia!... Não podia investigar. Tanto quanto não podia usar um computador avançado, nem uma roleta. Três impedimentos. E tinha de decidir até amanhã à primeira hora. Wlaka se desesperava, entrava em pane. Mas foi aí que teve um estalo. Dos três impedimentos, talvez o menos grave fôsse o de investigar. Afinal de contas, como teórico consagrado, talvez pudesse inventar uma nova tese, ainda mais revolucionária: a de decisões baseadas em investigação histórica. Loucura total?! Talvez, mas parecia ser sua única chance. Então resolveu investigar. Num ímpeto, invadiu o arquivo morto da Repartição.

Abriu velhas caixas, de onde retirou velhas fitas e cartões perfurados. Com esse material, reabasteceu as "memórias" das Unicons. Reprogramou-as com tudo que havia sobre "bruxas". Imediatamente, recebeu uma primeira resposta. É pela primeira vez, as Unicons concordavam, unânimes. Wlaka se reanimou com essa concordância. Estava no caminho certo. O relato comum das Unicons dizia: "FOI HÁ 24 ANOS ATRÁS, PRECISAMENTE NO ANO BISSEXTO DE 1976, QUE AS BRUXAS COMEÇARAM A SE SOLTAR NA CIDADE DE SAO, NA ÉPOCA AINDA CHAMADA SÃO PAULO". Wlaka sentiu que isso era um início de entendimento. Com um pouco mais de trabalho, chegaria à decisão. E assim pôde continuar, agora mais tranquilo.

Mauro Chaves

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ECONOMIZE GASOLINA. DEIXE O CARRO EM CASA E BOA VIAGEM.

Hoje, antes de pisar no acelerador de um carro, a gente tem que pensar duas vezes.

E quem pensar duas vezes, vai deixa o carro na garagem para viajar.

Todas as nossas capitais e cidades importantes são ligadas por linhas regulares de ônibus.

E eles são atualmente os carros mais econômicos das estradas brasileiras.

Veja este exemplo: para ir de São Paulo ao Rio, 413 km, um automóvel médio gasta aproximadamente Cr$ 130,00 de gasolina e um grande por volta de Cr$ 330,00. Mais o pedágio, o desgaste dos pneus, a tensão, o sono perdido.

De ônibus, essa viagem custa cerca de Cr$ 50,00.

Mais o conforto, a segurança, o descanso e a paisagem em cinemascope.

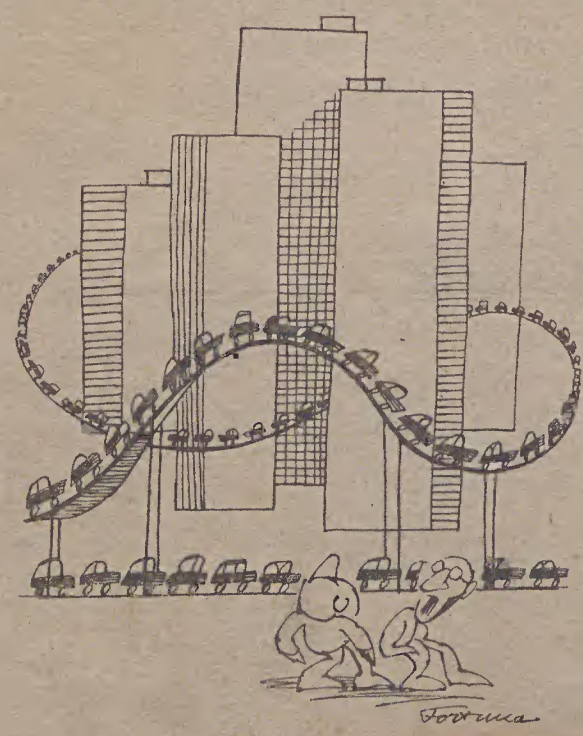
Pense em ônibus. Talvez você não tenha pensado antes, mas você vai gostar.

Um serviço público do
DNER

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

AQUI FORTUNA



– É um monumento ao autor da frase célebre: "Passa por cima!"